

AVISO AO USUÁRIO

A digitalização e submissão deste trabalho monográfico ao *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia* foi realizada no âmbito do Projeto *Historiografia e pesquisa discente: as monografias dos graduandos em História da UFU*, referente ao EDITAL Nº 001/2016 PROGRAD/DIREN/UFU (<https://monografiashistoriaufu.wordpress.com>).

O projeto visa à digitalização, catalogação e disponibilização online das monografias dos discentes do Curso de História da UFU que fazem parte do acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (CDHIS/INHIS/UFU).

O conteúdo das obras é de responsabilidade exclusiva dos seus autores, a quem pertencem os direitos autorais. Reserva-se ao autor (ou detentor dos direitos), a prerrogativa de solicitar, a qualquer tempo, a retirada de seu trabalho monográfico do *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia*. Para tanto, o autor deverá entrar em contato com o responsável pelo repositório através do e-mail recursoscontinuos@dirbi.ufu.br.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE HISTÓRIA

MARIAS, MADALENAS E EVAS. REPRESENTAÇÕES PARA A PUREZA, O
PECADO E A DESOBEDIÊNCIA DA MULHER NO POEMA BÍBLICO *CÂNTICO
DOS CÂNTICOS*: UMA LEITURA POSSÍVEL.

ADRIANA SIMÕES MONTEIRO MACIEL

ADRIANA SIMÕES MONTEIRO MACIEL

MARIAS, MADALENAS E EVAS. REPRESENTAÇÕES PARA A PUREZA, O PECADO E A DESOBEDIÊNCIA DA MULHER NO POEMA BÍBLICO *CÂNTICO DOS CÂNTICOS*: UMA LEITURA POSSÍVEL.

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em História, do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia, como exigência parcial para obtenção do título de Bacharel em História, sob a orientação da Profª. Dra. Mara Regina do Nascimento.

Uberlândia, Junho de 2011.

ADRIANA SIMÕES MONTEIRO MACIEL

MARIAS, MADALENAS E EVAS. REPRESENTAÇÕES PARA A PUREZA, O PECADO E A DESOBEDIÊNCIA DA MULHER NO POEMA BÍBLICO *CÂNTICO DOS CÂNTICOS*: UMA LEITURA POSSÍVEL.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a Mara Regina do Nascimento - Orientadora

Prof^a. Dr^a Maria Elizabeth Ribeiro Carneiro

Prof^o. Dr^o Guilherme Amaral Luz

À minha família (Irlanda, Juliana, Miguel Bruno, Antônio Miguel e Winds) e amigos, com todo carinho e dedicação. Obrigada pela ajuda, amor e compreensão.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradeço a Deus, que sempre foi fonte de inspiração e sabedoria, que apesar de tantos atos injustos feitos em seu nome, ainda é digno de toda admiração. Agradeço pela formação única que me fez, enquanto um ser humano que fosse capaz que pensar em questões relativas a seus inúmeros mistérios e me deu sabedoria para entender a dinâmica da sociedade e dos homens.

À minha família, que sempre acreditou no meu potencial enquanto historiadora em formação, me apoiando em cada obstáculo surgido ao longo do percurso, encorajando e incentivando. De modo especial, agradeço a cada mulher que fez parte desta trajetória, mamãe, irmã, colegas, amigas e minha orientadora, que em suas dores, aflições, conquistas e lutas me inspiraram e motivaram a redação desta pesquisa tão importante na minha vida.

À minha orientadora que sempre teve paciência em momentos de aflições e insegurança diante de um trabalho que exigiu muito esforço e dedicação. Obrigada pela disponibilidade em ler e revisar cada parte que se formava ao longo dos meses. Obrigada pelas indicações de leituras que foram riquíssimas para a conclusão deste trabalho e que são bases para futuras pesquisas. Obrigada pelas reuniões de orientação que não hesitou em dedicar seu tempo e conhecimento para o desenvolvimento desta pesquisa.

Agradeço a todos meus amigos de graduação que trilharam o caminho junto comigo, no qual compartilhamos momentos de alegrias e momentos de dificuldades.

Aos funcionários do Instituto de História que sempre me trataram com estima e respeito, em especial, ao secretário João Batista, que nunca deixou de me ajudar e me orientar em questões práticas da graduação.

Agradeço a cada professor do curso de História da Universidade Federal de Uberlândia que contribuíram para minha formação profissional. No qual tenho grande admiração pelo exemplo de profissionais e dedicação na área em que escolheram, são referências para minha atuação enquanto futura professora.

RESUMO

Esta pesquisa procura apresentar o poema Cântico dos Cânticos e sua relação com o Catecismo da Igreja Católica e com as Cartas Encíclicas, tendo como temáticas principais as questões de gênero e da sexualidade feminina. Conjecturamos a existência de uma narrativa que cria, dissemina e reforça condutas que levam à discriminação sexual e que promovem a manutenção de heranças patriarcais por parte da Igreja Católica. Tentamos revelar como as representações sociais são construídas ao longo do tempo e afirmadas em momentos históricos diferentes. Através destas, podemos perceber que o jogo de poder pode estar implícito, subentendido, mas não ausente, bastando olhar nas entrelinhas para encontrá-lo. Na perspectiva da Igreja Católica, a mulher deve tomar como espelho um ícone de moral exemplar: Maria, a mãe de Jesus. Sua pureza e castidade devem servir de modelo para todas as mulheres, em diferentes tempos e contextos. No entanto, o poema bíblico Cântico dos Cânticos apresenta-nos outra opção para o lugar da mulher na sua relação com o homem; retrata uma sensualidade para o corpo feminino, que deve ser motivo de exibição e admiração. E é sobre este impasse que nossa pesquisa se desenvolveu: o poema é relegado ao esquecimento nas aulas e manuais de catequese, como também nos sermões dominicais, dentro dos templos católicos, mas não deixa de fazer parte do cânone bíblico. Concluimos, a partir da análise feita dos documentos selecionados para esta pesquisa, que a Igreja Católica contemporânea mantém um discurso conservador e moralizante que procura aquietar e inibir os desejos carnis femininos, delegando à mulher uma posição de inferioridade em relação ao outro sexo.

Palavras-chave: Cântico dos Cânticos, Igreja Católica, Mulher, Sexualidade.

Sumário

Apresentando as fontes desta pesquisa	08
Introdução	10
Capítulo 1. Igreja Católica e documentos eclesiais: possibilidades de pesquisa	17
1.1. Igreja Católica: instituição patriarcal?	17
1.2. O discurso eclesiástico sobre o gênero feminino e sexualidade	25
1.3. O imaginário da virgindade feminina	28
1.4. Catecismo, cartas encíclicas e gênero	30
1.5. Gênero: ferramenta de estudo para compreender as relações sociais	34
1.6. Corpo, religião e gênero	38
Capítulo 2. O livro Cântico dos Cânticos como percurso de investigação	41
2.1. O Cântico dos Cânticos e sua estrutura	41
2.2. O <i>Cântico</i> e suas interpretações	44
2.3. Por uma conceituação do <i>Cântico</i> : entre o imaginário e as representações sociais	49
Capítulo 3. Identidades femininas no Cântico dos Cânticos	56
3.1. Uma tradução do poema Cântico dos Cânticos	56
3.2. Uma breve, e possível, leitura do poema	70
3.3. Contraposições ao poema: Cântico dos Cânticos e os documentos da Igreja Católica	76
Conclusão	79
Bibliografia	82
Anexo A (Cântico dos Cânticos – tradução da Bíblia Ave-Maria)	86
Anexo B (Diretrizes para a Catequese – Diocese de Uberlândia)	96

Apresentando as fontes desta pesquisa

Antes de iniciar o texto monográfico, propriamente dito, gostaríamos de apresentar ao leitor os documentos que nos serviram de fonte e inspiração para iluminar nosso objeto. Escolhemos como recorte, nessa pesquisa, a análise de quatro Cartas Encíclicas que abordam a temática mulher e sexualidade em um determinado período histórico que compreende o pontificado do papa João Paulo II. Vale ressaltar que há várias outras Cartas editadas por Pio XI, Bento VI, João XXIII e por outros papas, que abordam a mesma temática, no entanto, fizemos escolhas por uma questão de preferência por um recorte temporal. O motivo da escolha destas fontes primárias foi devido ao fato de as mesmas apresentarem o discurso oficial da Igreja Católica em relação ao tema, e por possibilitarem comparar com o poema Cântico dos Cânticos.

Outra fonte primária é o Catecismo da Igreja Católica. Este documento expressa os dogmas da doutrina católica, e traz aos fiéis o direcionamento de suas ações e condutas a serem tomadas na perspectiva religiosa. Em todas estas fontes primárias é possível compreender a concepção de mulher que a Igreja Católica constrói e adota ao longo das décadas.

Quanto ao poema Cântico dos Cânticos utilizamos o da tradução da Bíblia Ave-Maria, mas, tivemos acesso a outras traduções, como por exemplo, a Bíblia de Jerusalém que serviu de comparação de algumas expressões e palavras.

Em todas essas fontes o tratamento dado foi o da perspectiva qualitativa, na busca de revelar as doutrinas, os aconselhamentos, os ensinamentos emitidos pela Igreja e suas formas de transmissão aos fiéis, sobretudo naquilo que diz mais respeito à mulher e sua conduta social e sexual. O que pretendemos trazer à luz, com esta documentação, foram os discursos eclesiais e os sentidos que dão aos comportamentos femininos para a sociedade contemporânea.

Todas as Cartas Encíclicas estão disponíveis integralmente no ‘site’ do Vaticano (www.vatican.va); especialmente as que se seguem:

JOÃO PAULO II. A dignidade e a vocação da mulher “Mulieris dignitatem”. Edições Paulinas, 6ª Edição – 2005, São Paulo, 1990. Dado em Roma, junto de São Pedro, no dia 15 de agosto – solenidade da Assunção de Maria Santíssima – do ano de 1988, décimo de pontificado.

JOÃO PAULO II. **A mãe do redentor “Redemptoris Mater”**. Edições Paulinas, 4ª Edição, São Paulo, 1987. Dado em Roma, junto de São Pedro, no dia 25 de março – Solenidade da Anunciação do Senhor – do ano de 1987, nono do meu Pontificado.

JOÃO PAULO II. **A missão da família cristã no mundo de hoje “Familiares Consortio”**. Edições Paulinas, 23ª Edição – 2010, São Paulo, 1981. Dado em Roma, junto de São Pedro, no dia 22 de novembro de 1981, Solenidade de N. S. Jesus Cristo, Rei do Universo, quarto ano de meu pontificado.

JOÃO PAULO II. **Carta às famílias**. Edições Paulinas, 8ª Edição – 2010, São Paulo, 1994. Dado em Roma, junto de São Pedro, no dia 2 de fevereiro, Festa de Apresentação do Senhor, do ano de 1994, décimo sexto de Pontificado.

JOÃO PAULO II. **Catecismo da Igreja Católica**. Edições Típica Vaticana, São Paulo: Editora Loyola, 2000.

O poema Cântico dos Cânticos pode ser encontrado em várias traduções, no entanto para esta pesquisa foram utilizadas as seguintes traduções.

- A Bíblia de Jerusalém. Nova Edição, revista. São Paulo, Edições Paulinas, 1985.
- Bíblia Sagrada Ave Maria. 171ª Edição. São Paulo, Editora Ave-Maria, 2006.
- A Bíblia Sagrada. Tradução das Línguas originais por João Ferreira de Almeida. Estados Unidos da América. Editora Vida. Edição Contemporânea, 1991.

INTRODUÇÃO

A temática ligada à religiosidade, e os inúmeros estudos que ela pode sugerir, começaram a interessar-me de perto, quando, como historiadora em formação e também uma participante ativa do movimento católico de Uberlândia, coloquei-me a refletir sobre as relações possíveis entre religião – a partir dos dogmas da Igreja Católica –, as questões de gênero e os padrões de comportamento feminino. Meu interesse principal volta-se à discussão em torno de certos discursos oficiais e como estes moldaram, ou deram sentido, a determinados comportamentos dos fiéis, sobretudo no que diz respeito à mulher.

Instiga-me descobrir mais sobre a relação entre religião e sexualidade, pois neste contexto o tema que se refere aos comportamentos considerados adequados/inadequados é um assunto sobre os quais as pessoas em geral preferem se calar. Trechos bíblicos, interpretações posteriores destes e documentos modernos produzidos por líderes da Igreja Católica, em diferentes contextos históricos e que chegaram até nós, afirmam que o papel da mulher é o de ser uma boa esposa, mãe cuidadosa e dedicada ao lar. No contexto religioso católico, a mulher deve seguir o exemplo de Maria, mãe de Jesus, modelo de mulher perfeita, que soube aceitar sua missão de ser mãe.

Em contraposição temos as personagens Maria Madalena e Eva, essas personagens bíblicas tiveram o modo de vida totalmente diferente da Maria mãe de Jesus. Eva foi uma mulher que tem como característica principal a desobediência a Deus, pois segundo o relato bíblico contido no livro do Gênesis, a mesma foi seduzida por uma serpente para comer o fruto proibido por Deus, no entanto, desobedeceu a uma ordem do criador. O Catecismo ressalta essa marca de Eva, “A Escritura mostra as consequências dramáticas desta primeira desobediência. Adão e Eva perdem de imediato a graça da santidade original.”¹

A outra personagem bíblica Maria Madalena é caracterizada pelo pecado do adultério, pois vivia uma vida pecaminosa, no qual mantinham relacionamentos íntimos com vários homens ao mesmo tempo, o que tornava a mesma uma mulher adúltera. Somente a partir do encontro com Jesus Cristo sua vida muda, as suas condutas não são

¹ JOÃO PAULO II. **Catecismo da Igreja Católica**: São Paulo: Edições típicas vaticana. Editora Loyola, 2000. § 399, p. 113.

as mesmas. Maria Madalena abandona a fama de ser uma pecadora e passa a ser uma serva de Cristo.

A imagem de Maria foi fonte inspiradora da espiritualidade sacerdotal e também do modelo cristão de mulher, veiculado por diferentes discursos, entre eles religiosos e o educacional, e, como tal, reiterado como referência para os comportamentos, papéis e atribuições definidos como próprios do sexo feminino. [...] Na construção de uma realidade comum a um conjunto social observa-se a força instauradora do imaginário religioso e das representações que o constituem, entre elas a de família e mãe cristãs, ancoradas pela imagem de Maria – mulher ‘doce e sensata’... Tais construtos apontam para a metamorfose operada pela substituição da ‘Eva pecadora’ pela da ‘santificada Maria’, como paradigma de feminilidade nas sociedades ocidentais cristãs... Eva e Maria, como símbolos, na tradição cristã ocidental, mas, também, conforme atenta Joan Scott, como ‘mitos de luz e escuridão, purificação e poluição, inocência e corrupção.’²

Pretendo abordar gênero como categoria de análise para tentar compreender os significados atribuídos ao feminino e como estes se constituem ao longo do tempo em contextos diversos e através das instituições e práticas sociais, em especial em relação à instituição elencada, a Igreja Católica, seus dogmas e discursos dedicados a gênero.

A leitura do livro “Cântico dos Cânticos” auxiliou-me a pensar que é possível estabelecer um diálogo entre: mulher, religião, sexualidade e igreja católica. Nessa perspectiva, considero que estudar esses temas pode ser de suma importância para compreender as relações humanas presentes na sociedade contemporânea. Intenciono demonstrar que, comparando intervalos históricos, contemporaneamente a Igreja Católica silencia-se diante desse livro, durante as atuais celebrações litúrgicas.

O primeiro capítulo **Igreja Católica e documentos eclesiais: possibilidades de pesquisa** têm por objetivo analisar do Cântico dos Cânticos, uma vez que o mesmo será uma das fontes documentais sobre as quais me apoio para a realização desta pesquisa. No entanto, o objetivo principal é estudar a sexualidade da mulher católica no século XXI, fazendo paralelo com o conteúdo do Cântico dos Cânticos, para pensar na repreensão que a mulher vem sofrendo por parte da Igreja Católica em relação aos seus comportamentos sociais, na forma de preceitos emitidos ou sugestão de condutas, nem sempre explícitas, mas na maior parte das vezes difundidas através de um discurso velado. O discurso eclesial a partir do Catecismo e Cartas Encíclicas será colocado em evidência.

² MUNIZ. Diva do Couto Gontijo. **Um toque de gênero: História e Educação em Minas Gerais (1835-1892)**. Brasília: Editora Universidade de Brasília; Finattec, 2003, p. 150-151.

O discurso religioso acerca do corpo expressa sua intenção em controlar e manipular os corpos e suas ações. Neste sentido, devemos interrogar o motivo que assuntos relacionados à sexualidade dos corpos são assuntos reservados e porque a Igreja não coloca em discussão. Procurar entender o motivo pelo qual o poema Cântico dos Cânticos caiu no esquecimento e o porquê de sua abordagem não ser divulgada pela Igreja, são algumas das intenções desta pesquisa.

Assim comungando com o pensamento de Louro, é necessário pensar o gênero como categoria de análise de uma determinada sociedade e em determinado tempo, uma vez que:

*A inscrição dos gêneros – feminino ou masculino – nos corpos é feita, sempre, no contexto de uma determinada cultura e, portanto, com as marcas dessa cultura. As possibilidades da sexualidade – das formas de expressar os desejos e prazeres – também são sempre socialmente estabelecidas e codificadas. As identidades de gêneros e sexuais são, portanto, compostas e definidas por relações sociais, elas são moldadas pelas redes de poder de uma sociedade.*³

Nesta perspectiva, pretendo analisar o conceito de gênero feminino, enquanto categoria de análise que nos permite entender a mulher em determinado contexto histórico e perceber os efeitos e sentidos que esse contexto social provoca nas identidades femininas. A rede de poder sobre a qual irei articular essa relação será a da religião, especialmente, aquela estabelecida pelos dogmas da Igreja Católica.

No segundo capítulo procuro desenvolver uma análise sobre as possibilidades do **livro Cântico dos Cânticos como percurso de investigação**. Nesta parte apresento a estrutura do poema e suas possíveis interpretações. Em seguida, tento conceituar o Cântico dos Cânticos tanto na perspectiva do imaginário social, como na da Igreja Católica quando trabalha sua interpretação do livro com os fiéis.

E, por fim, apresento uma tradução do poema e realizo uma possível leitura do mesmo. No capítulo investigo os discursos católicos nos documentos eclesiais e como a Igreja Católica, na sociedade contemporânea, lida com a questão da sexualidade e da sensualidade dos corpos no livro, Cântico dos Cânticos. Considero que a Igreja é uma instituição que, apesar de buscar se adaptar e acompanhar as mudanças da sociedade,

³ LOURO, Guacira. (org.). Pedagogias da Sexualidade. In: **O corpo educado: Pedagogias da Sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica 2000. p. 11.

tem mantido-se extremamente conservadora em alguns pontos essenciais de sua doutrina, principalmente no que se refere às questões de gênero.

Recentemente, no mês de maio do ano de 2011 o Vaticano, demitiu o bispo australiano Dom William M. Morris⁴ que defendeu a ordenação de mulheres. O bispo fez sua defesa em uma carta escrita em 2006 alegando que a Igreja Católica passa por uma escassez de vocações e diante desse fato mulheres e homens casados segundo sua perspectiva deveriam pertencer ao sacerdócio. Essa manifestação particular do bispo acarretou em sua demissão do corpo eclesial, no qual o Vaticano mantém uma posição conservadora acerca da exclusividade masculina no exercício do sacerdócio.

Esse acontecimento é apenas um dentre vários outros que pode mostrar a atitude da Igreja diante de opiniões que vão contra seus princípios.

Neste sentido, é necessário entender as relações de poder que existem dentro do contexto religioso católico. Para tanto Foucault assume a função de clarear o caminho que pretendo trilhar ao tentar explicar como estas relações são dadas e consolidadas no cotidiano da vida social.

[...] ponto de passagem particularmente denso pelas relações de poder; entre homens e mulheres, entre jovens e velhos, entre pais e filhos, entre educadores e alunos, entre padres e leigos, entre administração e população. Nas relações de poder, a sexualidade não é o elemento mais rígido, mas um dos adotados da maior instrumentalidade: utilizável no maior número de manobras, e podendo servir de ponto de apoio, de articulação às mais variadas estratégias.⁵

E é neste contexto de relações de poder que elegerei para a análise, uma vez que o poder possui diferentes mecanismos que possibilita disciplinar e controlar comportamentos dos sujeitos sociais. Inicialmente pode parecer que o poder é invisível, no entanto, ao analisar as relações sociais, principalmente, mulheres e igreja católica, podem concluir que o poder age de maneira discreta e sutil.

Os discursos, como os silêncios, nem são submetidos de uma vez por todas ao poder, nem opostos a ele. É preciso admitir um jogo complexo e instável em que o discurso pode ser, ao mesmo tempo, instrumento e efeito de poder, e também obstáculo, escora, ponto de resistência e ponto de partida de uma estratégia oposta. O discurso veicula e produz poder, retorça-o mas também o mina, expõe, debilita e permite barrá-lo. Da mesma forma, o silêncio e o

⁴ Disponível no site:

http://www.ihu.unisinos.br/index.php?option=com_noticias&Itemid=18&task=detalhe&id=43286, acesso em 30/05/2011.

⁵ FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1988, p. 98.

*segredo dão guarida ao poder, fixam suas interdições; mas, também, afrouxam seus laços e dão margem a tolerâncias mais ou menos obscuras.*⁶

Para entender os discursos da Igreja Católica devemos considerar a posição de Foucault, uma vez que os discursos não estão dados, mas devemos buscar desvendá-los através de suas manifestações acerca de determinada temática. Um mesmo discurso pode possuir várias estratégias e suportes, como por exemplo, documentos, comportamentos, imagens e outros tantos.

Partilhando com o pensamento de Hermann, acredito ser a religião um objeto de investigação que possibilita entender os homens em seu tempo histórico. Aqui o que busco em especial é entender a construção do gênero feminino e sua sexualidade relacionadas com os dogmas, preceitos e ensinamentos previstos pela religião Católica. Levando em consideração que “‘a ciência das religiões’, ou a ‘história das religiões’, passou a ter um objeto específico: a origem das religiões, de um lado, e a essência da vida e do homem religioso, do outro.”⁷ no qual possibilita estudar o desenvolvimento e atuação dos dogmas e das crenças religiosas em diferentes tempos e contextos.

O enfoque na religião possibilita estudar os fatos ocorridos na antiguidade até os dias de hoje, para podermos perceber manifestações de diferentes povos em diferentes épocas. Reconheço, entretanto, a impossibilidade de tal empreitada para um exercício inicial de pesquisa, no formato de uma monografia. Por esta razão, ao longo da leitura e pesquisa com as fontes, estabeleço recortes temporais curtos, mas que podem exemplificar meus objetivos. Essa dinâmica permite de um lado aprofundar a temática, e de outro, clarear minhas primeiras hipóteses.

Até este momento, entretanto, tenho como assertiva que a religião não é nova na história da humanidade, e por esta razão isso possibilita um campo de estudo que aponta para vários caminhos.

*Embora o deslocamento no tempo e no espaço, nas sociedades seja um movimento autônomo e esperado, poder-se-ia dizer que há a permanência de um eixo em torno do qual a conduta, ações e pensamentos humanos se orientam.*⁸

⁶ FOUCAULT. Op. Cit., p. 96.

⁷ HERMANN, Jacqueline. História das religiões e religiosidades. In: VAINFAS, Ronaldo. **Domínios da História**. Rio de Janeiro. Campus, 1997. p. 335.

⁸ FARIA, Suely Pereira de. **Corpo e religião**. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Universidade Católica de Goiás, 2004. p. 11.

Acredito que esse eixo central seja a religião, no qual os homens e mulheres buscam se orientar e é nesta perspectiva que pretendo caminhar, pois o livro do antigo testamento Cântico dos Cânticos até nos dias de hoje é adaptado para o discurso da Igreja, que faz suas interpretações condicionando o amor que está no livro como sendo aquele de Deus pela sua Igreja.

A historiadora Magali Engel faz a abordagem da sexualidade como objeto de estudo:

*O primeiro caminho orienta-se no sentido de uma história dos discursos sobre o sexo,... e o outro caminho aponta para uma história das vivências e do cotidiano da sexualidade, priorizando o estudo dos comportamentos revelados dos variados usos do corpo.*⁹

Destaco que utilizo desses dois caminhos como possibilidade para este estudo. Pretendo analisar o discurso da Igreja Católica, que parece ter por objetivo “domesticar” o corpo feminino pelo “sacramento do matrimônio”. Para realizar essa análise, parto do poema: Cântico dos Cânticos, Catecismo e das Cartas Encíclicas de meados do século XX, quando o papa João Paulo II escreveu para as comunidades, orientando leigos e leigas acerca das condutas morais que devem seguir.

Discutir sexualidade para a mulher do século XXI no contexto religioso significa mexer em questões delicadas, pois estaremos enfrentando campos de discussão que envolve crenças e valores cristalizados, como por exemplo, os dois conceitos largamente utilizados pela Igreja Católica, de pureza e de impureza, corporificados nas personagens bíblicas (Maria e Maria Madalena) que carregam esses conceitos em suas trajetórias: Maria, a mãe de Jesus Cristo, considerada pura, devido à característica de ser virgem e obediente a Deus, enquanto a impureza está reportada a Maria Madalena, uma prostituta, que vivia uma vida desregrada.

Enfim, discutir sexualidade é considerar vários elementos religiosos que norteiam o pensamento da e sobre a mulher. Como é abordado por Faria:

*Discutir os enlaces entre sexualidade e religião, requer que se organize um conjunto de dados que envolve passado, o presente e as perspectivas para um futuro próximo, construindo uma linha imaginária identificando tempo e espaço na dinâmica social e psicológica em uma cultura localizada.*¹⁰

⁹ ENGEL, Magali. História e sexualidade. In: CARDOSO, Ciro Flamarion e VAINFAS, Ronaldo (orgs.). **Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro. Campus, 1997, p. 298.

¹⁰ FARIA, Op. Cit., p. 22.

Pensando na atuação da Igreja Católica na contemporaneidade, especialmente, nos discursos voltados para a formação de personalidades, trago as ‘Diretrizes para a Catequese’ da Diocese de Uberlândia, (em anexo) em que os catequistas que compõem toda a Diocese buscam orientações para direcionar os encontros de catequese. Nestas diretrizes podemos verificar todo o conteúdo programático que as crianças de sete aos quatorze anos de idade estudam ao longo de cada etapa.

A catequese trabalha com vários temas, no entanto, restrinjo apenas ao tema da *Família, Sentimento e Matrimônio*, uma vez que essas temáticas fazem parte desta pesquisa. Apresento de maneira rápida os enfoques que os catequistas devem fazer ao trabalhar cada tema. No tema Família as Diretrizes (anexo B, p.25) recomendam que devam fazer os seguintes apontamentos: *O que é família; Faço parte de uma família, Dia das Mães, Dia dos Pais, Namoro, A família hoje: desafios e problemas/luzes e sombras e A família no Plano de Deus. (Ser Cristão no mundo de hoje: testemunhar diante de um mundo moderno, da ciência e da tecnologia)*. No tema Sentimentos (anexo B, p. 26) os apontamentos são os seguintes: *Afetividade, Amizade e Sexualidade o que é (Gravidez precoce; masturbação)*. E por fim, no tema Matrimônio (anexo B, p. 28) temos o seguinte: *Divórcio (problemas e anseios humanos; e projeto de Deus para felicidade maior)*.

Neste sentido, podemos perceber o discurso conservador por parte da Igreja Católica. No desenrolar desta pesquisa poderemos perceber que estes apontamentos feitos nas Diretrizes são resquícios do discurso da Igreja presente no Catecismo da Igreja Católica e nas Cartas Encíclicas. Mas, em contraposição a esse discurso temos o poema bíblico Cântico dos Cânticos, que remete a sexualidade e a mulher sobre outra perspectiva.

*“Teus lábios são como um fio de púrpura, e graciosa é tua boca.
Tua face é como um pedaço de romã debaixo do teu véu;
Teu pescoço é semelhante à torre de Davi, construída para depósito de
armas.
Aí estão pendentes mil escudos, todos os escudos dos valentes.”
(Ct, 4, 3-4)*

CAPÍTULO 1

Igreja Católica e documentos eclesiais: possibilidades de pesquisa

1.1 Igreja Católica: instituição patriarcal?

A Igreja Católica Apostólica Romana¹¹ é uma das instituições religiosas mais antigas do ocidente. Sua história compreende um período de aproximadamente dois mil anos, o imperador responsável pela expansão e pela divulgação do cristianismo foi Constantino que se converteu a essa nova religião através de um sonho, no qual o deus cristão prometeu a vitória sobre uma batalha se o mesmo divulgasse o cristianismo como a religião do império.

*No decênio seguinte, em 324, a religião cristã assumia com um golpe único uma dimensão ‘mundial’ e Constantino estaria alçado à estatura histórica que dali em diante seria a sua: ele acabava de esmagar Licínio no Oriente, [...] e assim restabelecia sob seu domínio a unidade de império Romano, reunindo as duas metades sob o seu cetro cristão. O cristianismo dispunha daí em diante desse imenso império que era o centro do mundo e que se considerava com a mesma extensão da civilização. Aquilo a que se chamará por longos séculos de Império Cristão, sim, a Cristandade acabava de nascer.*¹²

De maneira resumida, podemos traçar a expansão do cristianismo nos primeiros séculos de sua existência

¹¹ Ao longo do trabalho utilizaremos apenas a terminologia de Igreja Católica, mas a pesquisa concentra-se na instituição oficial Igreja Católica Apostólica Romana. Para fins de esclarecimentos, o termo “católico” significa universal em grego, e é dirigida a todos os homens sem exceção; “apostólica”, por sua origem ligada aos doze apóstolos de Jesus Cristo e, “romana” por sua autoridade maior estar em Roma.

¹² VEYNE, Paul. **Quando nosso mundo se tornou cristão [312-394]**. Rio de Janeiro. Civilização brasileira, 2010. p. 19.

*Da Palestina, o cristianismo passou rapidamente para a Síria e para Ásia Menor, e cedo se irradiou, embora de início timidamente, na Itália, na Ilíria, na Espanha e na Gália. Esta difusão foi-se tornando densa à medida que se estabeleceram novas comunidades em África, no Egito, na Cirenaica e sobretudo na sequência da dilação das fileiras dos fiéis da nova religião. A Europa continental cedo se encontrou na esfera de ação cristã, e importantes centros de difusão se constituíram em Espanha e na Irlanda. A ação de Constantino também disse respeito a uma rede de comunidades largamente desenvolvidas, e os contatos estreitos entre as várias comunidades permitem-nos falar de uma certa organização, da formação de uma certa ossatura eclesiástica.*¹³

Nesse contexto o apoio do imperador Constantino foi crucial para o sucesso da religião cristã, pois na medida em que o imperador dominava novos territórios alargava território da fé cristã.

Desde o princípio, o cristianismo apresenta uma particularidade própria, a questão da moral já estar presente nos primeiros registros da religião cristã. Ao analisar a conduta adotada por Jesus Cristo podemos levantar a possibilidade de que Jesus trabalhou com o princípio do “amor ao próximo” e sua postura de vida apresenta essa característica. No entanto verificamos outra postura da instituição religiosa católica:

*Para grande surpresa nossa, os textos cristãos falam com muito mais frequência desse moralismo do que de amor. Enquanto a Epístola a Diogneto, obra de erudito, convidava a imitar o amor de Deus pelos homens amando-o e ajudando os pobres e fracos, o bispo Cipriano prescreve a necessidade de não pecar e de obedecer a Deus sem pretender imitá-lo, assim como um exército não imita seu general, mas o segue, obedece-o; uma autoridade, qualquer que seja, prefere geralmente os subordinados que se contentam em não desobedecer aos que tomam positivamente iniciativas.*¹⁴

Talvez essa característica própria seja o grande motivo de sua manutenção enquanto instituição religiosa que sobreviveu e sobrevive ao longo dos séculos. Outro ponto importante a ser analisado é a presença da autoridade eclesial que existe dentro da estrutura da Igreja Católica, uma vez que ao estudarmos a Bíblia podemos interpretar que nos textos bíblicos não há menção de uma religião com estruturas hierárquicas fixas.

A imagem transmitida pelo Novo Testamento atribui unicamente a Deus o poder sobre os fiéis: os outros apenas podem exercer em seu nome. É um ponto importante porque, ao longo de toda a história do cristianismo, as Sagradas

¹³ ROMANO, Ruggiero (org.). **Enciclopédia Einaudi (Mytos/Logos; Sagrado/Profano)**. Lisboa: Imprensa Nacional; Casa da Moeda, 1987, v.12. p. 167.

¹⁴ VEYNE, Paul. Op. Cit., p. 44

Escrituras iriam veicular desta forma a mensagem de uma religião sem estruturas hierárquicas fixas.¹⁵

Na perspectiva católica sua origem deu-se com Jesus Cristo, que designou o apóstolo Pedro para edificar sua Igreja. Posteriormente São Pedro tornou-se o Bispo de Roma, conhecido como autoridade suprema da instituição. A partir de Jesus Cristo e São Pedro o cristianismo expande-se por todos os continentes, porém não sem sofrer perseguições acirradas por imperadores.

Dâmaso I, bispo de Roma, declara em 382 que o primado de Roma deriva da atribuição dos poderes por Cristo a São Pedro, enquanto que o seu sucessor Sirício usa o título de ‘papa’, quase ‘pai’, em relação aos outros bispos. Em meados do século seguinte, Leão I reassumirá o antigo título de pontífice máximo, restaurando a denominação pagã.¹⁶

A Igreja Católica, instituição selecionada para ser analisada neste trabalho, possui uma hierarquia, tendo como chefe maior o papa, que representa autoridade máxima dentro da instituição católica. A doutrina católica está expressa em vários documentos editados pela mesma, mas em especial, no Catecismo da Igreja Católica (CIC), que apresenta de forma resumida toda a doutrina cristã. Além do CIC, as Cartas Encíclicas, editadas pelo papa João Paulo II, também apresentam elementos pertinentes às temáticas selecionadas para esta pesquisa. O CIC é um documento que contém o discurso oficial da Igreja Católica, por isso é uma fonte primária para o historiador, assim como as Cartas Encíclicas.

A doutrina Católica tem como base os dogmas, verdades absolutas, que não abrem espaço para questionamentos. São teoricamente uma questão de fé, como por exemplo, o dogma da Santíssima Trindade, Assunção da Virgem Maria e outros. A este respeito cito um fragmento do CIC que remete ao conceito de dogma de fé.

O Magistério da Igreja empenha plenamente a autoridade que recebeu de Cristo quando define dogmas, isto é, quando, utilizando uma forma que obriga o povo cristão a uma adesão irrevogável de fé, propõe verdades contidas na Revelação divina ou verdades que com estas têm uma conexão necessária.¹⁷

¹⁵ ROMANO, Op. Cit., p. 170.

¹⁶ ROMANO, Op. Cit., p. 173.

¹⁷ JOÃO PAULO II. **Catecismo da Igreja Católica**: São Paulo. Edições Típica Vaticana, Editora Loyola, 2000, § 88, p. 36.

A doutrina católica resume-se na oração do Credo, na oração do Pai-Nosso, no ensinamento e vivência dos Dez Mandamentos e dos Sete Sacramentos, formando os quatro pilares do catolicismo.

A instituição católica tem uma estrutura hierárquica, rígida, milenar e bem distinta marcada por cargos administrativos, a saber: diáconos, padres, bispos, arcebispos, patriarcas, cardeais e o papa. Vale salientar, que nenhum destes cargos pode ser ocupado por mulheres, mas apenas por homens. As mulheres ocupam posições em irmandades, ordens e congregações caracterizadas como leigas, ou seja, católicas ativas. Podemos perceber a diferenciação entre homens e mulheres desde o século V no contexto religioso:

Testemunhos do século V indicam uma pars virorum, do lado direito nos edifícios orientados, enquanto noutros casos a parte interior da igreja estava reservada aos homens, noutros ainda chega-se a proibir o ingresso das mulheres. Sem dúvida de derivação oriental é o matronato, o qual confina as mulheres a uma parte elevada e praticamente escondida da igreja.¹⁸

Se esse fator é um indicativo de uma certa exclusão do sexo feminino para tomadas de decisões importantes nos destinos da instituição, não seria equivocado afirmar que a Igreja Católica mantém uma posição sexista e patriarcal, diante de seus fieis e assim tem optado por permanecer. Vale ressaltar que esta pesquisa não trata de questões teológicas da Igreja, mas tenta limitar-se a trabalhar com uma visão histórica sobre questões ligadas às relações estabelecidas entre esta secular instituição e as problemáticas em torno da análise social e cultural de gênero.

Estamos posicionados frente a uma estrutura e uma teologia patriarcal que prevaleceu ao longo da maior parte da história do cristianismo oficial, na maioria das tradições cristãs e que tem barrado rigidamente o ingresso das mulheres nos ministérios e situações de poder.¹⁹

Porém, se, oficialmente, a instituição se representa como sexista e patriarcal, internamente enfrenta alguns setores, de certa forma, inconformados com esta rígida estrutura. O catolicismo popular tem, por exemplo, diferentes visões acerca da temática gênero feminino, identidades sociais e sexualidade. Tendo consciência dessa

¹⁸ ROMANO, Op. Cit., p. 190.

¹⁹ ALCÂNTARA, Dalmi Alves. **O catecismo da Igreja Católica e a construção sócio-cultural da concepção de mulher.** Goiânia (Mestrado em Ciências da Religião) – Universidade Católica de Goiás, 2002, p. 28.

diversidade de posições no contexto católico, ressalto que o trabalho se restringe apenas a análise de documentos da Igreja Católica Oficial, não iremos analisar os diferentes posicionamentos dos fiéis acerca da temática proposta.

Partindo da ideia de que todos os documentos selecionados para esta pesquisa têm como público principal a pluralidade dos fiéis católicos (homens, mulheres, padres, diáconos e outros), suscito a reflexão sobre as formas pelas quais os leigos relacionam-se com estes documentos editados pela Igreja Católica, uma vez que há múltiplas interpretações e diversas opiniões acerca da temática feminina, mulher, gênero e sexualidade.

A Igreja Católica possui na sua composição grupos denominados “conservadores” ou “transformadores”, o que torna esta instituição mista em seus pressupostos e diretrizes, o que, segundo meu entendimento, é de suma importância para compreender o movimento da sociedade e perceber a multiplicidades de percepções.

*Para os grupos e membros mais ‘conservadores’, na Igreja e na Sociedade essa diversidade é tida na maioria das vezes como problema; algumas vezes e por grupos mais ‘transformadores’ ela é vista exatamente como o de mais rico e precioso no interior da própria Igreja. Isto significa, por outro lado, a amplitude e a complexidade do fenômeno da fé que não se deixa captar apenas por uma única percepção, mas por uma multiplicidade.*²⁰

Podemos apontar que a Igreja Católica possui uma identidade única, porém baseada na diversidade.

*O pluralismo religioso se expressa nas frestas de uma pretensa homogeneidade; ele brilha na ‘metamorfose das práticas e crenças reelaboradas’ ou reinventadas’. Não há dúvida, este é um país [Brasil] de sincretismo religioso e de intenso trânsito entre tradições que aparentemente se opõem, mas que de forma enigmática deixam no outro as marcas de sua tatuagem.*²¹

Teixeira apresenta a diversidade católica baseado em dados do Censo de 2000, realizado pelo IBGE, no qual a maioria da população brasileira se disse católica, o que não assegura a homogeneidade de poder da Igreja que já apresentou nas últimas décadas um declínio.

Para situar o contexto religioso no qual a pesquisa se desenrola, apresento, ainda que rapidamente, a atuação da Igreja Católica nos últimos séculos em relação ao tema

²⁰ ALCÂNTARA, Op. Cit., p. 51-52.

²¹ TEIXEIRA, Faustino. Faces do catolicismo brasileiro contemporâneo. São Paulo, **Revista USP**, 2005, p. 22.

proposto. No século XIX, em decorrência do movimento que ficou conhecido como Movimento Ultramontano que, grosso modo, foi um empreendimento da instituição religiosa no sentido de sair da situação de submissão ao poder temporal, herdado por longos anos de atuação do regime do Padroado Régio, a Igreja mostra-se ainda mais conservadora. No que se refere à esfera feminina, parece reforçar ainda mais posições conservadoras, uma vez que preocupa em estimular a posição da mulher no contexto familiar.

*Estimular a constituição de famílias legítimas, compreendidas como aquelas em que homens e mulheres estivessem unidos pelo sacramento do matrimônio, bem como a criação de espaços formais de instrução, apresentaram-se, então, como estratégias básicas de disciplinarização da sociedade peculiar que ali se estava formando.*²²

Neste período histórico a Igreja se mostra interessada em garantir e implantar uma ordem cristã, tendo como meta pregar as doutrinas católicas e fazer com que elas fossem cumpridas pelos fiéis. Acredito que a Igreja Católica sempre designou a família como espaço de ocupação da mulher e, neste sentido, trabalha a ideia de que a mulher deve ser, acima de tudo, esposa e mãe e, com menor empenho, ocupar outras posições na sociedade. Neste sentido, a Igreja enfatiza que a família é a célula social básica, ou seja, um indivíduo precisa ter uma boa base, ter seu espaço de convivência garantido, onde a criança possa se sentir segura e protegida por sua família, que tem uma estrutura pautada na figura do pai (masculino) e da mãe (feminina). Conforme Muniz,

*A sacralização da família pressupunha o casamento cristão, solução engenhosa para a prática da sexualidade entre os cônjuges, sem que incorressem no risco do pecado e da condenação eterna, e isso porque se tornara uma prática sancionada e controlada sobretudo pela Igreja Católica.*²³

Enfim, Igreja Católica e o Estado trabalharão juntos nesse objetivo que visava estabelecer e garantir as condutas dos sujeitos sociais. Ambas as instituições procuravam reafirmar seus interesses próprios acerca da esfera familiar. O sacramento do matrimônio veio para atender as esferas públicas e privadas dos fiéis, ou seja,

[...] para as mulheres, dizia respeito ao seu estado de virgindade ou fidelidade, vinculando-se, portanto, à sua sexualidade; para os homens referia-se às ações

²² MUNIZ. Op. Cit., p. 94.

²³ MUNIZ. Op. Cit., p. 97.

*públicas, ao cumprimento dos compromissos assumidos, ao desempenho das funções provedora e protetora relativas à família.*²⁴

Por seu turno, a Igreja Católica do século XX esteve mais voltada para temas sociais, mostrando-se extremamente ativa em diversos setores da sociedade. Um exemplo disso é a organização, em 1952, da 1ª Conferência Nacional de Bispos do Brasil (CNBB), com objetivos claros de desenhar diretrizes que se referissem ao homem rural, ao trabalhador urbano e às condições de vida da população carente nos regimes capitalistas e socialistas. Vale destacar que a CNBB criou também o movimento conhecido como “Campanha da Fraternidade”, essa campanha é criada em 1962. Com esse movimento a Igreja se abre para novos horizontes, demonstrando interesse por questões em que a sociedade estava vivenciando naquele momento e para momentos futuros. A Campanha da Fraternidade se caracteriza por ser um movimento em que a Igreja elege um tema presente na sociedade e leva para a discussão dentro do contexto religioso. Não se pode deixar de mencionar também, neste mesmo período, o aparecimento da Teologia da Libertação, cujo movimento, criado por grupos de teólogos católicos, provocou forte reação contrária nas alas mais conservadoras da instituição.

Portanto, seria um equívoco negar que a Igreja Católica se mostra aberta para discussão de novas e diversas questões, mas, no que refere ao campo feminino parece ainda muito conservadora. O discurso da Igreja se pauta na inserção da mulher na vida familiar, ou seja, esposa e mãe. Para mulheres em que a vida matrimonial não foi possível, as mesmas são aconselhadas a dedicar a Jesus Cristo. Na perspectiva católica a mulher casa-se com um homem ou com a igreja, ou seja, fora dessas duas esferas não há um terceiro lugar para a mulher.

Neste sentido, “(...) para enfrentar um mundo em que as oportunidades eram limitadas não apenas pelas desigualdades de classe, raça e idade, mas, sobretudo de gênero.”²⁵ a mulher se via obrigada a assumir responsabilidades de caráter assistencialista.

O trabalho assistencial foi mais acentuado na esfera feminina, através das senhoras católicas pertencentes à burguesia urbana. As mulheres eram o foco da Igreja Católica para desenvolver trabalhos na área da pobreza. Neste sentido, Azzi apresenta a atuação das mulheres nestes movimentos de caráter assistencialista. “Na década de 1920

²⁴ MUNIZ. Op. Cit., p. 107.

²⁵ MUNIZ. Op. Cit., p. 111.

surgiram novas agremiações femininas: no Rio de Janeiro fundou-se, em 1920, a Associação das Senhoras Brasileiras, e em São Paulo, no ano de 1923, a Liga das Senhoras Católicas.”²⁶

A Igreja, no decorrer dos últimos séculos, emite e reforça o mesmo discurso conservador acerca das funções que a mulher pode desempenhar. Azzi apresenta de forma sistemática ‘o lugar da mulher na sociedade’:

*(...) a Igreja Católica adotou duas atitudes: os setores mais conservadores e reacionários insistiam para que as mulheres voltassem ao recinto do lar, onde encontravam abrigo e proteção, ao invés de se exporem aos perigos de degradação inerentes à vida social; já os grupos mais abertos reconheciam que as mulheres podiam auxiliar no projeto de recristianização da sociedade, mediante sua atuação em algumas áreas específicas de trabalho. Podiam até mesmo coadjuvar, através da ação social e educativa, para que os operários não se afastassem da fé católica.*²⁷

A partir deste trecho podemos concluir que, mesmo diante de grupos mais abertos, as mulheres ainda tinham suas limitações, ou seja, eram vistas apenas como auxiliares e podiam ser inseridas em determinadas áreas de trabalho. Enfim, o conservadorismo sobre as mulheres ainda é predominante. A Igreja Católica ainda mantém certo controle sobre as mesmas, como podemos verificar nas instruções dos bispos da época.

*Os bispos insistiam na educação familiar que a mulher deveria ter, na vida que deveria levar, o modo adequado de se vestir e de se comportar na sociedade. Considerando a mulher como um ser incapaz de se autogovernar, os prelados atribuíam a si a tarefa e a missão de orientá-la em sua vida particular e social. Entre os principais aspectos enfatizados nesse esforço de manter o domínio sobre o mundo feminino estão a inclinação para a vaidade e para a sedução, bem como a fragilidade estrutural da mulher.*²⁸

Portanto, a intenção da instituição religiosa era, e ainda é, a de manter a mulher no seu devido lugar, no lar e cuidando da família. Pois, a Igreja Católica é uma instituição patriarcal, em que a mulher é designada por ‘sexo frágil’, enquanto que o homem se sobrepõe a mesma.

²⁶ AZZI, Riolando. **História da Igreja no Brasil: ensaio de interpretação a partir do povo: tomo II/3-2: Terceira época – 1930-1964**. Petropolis, RJ: Vozes, 2008, p.31.

²⁷ AZZI. Op. Cit., p. 128.

²⁸ AZZI. Op. Cit., p. 129.

*Em síntese, dadas as condições de fragilidade e inferioridade, os clérigos julgavam a mulher incapaz de saber conduzir-se de forma adequada na vida social, cultural, política e econômica. As principais manifestações dessa inaptidão feminina eram decorrentes de sua inclinação pecaminosa para a vaidade e a imoralidade.*²⁹

Sob a perspectiva que adotei até aqui, acredito que o clero esqueceu-se do livro Cântico dos Cânticos e das representações para o feminino, para o enlace amoroso e para a sedução que ele constrói. Elementos que trarei à baila novamente no último capítulo desta monografia.

1.2 O discurso eclesiástico sobre o gênero feminino e sexualidade

Para entender o discurso da Igreja Católica optamos por fazer a seleção de documentos editados pela mesma no período compreendido entre as décadas de 80 e 90, a saber: Cartas Encíclicas e Apostólicas emitidas pelo Papa João Paulo II (- Carta Encíclica – *Familiales consortio* (1981) do papa João Paulo II, sobre o papel da família cristã; Carta Encíclica – *Redemptoris Mater* (1987) do papa João Paulo II, sobre o papel da virgem Maria na vida da Igreja peregrina; Carta Apostólica às mulheres, *Mulieris dignitatem*, João Paulo II (1988), sobre a dignidade da mulher; Carta Apostólica às famílias, João Paulo II (1994); e o Catecismo da Igreja Católica.

As Cartas são documentos elaborados pela Igreja Católica e direcionadas a seus fiéis e a toda humanidade, que tem por objetivo orientar e/ou esclarecer as pessoas em determinados assuntos, por isso cada Carta trata de um assunto em especial ou de assuntos que estão na mesma esfera. As cartas selecionadas são voltadas para o tema da família, da mulher e da sexualidade, nas quais podemos identificar um discurso acerca das temáticas e como as mesmas perpassam anos e anos. Margoliner apresenta uma definição bem clara de Carta Encíclica:

*Do grego 'egkuklios' (circular), encíclica é um termo que remonta aos primeiros tempos do cristianismo – século IV- e designava as cartas trocadas entre bispos e arcebispos. Atualmente, uma encíclica é um dos vários documentos oficiais utilizados pelos papas direcionados à hierarquia da Igreja Católica e aos fiéis de todo o mundo.*³⁰

²⁹ AZZI. Op. Cit., p. 132.

³⁰ MARGOLINER, Jonnathan Monteiro. **A Encíclica Mater Et Magistra (1961) como leitura de uma época: o século XX e as questões sociais.** Monografia apresentada ao curso de Graduação em História da Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, 2009, p. 35.

De maneira simplificadora apresento um breve esboço das Cartas selecionadas para esta pesquisa. Carta Encíclica – *Familiales consortio* (1981) do papa João Paulo II, sobre o papel da família cristã, apresenta as dificuldades que a família cristã enfrenta no mundo contemporâneo. Segundo a Carta o sacramento do matrimônio é a base para a formação de uma família, sendo o sacramento e a família valores preciosos da humanidade e que os homens devem cuidar e zelar. A carta argumenta que os filhos são bênçãos de Deus na vida matrimonial e que os pais devem educá-los na fé cristã, segundo os mandamentos de Deus. A carta argumenta que o divórcio é um mal que assombra as famílias nos dias de hoje e por isso os casais devem estar em profunda vida de oração, para conseguirem resistir às dificuldades. E por fim a Carta defende que a família depende das autoridades políticas para conseguirem sobreviver na sociedade, visando à igualdade social, liberdade de expressão e garantia de direitos civis.

Carta Encíclica – *Redemptoris Mater* (1987) do papa João Paulo II, sobre o papel da virgem Maria na vida da Igreja peregrina. Essa carta convida as mulheres a seguirem o modelo da virgem Maria, tanto como mãe e esposa, mostrando o papel de Maria no plano de salvação da humanidade. Maria é o modelo mais pleno de maternidade e de servilidade, pois aceitou o convite de Deus para ser mãe de Jesus Cristo e durante toda sua vida serviu aos planos de Deus. No entanto, as mulheres são convidadas a ter essa doação no papel como mães e, como esposas, serem compassivas para com seus esposos para viverem assiduamente o sacramento do matrimônio.

Carta Apostólica às mulheres, *Mulieris dignitatem*, João Paulo II (1988), sobre a dignidade da mulher. Mais uma vez essa Carta apresenta a dimensão da vocação de ser Mãe e sua importância para a sociedade. Também é discutido o espaço em que a mulher atua tanto na esfera familiar como na esfera pública e como deve ser a harmonia entre essas duas esferas, e por fim a necessidade de expandir mais espaços públicos para a mulher atuar.

Carta Apostólica às famílias, João Paulo II (1994) retoma as questões já tratadas na Carta Encíclica *Familiaris Consortio* e reafirma a importância da família e do matrimônio na sociedade contemporânea.

Para compreender o discurso da Igreja Católica irei apontar fragmentos do Catecismo da Igreja Católica relacionadas com os temas das Cartas e por fim comparar estes discursos com o Livro Cântico dos Cânticos que nos apresenta outra perspectiva. Mas de maneira geral, o discurso que predomina nos documentos é um discurso

moralista, no qual a mulher é designada a ser esposa e, conseqüentemente, mãe. Podemos verificar a preocupação da Igreja Católica em promover e preservar o sacramento do matrimônio e, por conseguinte, a estabilidade da família segundo as morais cristãs. Na perspectiva da Igreja a família é a célula da sociedade, por isso a necessidade em manter e protegê-la. As Cartas Encíclicas e o Catecismo da Igreja Católica nos apresentam um modelo de família, que é o modelo da Sagrada Família (Maria, José e Jesus) como exemplo a ser seguido pelos cristãos.

*A fecundidade do amor conjugal se estende aos frutos da vida moral, espiritual e sobrenatural que os pais transmitem a seus filhos pela educação. Os pais são os principais e primeiros educadores de seus filhos. Neste sentido, a tarefa fundamental do Matrimônio e da família é estar a serviço da vida.*³¹

*Pela união dos esposos realiza-se o duplo fim do matrimônio: o bem dos cônjuges e a transmissão da vida. Esses dois significados ou valores do casamento não podem ser separados sem alterar a vida espiritual do casal e sem comprometer os bens matrimoniais e o futuro da família. Assim, o amor conjugal entre o homem e a mulher atende à dupla exigência da fidelidade e da fecundidade.*³²

*Cristo quis nascer e crescer no seio da Sagrada Família de José e Maria. A Igreja não é outra coisa senão a “família de Deus.”*³³

*O acolhimento e a educação dos filhos – duas das finalidades principais da família – estão condicionadas pelo cumprimento desse compromisso. A paternidade e a maternidade representam uma tarefa de natureza conjuntamente física e espiritual; através daquelas, passa realmente a genealogia da pessoa, que tem o seu princípio eterno em Deus e a ele deve conduzir.*³⁴

*O mandato de crescer e de multiplicar-se, dirigido desde o princípio ao homem e à mulher, atinge desta maneira a sua plena verdade e a sua integral realização.*³⁵

A partir destes fragmentos selecionados do Catecismo e de algumas Cartas podemos reafirmar o discurso a cerca da necessidade de procriação dentro do sacramento do matrimônio e sua importância para a vida da Igreja. Diante disso, a

³¹ JOÃO PAULO II. **Catecismo da Igreja Católica**: São Paulo: Edições típica vaticana, Editora Loyola, 2000. § 1653, p. 452.

³² JOÃO PAULO II, Op. Cit., § 2363, p. 612

³³ JOÃO PAULO II, Op. Cit., § 1655, p. 452

³⁴ JOÃO PAULO II. **Carta às Famílias**. São Paulo, Paulinas, 1994, § 10, p. 31.

³⁵ JOÃO PAULO II. Exortação Apostólica *Familiaris Consortio* - **A Missão da Família Cristã no mundo de hoje**. São Paulo, 1981, § 15, p. 25.

mulher assume papel indispensável para a manutenção da família cristã, uma vez que a mesma é a responsável pela maternidade, condição indispensável para o casal cristão.

*Devemos agora dirigir a nossa meditação para a virgindade e a maternidade, duas dimensões particulares na realização da personalidade feminina. À luz do Evangelho, elas adquirem a plenitude do seu sentido e valor em Maria, que como Virgem se tornou Mãe do filho de Deus. Estas duas dimensões da vocação feminina encontram-se nela e conjugaram-se de modo ao excepcional que, sem se excluírem, se completaram admiravelmente.*³⁶

Por isso, percebemos que a Igreja Católica reafirma um discurso moralista, moralista porque passa a ideia de que casamento deve, acima de tudo, garantir o sexo para a procriação e não pelo simples prazer. O intuito parece ser o de garantir suas normas e regras sobre a condição de vida da família, especialmente, da mulher, que precisa ter sua sexualidade controlada e regrada.

A mulher apenas pode estabelecer uma vida sexual ativa enquanto esposa e se preparando para a maternidade, fora dessa condição a mulher está em situação de pecado, segundo os mandamentos da Igreja Católica. Neste sentido, acredito que essa concepção esteja totalmente fora das intenções do poema bíblico Cântico dos Cânticos, uma vez que para mim o mesmo se apresenta como um poema sensual e dedicado ao amor carnal, a paixão e nada que remeta ao simbolismo do amor de Deus com seu povo.

1.3 O imaginário da virgindade feminina

Talvez, o livro Cântico dos Cânticos não seja tão utilizado pela Igreja Católica devido contrariar estes dois aspectos primordiais, ou seja, não há menção de que a mulher deveria ser mãe e manter-se casta para o casamento, como pode perceber nos documentos, especialmente, na Carta Apostólica *Mulieris Dignitatem*:

*Já o Livro do Gênesis permite entrever, como num primeiro esboço, este caráter sponsal da relação entre as pessoas, terreno sobre o qual se desenvolverá, a seguir, a verdade sobre a maternidade, como também sobre a virgindade, como duas dimensões particulares da vocação da mulher à luz da Revelação divina. Estas duas dimensões vão encontrar a sua expressão mais alta no advento da «plenitude dos tempos» (cf. Gál 4, 4) na figura da «mulher» de Nazaré: Mãe-Virgem.*³⁷

³⁶ JOÃO PAULO II. *Mulieris Dignitatem*. São Paulo, Paulinas, 1990, § 17, p.65.

³⁷ JOÃO PAULO II. *Carta Encíclica Mulieris Dignitatem*. Op. Cit., §7, p. 28-29.

Neste sentido, podemos citar a personagem Maria a mãe de Jesus, como uma representação do modelo de santidade e pureza para as mulheres atuais. Assim, quando falamos na personagem Maria, os católicos já subentendem qual o motivo de tal evocação, e já remetem às características principais de uma mulher pura e virgem. A partir da personagem Maria constrói-se por meio de um imaginário acerca da mulher e as posturas que a mesma deve adotar perante a sociedade. Para enfatizar esta representação social, a Igreja Católica edita documentos para reafirmar essa ideia, como podemos perceber pelo documento *Carta Apostólica Mulieris Dignitatem*, em que fica claro o exemplo de Maria como modelo que as mulheres devem espelhar nos requisitos maternidade e castidade.

A Igreja Católica convida as mulheres cristãs a seguir o modelo da virgem Maria.

*Existindo essa relação de exemplaridade, a Igreja descobre-se em Maria e procura tornar-se semelhante a ela: 'À imitação da Mãe do seu Senhor e por virtude do Espírito Santo, conserva virginalmente íntegra a fé, sólida a esperança e sincera a caridade.' Maria está presente, portanto, no mistério da Igreja como modelo. Mas o mistério da Igreja consiste também em gerar os homens para uma vida nova e imortal: é a sua maternidade no Espírito Santo.*³⁸

Maria assume lugar especial na vida das mulheres cristãs, como exemplo a ser copiado, que as guia no modo de viver, no jeito de agir e se comportarem diante da sociedade. Paciência, humildade, castidade, santidade e outras qualidades são características de Maria, nas quais a mulher deve se inspirar. Neste sentido, os documentos editados pela Igreja centralizam em Maria, a personagem feminina de maior enfoque e devoção por parte dos católicos, como podemos verificar no trecho a seguir:

*Maria – a mulher da Bíblia – é a expressão mais acabada desta dignidade e desta vocação. De fato, o ser humano, homem ou mulher, criado à imagem e semelhança de Deus, não pode realizar-se fora da dimensão desta imagem e semelhança.*³⁹

Outra característica que fica bem presente nos documentos é a comparação existente entre Maria e Eva, sendo que Maria representa a santidade feminina, enquanto que Eva simboliza o pecado.

³⁸ JOÃO PAULO II. *Carta Encíclica Redemptoris Mater*. Op. Cit., § 44, p. 84.

³⁹ JOÃO PAULO II. *Carta Encíclica Mulieris Dignitatem*. Op. Cit., § 5, p.19.

Como diz Santo Irineu, “obedecendo, se fez causa de salvação tanto para si como para todo o gênero humano”. Do mesmo modo, não poucos antigos Padres dizem com ele: ‘O nó da desobediência de Eva foi desfeito pela obediência de Maria; o que a virgem Eva ligou pela incredulidade a virgem Maria desligou pela fé’. Comparando Maria com Eva, chamam Maria de “mãe dos viventes” e com frequência afirmam: “Veio a morte por Eva e a vida por Maria.”⁴⁰

Durante séculos a Igreja Católica se ocupou da temática: virgindade feminina, provocando a produção de discursos acerca do assunto, o que acarretou no surgimento de um imaginário social. Esse imaginário perpassou por várias décadas, até nos dias de hoje, quando a Igreja ainda reafirma essa ideia.

Pode, portanto, afirmar-se que a mulher, olhando para Maria, nela encontrará o segredo para viver dignamente a sua feminilidade e levar a efeito a sua verdadeira promoção. À luz de Maria, a Igreja lê no rosto da mulher os reflexos de uma beleza, que é espelho dos mais elevados sentimentos que o coração humano pode albergar: a totalidade do dom de si por amor; a força que é capaz de resistir aos grandes sofrimentos; a fidelidade sem limites, a operosidade incansável e a capacidade de conjugar a intuição penetrante com a palavra de apoio e encorajamento.⁴¹

Na concepção católica a mulher ideal é aquela que segue os preceitos de Deus, e segue o exemplo de Maria em todos os aspectos de sua vida. A sexualidade feminina só tem lugar dentro do sacramento do matrimônio, caso a mesma não esteja nesta condição é convidada a ser casta, ou seja, virgem do mesmo modo que a virgem Maria se manteve por toda a sua vida. Segundo o pensamento da Igreja Católica o corpo é templo do Espírito Santo e este deve permanecer em estado de graça, de santidade; no matrimônio o casal é abençoado e tem a permissão de Deus para realizar atos sexuais, mas visando a procriação e a educação dos filhos segundo os mandamentos da Igreja.

1.4 Catecismo, cartas encíclicas e gênero

A partir da diversidade católica, irei focar nossa reflexão apenas no CIC, documento que apresenta a posição da Igreja oficial, mas também analisar documentos contemporâneos (Cartas Encíclicas) que abordam o objeto deste trabalho. Ao analisar as

⁴⁰ Santo Irineu, *Adversus. Haereses*. 3, 22,4; SC 211, 440 (PG 7, 959). **Catecismo da Igreja Católica**: Edições Típica Vaticana. São Paulo: Editora Loyola, Apud João Paulo II Op. Cit., 2000. p. 139.

⁴¹ JOÃO PAULO II. **Carta Encíclica Redemptoris Mater**. Op. Cit., § 46, p. 89.

Cartas Encíclicas e o CIC pude perceber que as questões de gênero e sexualidade são tratadas ainda com certo silenciamento em relação à realidade social. Nos documentos podemos perceber a intenção e a manutenção das orientações católicas em relação às representações nas quais os féis estão inseridos, ou seja, os documentos e seus discursos são instrumentos de legitimação da doutrina.

Neste sentido, a Igreja Católica pretende manter certa naturalidade nos discursos presentes nestes documentos. Inserida em um contexto religioso católico, como catequista, percebo que os católicos não questionam o teor dos documentos, uma vez que muitos destes nem são lidos pelos próprios, ou seja, não há uma postura crítica em relação aos documentos oficiais da Igreja, os poucos que os lêem apenas acatam ou mantêm-se em silêncio acerca dos mesmos. Para compartilhar com meus pressupostos cito Alcântara:

*Pode-se perceber portanto que a religião é uma instância legitimadora. Sua legitimação se dá através do ato de tornar sagrado, 'naturalizar' determinada realidade objetivada, aquela construção sócio cultural que representa uma concepção de poder, um poder binário, hierárquico e patriarcal. Nesse aspecto notamos uma contribuição marcante da religião na construção das concepções de mulher e de homem.*⁴²

Quando a Igreja Católica tenta legitimar papéis sociais para homens e mulheres, a mesma desconsidera tempo e espaço e, neste sentido, perde-se a historicidade e a diversidades culturais que o feminino e o masculino ganham ao longo dos séculos. A religião tem um poder incrível de exercer influência sobre o pensamento das pessoas, essa influência é tão forte que cria o imaginário social que atribui a realidade atual vivida por homens e mulheres como sendo realidades criadas por Deus, incluindo os papéis sociais que homens e mulheres desempenham na sociedade. Não ignoro que homens e mulheres têm suas crenças, fazem suas escolhas, aderem a ideias e tem seus desejos particulares. No entanto, no universo religioso podemos perceber que a doutrina ditada pela Igreja Católica tem relevância crucial no cotidiano dos fiéis. Portanto, a religião tem uma facilidade em naturalizar os ideais de determinados grupos sociais, aqui em especial, a Igreja Católica.

Assim, espera-se que o homem e a mulher desempenhem exatamente os papéis sociais que têm sido legitimados culturalmente. Qualquer ação diferente da

⁴² ALCÂNTARA, Op. Cit., p. 78.

*esperada tanto pode ser legitimada quanto punida. A punição geralmente acontece em casos de atitudes novas, inesperadas ou ilícitas.*⁴³

Na tentativa de controlar a vida dos fiéis, a Igreja Católica aponta os principais pecados que o ser humano deve evitar:

*A variedade dos pecados é grande. As Escrituras nos fornecem várias listas. A Carta aos gálatas opõe as obras da carne ao fruto do Espírito: 'As obras da carne são manifestas: fornicção, impureza, libertinagem, idolatria, feitiçaria, ódio, rixas, ciúmes, ira, discussões, discórdia, divisões, invejas, bebedeiras, orgias e coisas semelhantes a estas, a respeito das quais eu vos previno, como já vos preveni: os que tais coisas praticam não herdarão o Reino de Deus.'*⁴⁴

Vale mencionar que o conteúdo do CIC faz referência inúmeras vezes à mulher, no entanto, não estamos preocupadas com a quantidade, mas qual o conteúdo acerca da temática mulher. De imediato busco perceber o quanto no Catecismo predominam os ideais da Igreja Católica Oficial e como, dentro destes, é, por vezes, extremamente difícil contemplar as diversidades que se emergem dentro da própria religião.

*O problema não se trata exatamente do número de vezes que ele [o Catecismo] se refere à mulher, mas principalmente da postura, da linguagem, do substrato sócio cultural patriarcal, dualista e hierárquico que pode ser visualizado quando ele fala da mulher ou de questões referentes a ela.*⁴⁵

A pureza exige o pudor. Este é uma parte integrante da temperança. O pudor preserva a intimidade da pessoa. Consiste na recusa de mostrar aquilo que deve ficar escondido. Está ordenado à castidade, exprimindo sua delicadeza. Orienta os olhares e os gestos em conformidade com a dignidade das pessoas e de sua união.

*O pudor protege o mistério das pessoas e de seu amor. Convida à paciência e à moderação na relação amorosa; pede que sejam cumpridas as condições da doação e do compromisso definitivo do homem e da mulher entre si. O pudor é modéstia. Inspira o modo de vestir. Mantém o silêncio ou certa reserva quando se entrevê o risco de uma curiosidade malsã. Torna-se discrição.*⁴⁶

Podemos concluir no fragmento retirado do CIC que o mesmo dá instruções de maneira indireta sobre condutas cristãs nos aspectos de como se vestir e de se portarem diante das pessoas. Portanto, o discurso do CIC continua sendo o discurso oficial que reserva à mulher uma posição marginal se comparada à ocupada pelo homem na sociedade. Neste mesmo caminho as Cartas Encíclicas acompanham o CIC. Não

⁴³ ALCÂNTARA, Op. Cit., p. 78.

⁴⁴ JOÃO PAULO II, Op. Cit., § 1852, p. 496.

⁴⁵ ALCÂNTARA, Op. Cit., p. 103-104.

⁴⁶ JOÃO PAULO II. Op. Cit., § 2521-2522, p. 648.

estamos preocupadas com a quantidade de referências, mas o conteúdo escrito, no entanto, se ainda assim considerarmos a quantidade, já iremos perceber a desigualdade:

*O Catecismo cita, na primeira parte, 372 vezes a palavra homem e 14 vezes a palavra mulher e, aparecem mais 36 vezes as duas palavras juntas. A mesma proporção pode ser verificada para as palavras mãe, por se referir em grande parte a Maria, e à palavra pai, por se referir em maior parte a Deus. Algo é bastante significativo, a identificação entre alguns termos: Pai/Deus/masculino e mãe/Igreja/feminino.*⁴⁷

Alcântara aponta que a “palavra homem aparece ao todo 408 vezes e a palavra mulher 50 vezes”, portanto a desigualdade neste aspecto já é visível. Outro aspecto interessante que se refere a elementos técnicos da produção da obra é o fato que na elaboração do CIC não há menção de nenhuma mulher, tanto na equipe de redação quanto na Comissão Especial nomeada pelo papa para elaboração do documento. Tenho consciência que a omissão pode referir a presença, mas que aqui, neste caso, o silêncio parece dar mais evidência ao homem do que a mulher.

*Em 1986, confiei [João Paulo II] a uma comissão de doze Cardeais e Bispos, presidida pelo senhor Cardeal Joseph Ratzinger, o encargo de preparar um projeto para o Catecismo requerido pelos Padres do Sínodo⁴⁸. Uma Comissão de redação, composta por sete Bispos diocesanos, peritos em teologia e em catequese, coadjuvou a Comissão em seu trabalho.*⁴⁹

Acredito que tanto no Catecismo como nas Cartas nenhuma mulher foi consultada e/ou eleita para a elaboração destes documentos. Esse fato confirma-se uma vez que os discursos presentes nestes documentos pendem para um teor patriarcal, nos quais podemos supor que não houve uma discussão interna sobre o tema gênero feminino.

*A concepção de mulher exteriorizada e objetivada no catecismo é a representação sócio cultural naturalizada do pensamento ocidental patriarcal, hierárquico e dualista. É a esta representação do feminino que o texto do CIC sacraliza e visa à interiorização, pela catequese.*⁵⁰

⁴⁷ ALCÂNTARA, Op. Cit., p. 104.

⁴⁸ Sínodo: assembléia de bispos com a finalidade de tratar de temas relacionados à doutrina da Igreja Católica.

⁴⁹ JOÃO PAULO II, Op. Cit., p. 9.

⁵⁰ ALCÂNTARA, Op. Cit., p. 107.

1.5 Gênero: ferramenta de estudo para compreender as relações sociais

A partir da década de 1960 o tema gênero ganhou terreno nas discussões acadêmicas, ou seja, houve uma ampliação no campo de estudo, devido aos movimentos feministas libertários, antirracistas e multiculturais. Com isso a mulher passou a ter uma maior visibilidade nas discussões teóricas, propiciando, a partir da década em questão, o nascimento de um campo de estudo profícuo para pesquisas.

Acredito que as palavras-chaves deste trabalho, *Igreja Católica, mulher, sexualidade e gênero* são as bases para o debate pretendido neste trabalho, pois gostaríamos de abarcar realidades sócio culturais e religiosas distintas.

*À medida que situamos gênero como uma categoria de pensamento relacionada às diferenças sexuais, uma categoria construída e difundida social e historicamente, faz-se necessário afirmar que não é possível aceitá-lo sendo algo definitivo ou imutável, algo fechado, categoria pronta. Pelo contrário, gênero se constrói a cada instante, em cada contexto, isto é, em cada realidade social e cultural específica.*⁵¹

Gênero é uma ferramenta de estudo que possibilita compreender concepções de homens e mulheres em várias épocas e espaços, sem perda de historicidade. No contexto da Igreja o tema da sexualidade é um assunto que tem pouca abertura para o debate ou discussão, pois as normas e regras católicas já estão dispostas para homens e mulheres como algo “natural”, o que contrapõe-se radicalmente ao entendimento de Louro.

*[...] podemos entender que a sexualidade envolve rituais, linguagens, fantasias, representações, símbolos, convenções... Processos profundamente culturais e plurais. Nessa perspectiva, nada há de exclusivamente ‘natural’ nesse terreno, a começar pela própria concepção de corpo, ou mesmo de natureza.*⁵²

Nesta perspectiva devemos considerar ‘gênero’ como um suporte, uma plataforma de análise, para estudar relações sociais que envolvem homens, mulheres, crianças, sociedades, comunidades, grupos. Ao utilizar gênero como ferramenta devemos ter consciência de que não há definições prontas e acabadas, no que se refere às diferenças sexuais, pois gênero deve ser entendido em cada contexto histórico, por ser culturalmente construído.

⁵¹ ALCÂNTARA, Op. Cit., p. 89.

⁵² LOURO, Guacira Lopes. **Pedagogias da Sexualidade**. In: O corpo educado: Pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica 2000. p. 11.

*O uso de 'gênero' enfatiza todo um sistema de relações que pode incluir o sexo, mas não é diretamente determinado pelo sexo, nem determina diretamente a sexualidade. Esses usos descritivos do termo 'gênero' foram empregados pelos/as historiadores/as, na maioria dos casos, para delimitar um novo terreno. À medida que os/as historiadores/as sociais se voltavam para novos objetos, de estudo, o gênero tornava relevante temas tais como mulheres, crianças, famílias e ideologias de gênero. Em outras palavras, esse uso de 'gênero' refere-se apenas àquelas áreas, tanto estruturas quanto ideológicas, que envolvem as relações entre os sexos.*⁵³

Neste sentido, gênero assume sua particularidade, levando em consideração o tempo, o espaço, os sujeitos, as relações sociais, atitudes, comportamentos e outras perspectivas. Cabe a cada pesquisador selecionar o caminho a ser percorrido. Vale destacar que ao remeter-me a gênero não significa dizer que estou diretamente abordando sobre homens e mulheres, mas sim sobre as concepções criadas, assimiladas e conformadas que se têm acerca dos mesmos ao longo da História, uma vez que estas concepções estão explícitas e sempre naturalizadas em várias esferas do social, como por exemplo, na família, no trabalho, na religião, ou seja, gênero está presente em todo processo histórico humano.

Segundo Louro, as identidades sociais são instáveis e fragmentadas, a identidade de gênero também apresenta suas alterações, ou seja, elas não são fixas e dadas, mas construídas ao longo da cultura de cada indivíduo e de sua história. Acredito que cada indivíduo apresente múltiplas identidades e cada uma pode contradizer uma outra, o ser humano vive em eterno conflito, mas também em harmonia, com as identidades que vão se agregando ao longo de sua trajetória de vida.

Ao estudar gênero devemos deixar de lado as descrições das diferenças sexuais e procurar entender o porquê dessas desigualdades e como elas se concretizam no decorrer da História. Compartilhando com Scott, acredito que a categoria gênero pode nos possibilitar entender símbolos que remetem a determinadas representações sociais, como por exemplo, na esfera católica ao referirmos a Eva e Maria, já há subentendidos valores como desobediência e obediência.

Como um elemento constitutivo das relações sociais baseadas nas diferenças percebidas, o gênero implica quatro elementos interrelacionados: em primeiro lugar, os símbolos culturalmente disponíveis que evocam representações simbólicas (e com frequência contraditórias) – Eva e Maria, como símbolos da

⁵³ SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica.** Educação e Realidade, vol. 15, n.2, jul.-dez. Porto Alegre s.e. 1995, p. 76.

*mulher, por exemplo, na tradição cristã ocidental – mas também mitos de luz e escuridão, purificação e poluição, inocência e corrupção.*⁵⁴

Além das características tradicionais atribuídas à mulher (mãe, virgem e sensível), ao ler o CIC e as Cartas Encíclicas percebemos outras qualificações destinadas ao sexo feminino (servidora, dependente e auxiliar), como por exemplo, no fragmento a seguir:

*Na descrição de Gênesis 2, 18-25, a mulher é criada por Deus ‘da costela’ do homem e é colocada como um outro ‘eu’, como um interlocutor junto ao homem, o qual, no mundo circunstante das criaturas animadas, está só e não encontra em nenhuma delas um ‘auxiliar’ que lhe seja conforme. A mulher, chamada desse modo à existência, é imediatamente reconhecida pelo homem ‘como carne da sua carne e osso dos seus ossos’ (cf. Gn 2, 23), e precisamente por isto é chamada ‘mulher’.*⁵⁵

Vale ressaltar que as expressões “outro eu” e “auxiliar” passam a imagem de “segundo lugar” para a mulher.

Seguindo a abordagem que Scott faz sobre gênero é possível refletir sobre os símbolos que são construídos sobre a temática da mulher e da sexualidade e de como esses símbolos vão se concretizando ao longo da história dos sujeitos envolvidos.

*[...] conceitos normativos que expressam interpretações dos significados dos símbolos, que tentam limitar e conter suas possibilidades metafóricas. Esses conceitos estão expressos nas/doutrinas religiosas, educativas, científicas, políticas ou jurídicas e tomam a forma típica de uma oposição binária fixa, que afirma de maneira categórica e inequívoca o significado do homem e da mulher, do masculino e do feminino.*⁵⁶

Na perspectiva católica, o sexo biológico é que define a identidade sexual do indivíduo, uma vez que homem e mulher são criaturas de Deus e não devem contrariar a natureza divina. Para contradizer esse pensamento Louro argumenta que os corpos são construções históricas, ou seja, dependem de vários fatores para construir-se uma identidade de gênero.

Nossos corpos constituem-se na referência que ancora, por fim, a identidade. E, aparentemente, o corpo é inequívoco, evidente por si; em consequência,

⁵⁴ SCOTT, Op. Cit., p. 86.

⁵⁵ JOÃO PAULO II. A dignidade e a vocação da mulher Carta Apostólica de João Paulo II **Mulieris Dignitatem**. São Paulo: Paulinas, § 6, p. 23.

⁵⁶ SCOTT, Op. Cit., p. 86.

*esperamos que o corpo dite a identidade, sem ambiguidades nem inconstância. Aparentemente se deduz uma identidade de gênero, sexual ou étnica de ‘marcas’ biológicas; o processo é, no entanto, muito mais complexo e essa dedução pode ser (e muitas vezes é) equivocada. Os corpos são significados pela cultura e são, continuamente, por ela alterados.*⁵⁷

A Igreja Católica adota uma postura sutil, discreta e contínua para educar os corpos segundo suas perspectivas. Ao estudar gênero no contexto religioso católico percebemos marcas simbólicas profundas que a instituição deixa nestes corpos, principalmente, nos femininos. Essas marcas são impostas desde o período da infância e são confirmadas em todas as etapas da vida das mulheres, como por exemplo, a concepção de “menina moça” e de como ela deve saber comportar-se em determinadas circunstâncias, mostrando-se prudente e dócil. Nesta conjuntura “A jovem deveria ser educada para a submissão, a modéstia e a piedade, destinada a ser uma esposa obediente e uma mãe dedicada nos limites do lar.”⁵⁸ Este, entre tantos outros, é um dos exemplos que podemos citar sobre o propósito da instituição religiosa em constituir homens e mulheres segundo suas expectativas.

Os discursos e as práticas que eles conformam não são, entretanto, uma via de mão única. Nem são os sujeitos criaturas passivas e inertes a estes. Neste sentido, outro ponto a ser considerado é que neste cenário não podemos deixar de lado mulheres e homens que acreditam e defendem a postura da Igreja, que encontram nestes discursos a base que suporta seus anseios particulares, como indivíduos. Ao longo deste trabalho vamos remeter ao discurso eclesial que regulamenta normas, mas também devemos considerar que os fiéis, aqui em especial, os católicos, têm necessidade de se auto afirmarem, de se identificarem com determinados símbolos.

Ao estudar a religião e como a mesma atua na vida dos sujeitos, não podemos deixar de lado as mulheres que fazem a defesa dos costumes tradicionais, que procuram manter hábitos ditos pela instituição religiosa e que de determinada maneira dão sentido à vida dos indivíduos inseridos neste contexto, pois, conforme Louro “... a sociedade busca, intencionalmente, através de múltiplas estratégias e táticas, ‘fixar’ uma identidade masculina ou feminina ‘normal’ e duradoura.”⁵⁹

⁵⁷ LOURO, Op. Cit., p. 14.

⁵⁸ AZZI. Op. Cit., p. 139.

⁵⁹ LOURO, Op. Cit., p. 26.

1.6 Corpo, religião e gênero

O corpo é um depositário de símbolos, em especial na esfera religiosa, pois contém uma divisão dualista, ou seja, masculino/feminino. No pensamento católico há um imaginário social do corpo místico, ou seja, cada ser humano faz parte de um conjunto, que é o corpo, no qual Jesus Cristo é a cabeça e os seus fiéis são os demais membros. Nesta perspectiva, cada “membro” precisa desempenhar sua função específica, para não afetar o conjunto.

A religião assume o papel de controle sobre o corpo, como se fosse um território que precisa ser limitado e vigiado tanto na esfera pública como na privada. Neste viés podemos citar expressões dirigidas às mulheres, como por exemplo, “mulher santa”, “mulher pecadora”, estas denominações são direcionadas aos corpos das mulheres e referem-se a estas pela forma como se comportam e se expressam. Ao estudar objetos sob a ótica da História das Mulheres e da História da Igreja Católica realizei apontamentos sobre circunstâncias em que mulheres que não seguiam as regras religiosas recebiam denominações do tipo, “demônio”, “pecadora”, “adúltera”, “prostituta”.

*Desde tempos remotos, à mulher vincula-se a ambivalência de vida e morte, de mistério e encantamento, de magia e sedução e tantas outras formas de antagonismos e dispersões do ser feminino, corpo e alma, como as justificadas lendas sobre feiticeiras e bruxas. Tudo isso para cobrir de véus a face sagrada da mulher, da deusa que gera vida, que produz riqueza que propõe o amor, pois que tem poder.*⁶⁰

No contexto religioso o espírito/alma deve assumir o controle do corpo, uma vez que a carne (corpo) está voltada para as impurezas do mundo. “Já no homem, tratando-se de um ser composto, espírito e corpo, existe certa tensão, desenrola-se certa luta de tendências entre o ‘espírito’ e a ‘carne’.”⁶¹ Neste fragmento podemos supor que o papa João Paulo II refere-se à luta entre os desejos da carne (impurezas) e do espírito (que demanda virtudes divinas), mas que o espírito deve controlar os impulsos da carne, e que homens e mulheres devem controlar seus desejos carnaais.

O corpo ocupa lugar central para os cristãos na sociedade moderna, devido ao corpo de Cristo, pois segundo o cristianismo, Jesus Cristo foi um homem igual a outro,

⁶⁰ FARIA, Suely Pereira. **Corpo e Religião**. Goiânia (Dissertação Mestrado em Ciências da Religião) – Universidade Católica de Goiás, 2004. p. 24.

⁶¹ JOÃO PAULO II. **Catecismo da Igreja Católica**: Edições típica vaticana, Editora Loyola, 2000. § 2516, p. 646.

porém diferente apenas na condição do pecado, após sua morte Cristo ressuscitou com seu corpo. Esse episódio mostra que o corpo humano pode alcançar a santidade a exemplo de Cristo. “... o católico do século XIX que, além disso, herdou o aprofundamento da interação entre corpo e alma que se deu, especialmente, ao longo do século XVII, encontra-se impregnado de imagens do corpo de Cristo, da Virgem Maria, dos santos mártires e dos anjos.”⁶² Com isso os fiéis são convidados a possuírem um corpo santo em vez de utilizar o corpo para saciar desejos sexuais, conforme está explícito no poema Cântico dos Cânticos, como se verá mais adiante. Enfim, para a Igreja, o corpo é um objeto de pecado, ao contrário do que é expresso no poema bíblico, em que era sinal de sensualidade e de admiração para a mulher.

*Entretanto, o corpo feminino continuava a ser visto pelos clérigos celibatários sobretudo como um convite ao pecado, à corrupção. Daí a insistência para que a mulher se apresentasse sempre com o corpo coberto. Assim sendo, os documentos eclesiásticos reprovam as mangas curtas, os decotes, os vestidos transparentes, as pernas, o pescoço ou as costas à vista do público.*⁶³

No século XX a religião enfrenta transformações radicais acerca dos corpos sexuados, pois os mesmos assumem-se como objeto de atenção, uma vez que na contemporaneidade há uma maior preocupação com a beleza, buscando seguir os padrões de corpos que a sociedade das aparências dita. Na atualidade é possível atender, por exemplo, o desejo de pessoas que querem mudar de sexo. Há, hoje, uma tendência à dissociação entre sexualidade e reprodução ou sexualidade e casamento, no entanto, a Igreja mantém um discurso extremamente conservador sobre estes fatores presentes na sociedade.

A Igreja reprime os corpos dos fiéis, pois pretende controlar os desejos sexuais dos mesmos, neste sentido percebemos a relação de poder que se estabelece na esfera religiosa. Para exercer o poder sobre os mesmos, a maneira adotada pode ser visualizada através da repressão que são expressas em discursos, leis e documentos.

O poder seria, essencialmente, aquilo que dita a lei, no que diz respeito ao sexo. O que significa, em primeiro lugar, que o sexo fica reduzido, por ele, a regime binário: lícito e ilícito, permitido e proibido. Em seguida, que o poder prescreve ao sexo uma ‘ordem’ que funciona, ao mesmo tempo, como forma de inteligibilidade: o sexo se decifra a partir de sua relação com a lei. E, enfim, que o poder age pronunciando a regra: o domínio do poder sobre o sexo seria

⁶² CORBIN, Alain. **A influência da Religião**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009. p. 60.

⁶³ AZZI. Op. Cit., p. 134.

*efetuado através da linguagem, ou melhor, por um ato de discurso que criaria, elo próprio fato de se enunciar, um estado de direito. Ele fala e faz-se a regra. A forma pura do poder se encontraria na função do legislador; e seu modo de ação com respeito o sexo seria jurídico-discursivo.*⁶⁴

É nesta perspectiva que elegemos o livro Cântico do Cântico como objeto de pesquisa para entender como se dão as relações entre o livro e os fiéis. Para visualizar um discurso conservador por parte da Igreja Católica irei analisar no terceiro capítulo documentos eclesiais que demonstram a posição oficial por parte da instituição religiosa, de forma mais profunda.

“Como são graciosos os teus pés nas tuas sandálias, filha de príncipe!

⁶⁴ FOUCAULT. Op. Cit., p. 81.

*A curva de teus quadris assemelha-se a um colar, obra de mãos de artista;
Teu umbigo é uma taça redonda, cheia de vinho perfumado;
Teu corpo é um monte de trigo cercado de lírios;
Teus dois seios são como dois filhotes gêmeos de uma gazela.”
(Ct, 7, 2-4)*

CAPÍTULO 2

O livro Cântico dos Cânticos como percurso de investigação

2.1 O Cântico dos Cânticos e sua estrutura

O livro Cântico dos Cânticos, também conhecido como “Cantares”, faz parte dos livros que compõem o primeiro Testamento da Bíblia ou Antigo Testamento. A Bíblia é a coleção de livros reunidos em um único volume que, para os cristãos é sagrado, inspirado por Deus e revelado aos homens por meio do Espírito Santo. O termo grego de onde provem a palavra Bíblia significava originalmente: os livros. Os títulos desses livros, que são 73, lembram por vezes o nome de seus autores, outras vezes o nome de seus destinatários, ou ainda os assuntos que neles são tratados. A Bíblia é dividida em duas partes, chamadas de Antigo e Novo Testamento.⁶⁵

A Bíblia católica está dividida em 46 livros do primeiro Testamento do seguinte modo: Pentateuco (isto é, a lei); os Livros Históricos (Josué, Juízes, Rute, os dois livros de Samuel, os dois livros dos Reis, os dois livros de Crônicas, os livros de Esdras e Neemias, os três de Tobias, Judite, Ester, e por fim os dois livros de Macabeus); os Livros Sapienciais (Jó, Salmos, Provérbios, Eclesiastes, Cântico dos Cânticos, livro da Sabedoria e Eclesiástico) e os livros proféticos (Isaias, Jeremias, Lamentações, Baruc, Ezequiel, Daniel, Oseías, Joel, Amós, Abdias, Jonas, Miquéias, Naum, Habacuc, Sofonias, Ageu, Zacarias e Malaquias). Essa é a estrutura do Antigo Testamento, na

⁶⁵ Fontes para consulta mais detalhada: WWW.bibliacatolica.com.br/historia_biblia/5.php acesso em 04/08/2010; WWW.bibliacatolica.com.br/historia_igreja/ acesso em 03/08/2010; WWW.catequizar.com.br/texto/materia/biblia/geral/08.htm acesso em 04/08/2010; FONSATTI. Pe. José Carlos. **Introdução à Bíblia**. Petrópolis: Editora Vozes, 2002 e PULGA. Rosana. **Beabá da Bíblia**. São Paulo: Editora Paulinas, 1995.

qual se insere o Livro Cântico dos Cânticos, fonte de pesquisa que utilizarei como central para desenvolver meus argumentos neste capítulo.

Os livros da Bíblia apresentam uma variedade de conteúdos, como por exemplo, fragmentos de epopéias; narrações propriamente históricas; narrações episódicas ou romanceadas; sermões; textos legislativos; poemas e orações, um canto de amor e cartas. Ao tratar do Cântico dos Cânticos, em especial, meu objetivo principal é trabalhar com o conteúdo que fala do amor, aquele que, por meio de uma coleção de poemas, inicia-se, descreve, enaltece as solenidades nupciais. Nesses poemas podemos perceber que o amor humano é a temática mais enfocada. Este amor, nos termos do Cântico e que estou colocando em pauta é aquele que se dá pela aliança matrimonial, não necessariamente oficializada pela instituição da Igreja Católica e sobre o qual voltarei a tratar mais adiante.

Alguns estudos indicam que o autor deste livro é o rei Salomão, filho do rei Davi, e tem sua escrita estimada por volta do ano 400 a.C. O Cântico dos Cânticos é um livro curto com apenas oito capítulos. Apesar de sua brevidade, apresenta uma estrutura complexa que, por vezes, pode confundir o leitor.

Diferentes personagens têm voz, ou se sobressaem, neste poema lírico. Podemos estar diante de um poema carente de uma definição clara, talvez confusa para o seu leitor, mas, de maneira geral, podem-se destacar os três principais personagens: a personagem feminina que adquire várias designações, dentre eles, os de “Ela”, a “Amada”, a “Noiva”, a “pastora, a “jovem mulher”, ou a “Esposa”, que é nomeada de “Sulamita”.

A personagem masculina pode receber os seguintes adjetivos: “Ele”, o “Pastor”, o “Amado”, o “Esposo”, o “jovem” o “Noivo” ou o “Rei Salomão”. E o coro que poderá ser as “filhas de Jerusalém”, o coro de “amigos”, ou o de “pastores”. Mediante tal explanação percebemos a grandiosidade que o Cântico dos Cânticos compõe. Vale mencionar, que de acordo com as traduções da Bíblia cada personagem adota uma designação, podendo surgir novos personagens e outros nem serem mencionados, o que mais uma vez comprova a complexidade do poema.

Neste contexto, é de suma importância destacar as traduções da Bíblia sobre as quais me apoiei para analisar o poema, que são a tradução da editora Ave-Maria e a tradução da A Bíblia de Jerusalém, ambas de grande circulação no contexto religioso católico contemporâneo. Vale salientar que na tradução da Bíblia Ave-Maria a personagem feminina é mencionada como a “Esposa” e a “Pastora” e a personagem

masculina o “esposo”. Tais considerações deixam evidentes o caráter religioso e a interpretação alegórica do poema. Na tradução A Bíblia de Jerusalém, a personagem feminina é retratada como a “amada” e a personagem masculina como o “amado”, o que tem por objetivo, arrisco afirmar, transmitir um caráter moralizante.

Esse livro que fala do amor está dividido praticamente em duas partes com, mais ou menos, o mesmo tamanho, com a seguinte estrutura: a primeira parte, do Capítulo 1 ao 4, fala do início do Amor e do Capítulo 5 ao 8, de seu amadurecimento. Por se tratar de um poema que, no meu entendimento, é de linguagem sensual, sua validade como texto bíblico já foi questionada ao longo dos tempos. Este ponto de divergência, polêmico, duvidoso e, até certo ponto nebuloso, é o que justamente me move, fascina e instiga com mais força a ler e estudar o tema. As inúmeras interpretações que ele sugere, as mais variadas apropriações que recebeu, seus deslocamentos nos campos das ciências humanas ao longo do tempo, conferem ao poema uma riqueza inesgotável em termos de fonte histórica.

Levando em consideração a antiguidade do Cântico dos Cânticos seria impossível, pelo escopo do presente trabalho, que eu traga à tona todas as interpretações que já lhes foram atribuídas, desde a Antiguidade tardia até a atualidade. Por esta razão, utilizarei somente as interpretações mais contemporâneas, elaboradas por seguidores da Igreja Católica e por outros estudiosos especialistas e não comprometidos com a instituição.

Ao tratar desse universo de interpretações, Geraldo Holanda Cavalcanti apresenta alguns caminhos que podemos percorrer em direção à compreensão do teor do Cântico dos Cânticos. O poeta afirma:

*Nenhum texto em toda a história mundial recebeu tantas traduções e interpretações como o Cântico dos Cânticos. Nenhum texto bíblico, fora dos comentários religiosos, foi mais citado ou discutido. Não há um só de seus versículos que não tenha sido objeto da mais extensa variedade de leituras, de tal modo que se alguém se dispusesse a editar o poema apenas com aquelas mais aberrantes certamente alcançaria produzir um texto irreconhecível.*⁶⁶

A amplitude e complexidade das interpretações possíveis e modos variados de trabalhar o Cântico, lembrados por Cavalcanti, levam-me a somente uma certeza. A percepção de

⁶⁶ CAVALCANTI, Geraldo Holanda. **O Cântico dos Cânticos: Um ensaio de interpretações através de suas traduções**. São Paulo: Edusp, 2005, p. 13

que a temática a que irei me dedicar neste capítulo, é apenas uma dentre tantas possibilidades que o Livro bíblico permite.

2.2 O *Cântico* e suas interpretações

O livro *Cântico dos Cânticos* nos possibilita inúmeras interpretações, como Cavalcanti nos apresenta sendo as seguintes: Interpretações Alegóricas, o *Cântico* como Parábola, a Teoria Mítico-Cultural, o *Cântico* como Epitalâmio, O *Cântico* como Coleção de Cantos ou Antologia Amorosa, a Teoria do *Cântico* como Drama, Alegorias Profanas, a Interpretação Literal ou Natural, o *Cântico* como Narrativa de um Sonho, Interpretações Feministas, Interpretações Homossexuais, Interpretações Grotescas, Interpretações Místicas Judaicas e o Fim do Alegorismo. Dentro desse universo de interpretações analiso duas categorias de interpretação do *Cântico* mais usuais: Alegórica, que é a da Igreja, e realista que é a dos poetas, entre estes, Geraldo Holanda Cavalcanti, eleito para embasar meus pressupostos nesta pesquisa.

A Igreja Católica se apropriou da interpretação alegórica que até os dias atuais é reeditada e confirmada pela hierarquia eclesiástica católica, por meio de recursos e interpretações alegóricas das quais farei uso. Cavalcanti aponta que “Em A obra Aberta”, Umberto Eco observa que foi na Idade Média que os filósofos da Igreja Católica desenvolveram a teoria do “alegorismo”⁶⁷. Vejo que a alegoria permitiu uma explicação convincente do livro *Cântico dos Cânticos* para os fiéis na justificativa de sua inclusão como livro sagrado e com o objetivo de dissimular este conteúdo que fala por si só ao tratar quase explicitamente dos comportamentos heterossexuais, dos jogos sensuais, da arte de sedução e do sexo apaixonado entre um homem e a uma mulher.

Cito ainda, Cavalcanti:

*A primeira roupagem alegórica aplicada ao Cântico foi de caráter histórico: uma alegoria do amor divino pelo povo eleito, tal como representado pela história de Israel desde a saída dos hebreus do Egito até a futura chegada do Messias.*⁶⁸

⁶⁷ CAVALCANTI, Op. Cit., p. 47.

⁶⁸ CAVALCANTI, Op. Cit., p. 48.

O autor aponta várias interpretações alegóricas além desta, no entanto irei focar especialmente em meu estudo numa interpretação realista, a que se refere ao amor carnal, humano, mas que está ligado também, no meu entender, ao espiritual. Ele descreve a importância que a alegoria tem, pois, segundo o autor, esta teria sido a razão pela qual este documento foi integralmente preservado, conforme o trecho a seguir:

Quando vemos quantos escritos importantes da antiguidade só sobreviveram na forma de fragmentos, como os poemas de Safo, é um milagre que um texto controvertido como o Cântico tenha permanecido 'e devemos ser gratos à embalagem protetora da alegoria, se é verdade que ela contribuiu para preservar intacto o Cântico' ⁶⁹

Partindo dos meus pressupostos, o livro comporta um poema erótico entre um homem e uma mulher, possivelmente, entre Salomão e sua noiva e não entre Deus e a Igreja, e talvez seja esse o motivo que tenha levado a instituição eclesiástica a ocultá-lo de todas as suas práticas litúrgicas mais contemporâneas, tais como as Cartas e o catecismo, como se o conteúdo do Cântico não tivesse peso ou importância para suas intenções doutrinárias ou de ensinamento religioso.

Cito as palavras do teólogo Moser, a respeito da sexualidade expressa no Cântico:

Quem lê o Cântico dos Cânticos, não pode deixar de perceber que ele constitui de um elogio constante a sexualidade. Ademais, trata-se de um elogio feito com uma naturalidade alegre e surpreendente. Basta pensar naquela descrição minuciosa do corpo do homem, da mulher e naqueles arroubos de amores, que a primeira vista pareceriam ser incompatíveis com uma visão judaico-cristã da sexualidade. ⁷⁰

Inspiradas nestas palavras de Moser e partindo de uma opinião muito particular, opto por utilizar a interpretação mais realista e menos alegórica dos Cânticos, ou seja, aquela que se refere ao amor carnal, provavelmente entre Salomão e sua noiva. E, levando em conta esta minha leitura, pergunto: Por que a Igreja Católica não assumiu essa interpretação fortemente presente no Cântico dos Cânticos? Vale salientar que dentro da Igreja Católica têm-se várias correntes de pensamentos, o teólogo Moser assumiu uma postura diferenciada de muitos outros teólogos da Igreja. O discurso

⁶⁹CAVALCANTI, Op. Cit., p.62.

⁷⁰ MOSER, Antônio. "Religião e seus posicionamentos". In: GIUMBELLI, Emerson (org.) **Religião e sexualidade: convicções e responsabilidades**. Coleção sexualidade, gênero e sociedade. Rio de Janeiro: Garamond Universitária, 2005. p. 22.

católico oficial nos fala que o sexo é apenas para a procriação da espécie humana e perpetuação da família nos moldes tradicionais, muito diferente dos ensinamentos bíblicos apresentados no Cântico dos Cânticos e que têm sido ignorados nos usos costumeiros que a Igreja faz (ou não faz) do Cânticos.

Jardilino e Lopes apresentam linhas de pensamento que, além de significativas para minha pesquisa, ainda caminham na mesma direção das interpretações de Moser. Eles ressaltam que:

*A primeira porta de entrada foi conhecida como naturalista ou realista, ou seja, uma compreensão “ao pé da letra”. O povo entendia o livro como uma expressão do amor erótico. (...) A segunda porta de entrada no texto é alegórica. (...) A terceira porta de entrada, acreditamos, é relevante enquanto conhecimento histórico das relações e valores com as quais Israel conviveu e até de certa forma recebeu influências (...). Os adeptos do método histórico-crítico - método que usa de diversas técnicas científicas na tentativa de se chegar ao sentido “original” do texto – têm insistido que não se deve fugir do fato de que o Cântico dos Cânticos é uma celebração do amor erótico; e na vertente latino-americana, têm chamado a atenção para o papel do poema de denúncia as opressões contra a mulher.*⁷¹

Como já mencionei, não pretendo encaminhar minha pesquisa no sentido da interpretação alegórica que a Igreja Católica tem empreendido há pelo menos nos últimos séculos. A intenção é de procurar compreender, pelo menos em parte, por que a instituição optou por não utilizar da interpretação “ao pé da letra” e ter negado ao conjunto de fiéis contemporâneos a chave para conhecer a outra leitura possível do Cântico dos Cânticos, ou seja, que trataria, na minha interpretação, do amor carnal entre um homem e uma mulher. Quero ressaltar que quando se fala de um poema de amor vale considerar que o amor tem várias interpretações, entre estas, a do amor puro, sagrado e a do amor sensual e erótico, conforme Jardilino e Lopes descrevem:

*Tanto nos habituamos a essa fragmentação do amor – e influenciados pela moralidade cristã – que, ao falarmos de amor como o caminho apresentado por Deus para vivermos o seu reino, naturalmente entendemos que o amor erótico não faz parte disso. Mas como Deus não tinha tradição puritana, falou do amor sensual e sexual como algo bom, pois tudo que fez era bom, muito bom!*⁷²

⁷¹ JARDILINO, José Rubens L. e LOPES, Leandro de Proença. “Cântico dos Cânticos: parte do Canon sob. Censura”. In: **Revista Nures**, n. 13, Núcleo de Estudo e Religião e Sociedade, Pontifícia Universidade Católica. São Paulo. – Setembro/Dezembro 2009, p. 3. Disponível em: <http://www4.pucsp.br/nures/Revista13/jardilino.pdf>. Acesso: 20/set./2009.

⁷² Idem, p. 5.

Neste sentido, quero destacar que interpreto e acredito que sexo, amizade, desejo, sensualidade, esse conjunto de sentimentos e/ou características dos relacionamentos humanos fazem parte de Deus. Interpreto segundo minha trajetória de vida, ainda que iniciante, de católica comprometida com a Igreja e atuante na Pastoral da Catequese e movimento do ECC (Encontro de Casais com Cristo). Minha atuação, minha crença em Deus, entretanto, não impedem meus questionamentos. Com isso, percebo que a Igreja optou por outra visão sobre o amor, separando o amor sensual do amor puro.

Cavalcanti apresenta o duplo significado que o conceito de amor assume no Cântico:

*Para os que defendem a natureza alegórica do poema, o amor nele cantado é o amor espiritual (agape), desencarnado, que se expressa no cotidiano pelo amor ao próximo e que encontra sua expressão maior na união mística com Deus. Para os defensores da tese naturalista, o amor descrito é o amor físico (eros) entre uma mulher e um homem.*⁷³

Neste sentido, a Igreja Católica defende a interpretação alegórica para o poema, pois esta permitiu abordar o amor como sagrado entre Deus e a igreja, no qual o amor é puro e espiritual. Enquanto que o amor físico entre um homem e uma mulher sem serem inseridos no sacramento do matrimônio, entraria em contradição com as regras da Igreja. Pois este amor físico somente é permitido para homem e mulher que adquiriram o sacramento do matrimônio, segundo as regras da Igreja Católica e que tem por finalidade a procriação de filhos.

Para não me limitar em apenas um livro do Antigo Testamento, quero destacar o livro do Gênesis Capítulo 2, onde é relatada a criação do homem por Deus, e logo em seguida a criação da mulher, sendo esta um presente de Deus para o homem. Com isso podemos intuir que, nos ensinamentos bíblicos, o homem e a mulher foram criados para viver um com outro, completando-se, na fusão entre amor e sexo. Neste episódio bíblico não há menção alguma relacionada com o casamento formal entre homem e mulher, contrariando fortemente aquilo que será apregoado pela Igreja Católica dos últimos séculos, como sendo um dos sete sacramentos, aquele que exige o matrimônio formal, criado pela instituição para atenuar o risco de mulheres e homens entrarem em condição de pecado, ou seja, desobediência a Deus e à Igreja. O discurso da Igreja, em diferentes temporalidades (séculos XIX, XX e XXI) naturaliza certos conceitos como ‘união

⁷³ CAVALCANTI, Op. Cit., p.201.

matrimonial', 'relação amorosa', tratando-os como vocação inerente ao ser humano, independente de contextos, culturas ou contingências e circunstâncias históricas.

A esse respeito é muito ilustrativa a Segunda Parte, Capítulo Terceiro, Artigo 7 do Catecismo da Igreja Católica. O catecismo para os católicos é o resumo de toda a doutrina católica, contendo os dogmas, no qual tem por objetivo instruir e direcionar os fiéis em questões da fé e da moral, ou seja, é uma fonte de orientações para padres e fieis. Para ilustrar cito parágrafos que se refere ao Sacramento do Matrimônio:

A íntima comunhão de vida e de amor conjugal que o Criador fundou e dotou com suas leis [...] O próprio [...] Deus é o autor do matrimônio. A vocação para o Matrimônio está inscrita na própria natureza do homem e da mulher, conforme saíram da mão do Criador. O casamento não é uma instituição simplesmente humana, apesar das inúmeras variações que sofreu no curso dos séculos, nas diferentes culturas, estruturas sociais e atitudes espirituais. Essas diversidades não devem fazer esquecer os traços comuns e permanentes. Ainda que a dignidade desta instituição não transpareça em toda parte com a mesma clareza, existe, contudo, em todas as culturas, um certo sentido da grandeza da união matrimonial. “A salvação da pessoa e da sociedade humana está estreitamente ligada ao bem-estar da comunidade conjugal e familiar.”⁷⁴

Todo homem sofre a experiência do mal, à sua volta e em si mesmo. Esta experiência também se faz sentir nas relações entre o homem e a mulher. Sua união sempre foi ameaçada pela discórdia, pelo espírito de dominação, pela infidelidade, pelo ciúme e por conflitos que podem chegar ao ódio e à ruptura. Essa desordem pode manifestar-se de maneira mais ou menos grave, e pode ser mais ou menos superada, segundo as culturas, as épocas, os indivíduos. Tais dificuldades, no entanto parecem ter um caráter universal.”⁷⁵

Segundo a fé, essa desordem que dolorosamente constatamos não vem da natureza do homem e da mulher, nem da natureza de suas relações, mas do pecado. Tendo sido uma ruptura com Deus, o primeiro pecado tem, como primeira consequência a ruptura da comunhão original do homem e da mulher. Suas relações começaram a ser deformadas por acusações recíprocas, sua atração mútua, dom do próprio Criador, transforma-se em relações de dominação e de cobiça; a bela vocação do homem e da mulher para ser fecundos, multiplicar-se e sujeitar a terra é onerada pelas dores de parto e pelo suor do ganha-pão.”⁷⁶

No parágrafo 1603 podemos perceber que o sacramento do matrimônio é colocado no contexto da criação do mundo, no qual a sua origem se dá a partir da ação do divino, o casamento não é apenas uma ação do homem, mas uma ação do próprio

⁷⁴ JOÃO PAULO II. **Catecismo da Igreja Católica**: Edições típica vaticana, Editora Loyola, 2000. § 1603, p. 438.

⁷⁵ JOÃO PAULO II, Op. Cit., § 1606, p. 440.

⁷⁶ JOÃO PAULO II, Op. Cit., § 1607, p. 440.

Deus. Neste sentido, o matrimônio é colocado como um caminho de salvação da pessoa humana. Já no parágrafo 1606 o autor apresenta os males que podem contagiar o homem e a mulher inseridos no sacramento do matrimônio, no qual o estado de pecado acarreta dificuldades matrimoniais, sendo que estas devem ser superadas pelos mesmos. E por fim o parágrafo 1607 descreve o homem em situação pecaminosa, no qual o mesmo é distanciado de Deus e que tem sua penalidade aplicada a toda humanidade.

O Cântico dos Cânticos também não menciona qualquer tipo de ritual designado ao casamento nos padrões formais que conhecemos. Tudo indica que os personagens sejam namorados e/ou amantes. Minha questão é: se amor e sexo podem se completar entre namorados e amantes, Deus os aprovaria? Como historiadores não temos instrumentos possíveis, dentro dos quadros da dinâmica que conhecemos por “fazer historiográfico”, para responder a esta pergunta, mas é possível e plausível, pensar e questionar a conduta escolhida pela Igreja, que, ao que parece, caminha na direção de adotar a postura de desaprovação do sexo antes do matrimônio. Essas premissas que mencionei não estão de acordo com os princípios da Igreja Católica, então essa interpretação alegórica do Cântico para a tradição cristã poderia ser julgada como proposital, como uma opção da Igreja, apontando intenções diferenciadas daquelas inscritas nas Sagradas Escrituras na sua versão mais antiga e tradicional.

2.3 Por uma conceituação do *Cântico*: entre o imaginário e as representações sociais

O imaginário social e as representações sociais estão presentes em todas as sociedades, sendo que ambos os termos permitem um campo de ampla investigação, pois apresentam múltiplas funções para o trabalho do historiador e de outros estudiosos das ciências humanas. O imaginário social era visto como lugar das coisas ilusórias da vida do homem, ou seja, não era visto como um campo de possibilidades de estudos das ditas ‘coisas sérias’. Foi a partir do início do século XX que Émile Durkheim⁷⁷ formulou os conceitos de representação social e imaginário social e, a partir de tal conduta, historiadores incorporaram estes termos em suas pesquisas.

⁷⁷ DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália**. São Paulo: Edições Paulinas, 1989.

Com isso o imaginário social ganhou força e passou a atuar no contexto das ‘coisas sérias’ que regem uma sociedade. Todo homem seja ele pobre ou rico é detentor de sonhos, ilusões e fantasias, o que não o deixa fora da vida social e de seus compromissos políticos, ou seja, não tem como separar o que é imaterial do material.

*No sistema de representações produzido por cada época e no qual esta encontra a sua unidade o «verdadeiro» e o «ilusório» não estão isolados um do outro, mas pelo contrário unidos num todo, por meio de um complexo jogo dialético. É nas ilusões que uma época alimenta a respeito de si própria que ela manifesta e esconde, ao mesmo tempo, a sua «verdade», bem como o lugar que lhe cabe na «lógica da História».*⁷⁸

Neste sentido, Baczko apresenta que a imaginação sempre esteve no poder, uma vez que qualquer poder se rodeia de representações sociais.

*Os antropólogos e os sociólogos, os historiadores e os psicólogos começaram a reconhecer, senão a descobrir, as funções múltiplas e complexas que competem ao imaginário na vida coletiva e, em especial, no exercício do poder. As ciências humanas punham em destaque o fato de qualquer poder, designadamente o poder político, se rodear de representações coletivas. Para tal poder, o domínio do imaginário e do simbólico é um importante lugar estratégico.*⁷⁹

Vale salientar que, para Baczko, imaginário social e representações sociais tem a mesma função, ou seja, são termos que estão voltados para reconhecer-se e designar as recusas e expectativas dos agentes sociais. Estes termos possibilitam estudar os comportamentos dos agentes sociais e suas configurações em determinados contextos históricos.

Para entender os discursos tradicionais acerca de uma temática devemos reler uma época e suas particularidades, pois assim percebemos as implicações do imaginário social, como eles se constituíram ao longo dos anos.

A partir dos meus pressupostos, acredito que a Igreja Católica só obteve sucesso em suas representações sociais, devido às ações que impulsionam o coração e anseios de homens e mulheres. “Esta [a Igreja] apenas teria conseguido implantar os «preconceitos»

⁷⁸ BACZKO, Bronislaw. “A imaginação social” In: ROMANO, Ruggiero (org.). Enciclopédia Einaudi (Anthropos-Homem). Lisboa: Imprensa Nacional; Casa da Moeda, 1985, v.5, p. 303.

⁷⁹ BACZKO, Op. Cit., p. 297.

e o «fanatismo» nos espíritos graças à fraude e à manipulação particularmente hábil das palavras, signos, cerimônias, etc.”⁸⁰

Da mesma forma que a sociedade é produtora de normas e valores também é produtora de sistemas de representações sociais, uma vez que os indivíduos estabelecem relações com as instituições públicas. Essa relação entre instituições e agentes sociais é composta de sentidos, ou seja, o indivíduo visa necessidades, expectativas e angústias e desta maneira as instituições e os agentes sociais não se relacionam apenas pelos aspectos físicos da sociedade, mas também pelas esperanças, paixões e ilusões. Essa relação se dá de maneira recíproca, uma vez que os agentes sociais procuram sentidos para sua atuação no meio social e as instituições desempenham o papel de preenchimento de lacunas nos homens, aqui em especial, a instituição religiosa.

A Igreja Católica forjou um imaginário social a respeito do gênero feminino, no qual percebemos um controle a respeito de tal categoria. Desta maneira o Cântico dos Cânticos consegue sobreviver com sua interpretação alegórica, que é o amor de Deus para com sua Igreja. No contexto religioso católico as mulheres teriam um modelo para seguir, aproximação com a imagem de Maria modelo que é ditado nos discursos e enfatizado nas pregações.

Para que o imaginário se efetive são necessários discursos inteligentes, argumentando a aplicação de tal conduta e comportamento, estes discursos requerem coerência. Baczko afirma que exercer um poder simbólico é o mesmo que duplicar e confirmar a dominação sobre determinado grupo. “A prova disso é que constituem o objeto de lutas e conflitos encarniçados e que qualquer poder impõe uma hierarquia entre eles, procurando monopolizar certas categorias de símbolos e controlar outras.”⁸¹

Por isso a Igreja Católica interpreta o livro Cântico dos Cânticos com certos simbolismos com o objetivo de garantir o poder sobre o pensamento dos fiéis, desta forma a função da imaginação social é de direcionar e orientar os católicos. Segundo Baczko:

*É assim que, através dos seus imaginários sociais, uma coletividade designa a sua identidade; elabora uma certa representação de si; estabelece a distribuição dos papéis e das posições sociais; exprime e impõe crenças comuns; constrói uma espécie de código de bom comportamento, designadamente através da instalação de modelos formadores tais como o do chefe, o bom súdito, o guerreiro corajoso, etc.*⁸²

⁸⁰ BACZKO, Op. Cit., p. 301.

⁸¹ BACZKO, Op. Cit., p. 299.

⁸² BACZKO, Op. Cit., p. 309

A partir desta perspectiva pode se indagar sobre os motivos pelos quais a Igreja Católica teria “produzido”, estimulado e canalizado esforços para tornar efetivo um imaginário a respeito do Cântico dos Cânticos, no qual de certa maneira consegue controlar a leitura do livro para os fieis, sem mexer em questões que a instituição considera problemáticas.

Segundo Baczko quando o símbolo passa a fazer sentido para determinado grupo de pessoas, este passará a operar como uma representação. Ao exercer poder sobre a imaginação das pessoas, é preciso que haja sentido para essas, pois caso contrário, o imaginário não exercerá qualquer tipo de dominação, ou efeito de aceitação.

*O social produz-se através de uma rede de sentidos, de marcos de referência simbólicos por meio dos quais os homens comunicam, se dotam de uma identidade coletiva e designam as suas relações com as instituições políticas, etc. A vida social é produtora de valores e normas e, ao mesmo tempo de sistemas de representações que as fixam e traduzem.*⁸³

Para dialogar com o conceito de imaginário social de Baczko trago a historiadora Pesavento, que aborda esta temática como ponto central da História Cultural, sem deixar de fazer uso do conceito de representação social. Para a historiadora as representações sociais estão explícitas em normas, condutas, instituições e discursos. A partir de tal perspectiva, ou diálogo entre conceitos, é possível estudar o livro Cântico dos Cânticos e suas representações.

Vale salientar que as representações sociais são componentes da experiência dos sujeitos/grupos sociais, no qual os homens e mulheres vivem em torno delas. Segundo a historiadora as representações são criadas a partir da realidade vivida pelos indivíduos, o que é de suma importância uma vez que não são cópias.

*As representações são também portadoras do simbólico, ou seja, dizem mais do que aquilo que mostram ou enunciam, carregam sentidos ocultos, que, construídos social e historicamente, se internalizam no inconsciente coletivo e se apresentam como naturais, dispensando reflexão.*⁸⁴

Vale salientar que o historiador voltado a compreender as representações sociais não está preocupado com a verdade sobre a realidade de uma época ou de uma

⁸³ BACZKO, Op. Cit., p.307.

⁸⁴ PESAVENTO, Sandra Jatahy. Mudanças epistemológicas: a entrada em cena de um novo olhar. In: **História & História Cultural**. Sandra Jatahy Pesavento. 2. Ed. 1. Reimp. – Belo Horizonte: Autêntica, 2005. p. 41

sociedade, mas, antes, visa entender e dar visibilidade a determinadas condutas e aos contextos que propiciaram tais manifestações, procurando entender como os acontecimentos se dão.

Pesavento afirma que grupos e indivíduos somente dão sentido ao mundo através das representações sociais, uma vez que estas são construídas para concretizar a existência e lugar que indivíduos ocupam na sociedade, pois sem estas o sujeito se vê desconexo de sua realidade. Desta maneira, representações sociais são carregadas de significação e é a partir de tais significações que é possível chegar a dados que possibilite entender determinadas representações e suas conotações.

*Se a realidade por vezes nos parece opaca e incompreensível, é preciso buscar indícios, estabelecer relações e procurar significados em dados aparentemente irrelevantes, mas que adquirem sentido dentro de um contexto mais amplo, que é a necessária referência para a interpretação.*⁸⁵

Vale destacar que nenhum evento está isolado, mas sua ocorrência se dá, sempre, necessariamente dentro de contextos sociais. Para Pesavento isto é representação social. O indivíduo ou o grupo está dentro de uma sociedade carregada de símbolos que precisam ser decifrados como representação social. Só é possível compreendê-los a partir compreensão dos contextos, sem serem isolados.

Nesta perspectiva, o livro Cântico dos Cânticos evoca a imagem do homem e da mulher num amor ideal. Enquanto que a Igreja Católica produz outra memória a respeito do amor entre um homem e uma mulher. Essas representações sociais que a Igreja constrói necessitam de semelhança com o mundo real em que os fiéis estão inseridos, para que as representações sociais sejam aceitas e adotadas, pois caso contrário estas não serão adotadas pelos indivíduos. Vale mencionar que as representações sociais só são bem sucedidas devido à aceitação social, pois elas não são impostas e sim incorporadas pelos indivíduos.

Neste sentido, cito ainda Pesavento: “O imaginário social não se resume às ideias-imagens utópicas, mas elas lhe dão um suporte poderoso, como forma específica de ordenação de sonhos e desejos coletivos.”⁸⁶

Percebemos nitidamente que os sonhos e desejos dos sujeitos sociais têm como pilares as representações sociais. Os indivíduos e grupos aderem às representações

⁸⁵ PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Em busca de uma Outra História: Imaginando o Imaginário.** In: Revista Brasileira de História. São Paulo: ANPUH/Contexto, vol. 15, nº 29, 1995, p. 18.

⁸⁶ PESAVENTO, Op. Cit., p.22.

sociais uma vez que elas atende, de certa maneira, expectativas dos mesmos. É neste sentido que Baczko afirma que qualquer forma de manipulação e de poder está presente representações sociais, por isso gerenciar e manipular o imaginário social é um campo que garante poder. Com isso, cito Pesavento

*Mas, sem dúvida alguma, é importante que se tenha em vista que intervêm no processo de formação do imaginário coletivo manifestações e interesses precisos. Não se pode esquecer que o imaginário social é uma das forças reguladoras da vida coletiva, normatizando condutas e pautando perfis adequados ao sistema.*⁸⁷

Enfim para Pesavento, o imaginário é representação, pois ambos os termos estão direcionados para o jogo da vida real e da vida do aparente, no qual ambos se misturam para possibilitar um estudo mais eficaz para o historiador.

Para finalizar esse tópico trago ainda a historiadora Jodelet que aponta os veículos de transmissão que as representações sociais percorrem, que podem ser discursos, posturas, imagens e outras que circulam na sociedade e busca sua efetivação. Neste sentido, podemos verificar nos documentos editados pela Igreja Católica e analisados no primeiro capítulo, que o discurso da Igreja tem por objetivo estabelecer limites e regras da vida sexual das pessoas, especialmente, das mulheres. Com isso foram criadas representações sociais que perpassaram décadas até nossos dias.

As representações sociais da Igreja Católica para a mulher têm caráter de regulador da moral na qual a mulher é uma personagem voltada para a procriação e para o casamento, caso contrário deveria viver para a castidade. Com isso as representações sociais desenham esquemas mentais e comportamentais dos sujeitos e se fixam, resultam dos paradigmas que sobrepõem à racionalidade. Na minha perspectiva as representações sociais sobrevivem mediante modelos sociais que acabam sendo fixados na memória das pessoas.

Com as representações sociais a Igreja Católica tem por objetivo retornar a valores familiares, ou seja, tradicionais visando garantir a moral conservadora. Para isso reforçam os discursos e os modelos sociais para que as práticas sociais sejam de acordo com as regras que a Igreja dita, ou seja, as normas da Igreja servem como um guia no qual as pessoas direcionam suas ações e condutas.

⁸⁷ PESAVENTO, Op. Cit., p.23.

Segundo Jodelet:

*Geralmente, reconhece-se que as representações sociais – enquanto sistemas de interpretação que regem nossa relação com o mundo e com os outros – orientam e organizam as condutas e as comunicações sociais. Da mesma forma, elas intervêm em processos variados, tais como a difusão e a assimilação dos conhecimentos, o desenvolvimento individual e coletivo, a definição das identidades pessoais e sociais, a expressão dos grupos e as transformações sociais.*⁸⁸

A partir destas minhas reflexões, acredito que o Cântico dos Cânticos, permite de forma exemplar, revelar inúmeras características da nossa época e relacionar estas com elementos que permeiam o discurso da Igreja Católica na sociedade contemporânea, especialmente, na temática sobre o gênero feminino e as expressões da sexualidade no contexto religioso.

⁸⁸ JODELET, Denise. Representações sociais: um domínio em expansão. In: JODELET, Denise (org.) **As Representações Sociais**. Rio de Janeiro. Ed. UERJ, 2001. p. 22.

*“E o perfume de tua boca como o odor das maçãs; teus beijos são como um vinho delicioso que corre para o bem-amado, umedecendo-lhe os lábios na hora do sono.
Eu sou para o meu amado o objeto de seus desejos.”
(Ct, 7, 10-11)*

CAPÍTULO 3

Identities femininas no Cântico dos Cânticos

3.1 Uma tradução do poema Cântico dos Cânticos

Caro leitor segue abaixo, na íntegra, o poema Cântico dos Cânticos da tradução da língua hebraica feita pelo poeta Geraldo Holanda Cavalcanti. Para uma compreensão mais detalhada deste trabalho é necessário que se faça a leitura do mesmo. Por isso, peço sua paciência para tal, pois realizar a leitura de um poema num trabalho monográfico de História não é uma tarefa usual, mas aqui, neste trabalho, cada trecho revela significados surpreendentes. Sem dúvida a leitura do mesmo irá fasciná-lo, pois possibilita reflexões e novos posicionamentos críticos acerca do poema, uma vez que a análise feita não é uma compreensão definitiva, apenas uma interpretação possível.

CÂNTICO DOS CÂNTICOS

1

- 1:1 O Cântico dos Cânticos de Salomão.
1:2 - “Que ele me beije com os beijos da sua boca!
Tuas Carícias são mais saborosas que o vinho
1:3 e me inebriam os teus perfumes.
Teu nome é bálsamo derramado.
Por isso as jovens todas te desejam.
1:4 Arrasta-me contigo, corramos.
Trouxe-me o rei à sua recâmara,

- e gozemos, alegremo-nos graças a ti.
A lembrança das tuas carícias é melhor que o vinho.
Como é possível não te amar!
- 1:5 Sou negra, sim,
Ó filhas de Jerusalém,
Como as tendas de Quedar,
Mas bela como as cortinas de Salomão.
- 1:6 Não me olhem assim, porque sou escura.
Se sou morena, é porque o sol me tisonou.
Os filhos da minha mãe zangaram-se comigo
e puseram-me a guardar as vinhas.
A minha não guardei!
- 1:7 Diz-me, amado de minh'alma,
aonde levas o teu rebanho,
para que eu não me desgarre
entre os rebanhos dos teus companheiros.”
- 1:8 -“Se não o sabes,
ó bela entre as belas,
vai pela trilha dos rebanhos
e apascenta os teus cabritos
entre os acampamentos dos pastores.
- 1:9 A uma égua solta entre os carros do Faraó
Eu te comparo, ó minha amada.
- 1:10 Tuas faces são belas entre os teus brincos,
teu pescoço em teus colares.
- 1:11 Far-te-ei pingentes de ouro
Incrustados de prata.”
- 1:12 -“Enquanto o rei me fala, em seu leito,
meu nardo exala o seu perfume.
- 1:13 Um sache de mirra é o meu amado,
Entre os meus seios repousa,
- 1:14 um cacho de alfena é o meu amado,
entre as vinhas de Engadi.”
- 1:15 -“Que tu és bela, amada minha,

Que tu és bela,
Os teus olhos são pombas”.

- 1:16 -“Que tu és belo, amado meu,
Como me encantas!
Nosso leito é um leito de folhas.
1:17 As vigas da nossa casa são os caules dos cedros
E os lambris os ramos dos ciprestes.

2

- 2:1 Eu sou a flor dos campos,
o lírio dos vales.”
2:2 -“Um lírio entre as sarças
é a minha amada entre as jovens.”
2:3 -“Uma macieira entre as árvores
é o meu amado entre os jovens.
Deixar-me ficar à sua sombra é o meu prazer,
e o seu fruto é doce em minha boca.
2:4 Ali, como a uma casa de vinho me levou
e o seu olhar sobre mim era de amor.
2:5 Eu vos suplico, fortalecei-me com passas,
reavivai-me com maçãs,
que estou doente de amor.
2:6 Sua mão esquerda sustenta a minha cabeça
e com a sua direita me abraça.”
2:7 -“Eu vos conjuro, filhas de Jerusalém,
pelas gazelas e corças do campo,
não susciteis, não desperteis o amor,
antes que este o queira.”
2:8 -“É a voz do meu amado!
Ei-lo que vem
franqueando as montanhas,
saltando as colinas.
2:9 Como um corço é o meu amado,
um cabrito montês.

- E agora pára
por trás do muro,
pela janela me espia,
através da treliça.
- 2:10 E a mim me diz, o meu amado:
-‘Levanta-te, amada minha,
Minha bela, e vem.
- 2:11 Olha, o inverno já passou
acabaram-se as chuvas,
- 2:12 as flores brotam na terra,
começam os pássaros a cantar,
a rolinha já se anuncia
em nossos campos,
- 2:13 vicejam os frutos na figueira
desabrocha a videira os seus perfumes.
Levanta-te, amada minha,
minha bela, e vem.
- 2:14 Pomba minha, nos nichos da rocha,
nas frinchas dos barrancos,
deixa que eu ouça a tua voz,
que a tua voz é doce
e o teu semblante é belo!’
- 2:15 -“Agarrem as raposas,
as pequenas raposas
que devastam as cepas
da nossa vinha em flores!”
- 2:16 -“Meu bem-amado é meu e eu sou dele,
que apascenta entre os lírios.
- 2:17 Antes que nasça o dia
e as sombras se dispersem,
foge, querido meu,
como o corço ou o cabrito montês,
vencendo os morros que nos separam.

- 3:1 À noite, em seu leito,
Procurei o amado de minha'alma.
Busquei-o e não o achei.
- 3:2 Vou levantar-me, andar pela cidade,
pelas ruas, pelas praças,
a procurar o amado de minha'alma.
Busquei-o e não o achei.
- 3:3 Encontraram-me os guardas
que fazem a ronda na cidade.
- 'Acaso viram o amado de minha'alma?', perguntei.
- 3:4 Mal os havia deixado
quando encontrei o amado de minha'alma.
Agarrei-o e não o larguei
até levá-lo à casa de minha mãe,
ao quarto daquela que me deu à luz."
- 3:5 - "Eu vos conjuro, filhas de Jerusalém,
pelas gazelas e corças do campo,
não susciteis, não desperteis o amor,
antes que este o queira."
- 3:6 - "O que é isso que sobe do deserto,
como uma coluna de fumaça,
cheirando a mirra e a incenso
e a todos os perfumes dos mercadores?"
- 3:7 - "É a liteira de Salomão!
Sessenta bravos a escoltam,
de entre os mais valentes de Israel.
- 3:8 São homens treinados,
exímios guerreiros.
Levam a espada na ilharga
contra os perigos da noite.
- 3:9 Das madeiras do Líbano
mandou o rei fazer a sua liteira.

3:10 As colunas são de prata
o espaldar de ouro,
os coxins de púrpura
e o leito de ébano.

3:11 Saí e vede,
filhas de Sião,
o rei de Salomão
com a coroa que lhe pôs sua mãe
no dia de sua boda,
no dia da alegria de seu coração.”

4

4:1 -“És bela, amada minha,
és bela!
Teus olhos são pombas,
sob o teu véu;
teus cabelos, um rebanho de cabras
descendo os flancos do Guilead;

4:2 teus dentes, uma malhada de ovelhas tosquiadas
saindo do banho,
todas iguais,
sem defeito;

4:3 teus lábios, um traço escarlata,
e a tua boca é graciosa;
metades de uma romã são as tuas faces,
sob o teu véu;

4:4 teu pescoço é como a torre de Davi,
majestosamente erguida,
de onde pendem mil couraças
e os escudos dos bravos;

4:5 teus seios,
crias gêmeas da gazela,
que pascem entre os lírios.

4:6 Antes que nasça o dia

- e as sombras se dispersem,
irei para o monte de mirra,
a colina de incenso.
- 4:7 És toda bela, amada minha,
em ti não há mácula.
- 4:8 Comigo do Líbano, amada minha,
comigo do Líbano, vem,
desce das alturas do Amaná,
dos cumes do Sanir e do Hermon,
de onde vivem os leões,
das montanhas dos leopardos.
- 4:9 Arrebataste meu coração, minha irmã, minha amada,
arrebataste meu coração com um mero olhar,
uma só volta dos teus colares.
- 4:10 Como são belos os teus seios,
minha irmã, minha amada,⁸⁹
mais saborosos que o vinho,
e melhor do que todos os aromas é o odor dos teus perfumes.
- 4:11 Como favos escorrendo são os teus lábios, minha amada;
o mel e o leite se escondem sob a tua língua
e o perfume das tuas vestes
é como o aroma do Líbano.
- 4:12 Um jardim fechado é minha irmã, minha amada,
um manancial cerrado, uma fonte selada,
- 4:13 de ti exala um paraíso de romãs,
de frutas deliciosas,
de alfeneiro, de nardo,
- 4:14 do nardo com o açafraão,
e a canela e o jasmim,
e todas as árvores de incenso,
a mirra e o aloé,

⁸⁹ Vale um alerta: Nesta expressão o termo irmã remete-se a mulher amada, amante e não a palavra irmã segundo a nossa contemporaneidade. Na Tradução Ave-Maria (em anexo) temos a expressão ‘minha irmã, minha esposa’ o que figura uma tradução que carrega intenções da Igreja Católica.

e as que os melhores perfumes desprendem.

4:15 Fonte num jardim,
nascente de água viva
regado do Líbano.”

4:16 -“Desperta, vento norte,
chega-te, vento sul,
soprai sobre meu jardim
e espalhai os seus perfumes.

[5:1] Venha o meu amado ao seu jardim
e coma dos seus frutos saborosos.”

5

5:1 -“Entrei no meu jardim, minha irmã, minha amada,
colhi a minha mirra e o meu incenso;
comi o meu favo e o meu mel;
bebi o meu vinho e o meu leite.
Comei, amigos, e bebei.
Inebriai-vos, amantes!”

5:2 -“Eu dormia, mas meu coração vigilava,
Ouço a voz de meu amado, que bate:
-‘Abre-me! Minha irmã, minha amada,
minha pomba perfeita,
porque tenho a cabeça cheia de orvalho,
os cabelos molhados de sereno.

5:3 Já despi a minha túnica,
vou vesti-la de novo?
Já lavei os meus pés,
vou sujá-los de novo?”

5:4 -“Meu bem amado põe a mão pela fenda
E minhas entranhas estremecem.

5:5 Levanto-me para abrir-lhe a porta,
minhas mãos gotejam mirra
que de meus dedos escorre
sobre a aldrava.

- 5:6 Abri para o meu amado,
mas ele já se havia ido.
Fiquei fora de mim ao não vê-lo.
Busquei-o e não o achei.
Chamei-o e não me atendeu.
- 5:7 Encontraram-me os guardas
que rondam a cidade.
Bateram-me, feriram-me,
tiraram-me a veste
os guardas das muralhas!
- 5:8 Eu vos suplico, filhas de Jerusalém,
se encontrardes meu amado,
o que lhe direis?
Dizei-lhe que estou doente de amor.”
- 5:9 -“O que tem ele de especial, o teu amado,
ó bela entre as belas,
o que tem ele de especial, o teu amado
para que assim nos supliques?”
- 5:10 -“O meu amado é radiante, corado,
inconfundível entre mil.
- 5:11 Sua cabeça é ouro fino,
suas madeixas, cacheadas,
negras como um corvo;
- 5:12 seus olhos são como pombas
lavadas
num rio de leite;
- 5:13 suas faces são canteiros de bálsamo,
com tufos de ervas aromáticas;
seus lábios são lírios,
deles emana a mirra mais pura;
- 5:14 suas mãos são de ouro torneadas,
cobertas de pedras preciosas;
seu ventre é de marfim polido,
com veios de safira;

5:15 suas pernas colunas de alabastro
em pedestais de ouro;
seu aspecto é como o do Líbano,
majestoso como os cedros;
5:16 seu palato é pura doçura
tudo ele é desejável.
Esse é o meu amado, esse é o meu amigo,
ó filhas de Jerusalém.”

6

6:1 -“Para onde foi o teu amado,
ó bela entre as belas?
Que rumo tomou,
para que o procuremos contigo?”
6:2 -“Ao seu jardim desceu o meu amado,
aos canteiros de bálsamo,
a passear entre as plantas
e colher os seus lírios.
6:3 Eu sou de meu amado e meu amado é meu,
ele, que apascenta entre os lírios.”
6:4 -“És bela como Tirçá, amada minha,
formosa como Jerusalém,
deslumbrante como as estrelas do céu.
6:5 Desvia de mim esses teus olhos
que assim me perturbam.
Teus cabelos são como um rebanho de cabras
descendo os flancos do Guilead;
6:6 teus dentes, uma malhada de ovelhas,
saindo do banho,
aos pares,
uma só não falta;
6:7 tuas faces, metades de uma romã,
sob o teu véu.
6:8 São sessenta as rainhas,

- oitenta as concubinas,
e as jovens sem conta.
- 6:9 Mas única é minha pomba perfeita,
única de sua mãe,
a preferida daquela que lhe deu à luz.
Vendo-a, as jovens chamaram-na bem-aventurada;
louvaram-na as rainhas e as concubinas.”
- 6:10 -“Quem é essa que desponta como a aurora,
bela como a lua,
brilhante como o sol,
deslumbrante como as estrelas do céu?”
- 6:11 -“Eu havia descido até o pomar das nogueiras
para ver as frutas do vale,
se já floriam as videiras
e germinavam as romãzeiras,
- 6:12 e – fiquei fora de mim! – vejam o que me aconteceu:
ela sentou-me como um nobre em seu coche”.

7

- 7:1 -“Vira-te, vira-te, Sulamita,
vira-te, vira-te, para que possamos te ver!”
-“O que quereis ver na Sulamita
como se esta fosse a dança de Maanaim?”
- 7:2 -“Como são belos os teus pés em tuas sandálias,
ó filha de príncipe;
as curvas de teus quadris,
uma jóia, obra de artista;
- 7:3 teu umbigo, uma taça torneada
onde não falta o melhor vinho;
teu ventre, um monte de trigo
coroadado de lírios;
- 7:4 teus seios,
crias gêmeas da gazela;
- 7:5 teu pescoço, uma torre de marfim;

teus olhos, como as piscinas de Hesebon
 junto à porta Bat-Rabin;
 teu nariz, como a torre do Líbano
 voltada para Damasco;
 7:6 tua cabeça se alteia como o Carmelo
 e teus cabelos são fios de púrpura
 que a um rei poderiam enlaçar.
 7:7 Como és bela e desejável, amor,
 meu jardim de delícias!
 7:8 Via-te com o porte da palmeira,
 de que teus seios fossem os cachos,
 7:9 e pensei: - ‘Galgarei a palmeira
 e me agarrarei a seus ramos.
 Que teus seios sejam para mim como cachos de uva,
 teu hálito, como o odor da maçã.
 7:10 De tua boca o vinho precioso...”
 -“...se escorrerá para a boca de meu amado
 despertando-lhe os lábios,
 7:11 Eu sou de meu amado,
 sou objeto do seu desejo.
 7:12 Vem, amado meu,
 partamos para o campo,
 durmamos pelo caminho,
 7:13 Madruguemos pelas vinhas
 para ver se germinaram as videiras,
 se já brotaram os seus frutos,
 se abriu suas flores a romãzeira.
 Lá faremos amor.
 7:14 Já exalam seus perfumes as mandrágoras.
 Às nossas portas te esperam as melhores frutas,
 frescas e antigas,
 que guardei para ti, meu amor.

- 8:1 Quem me dera fosses meu irmão
amamentado nos seios de minha mãe,
eu poderia te beijar em público
sem que me censurassem;
- 8:2 eu te conduziria à casa da minha mãe
e ali tu me iniciarias;
eu te daria a beber do vinho aromatizado
e do mosto das minhas romãs.
- 8:3 Sua mão esquerda sustenta minha cabeça
e com sua direita me abraça.”
- 8:4 -“Eu vos conjuro, filhas de Jerusalém,
não susciteis, não desperteis o amor,
antes que este o queira.”
- 8:5 -“Quem é essa que sobe do deserto,
apoiada em seu amante?”
-“Sob a macieira te despertei.
Eis o lugar onde foste concebido,
onde quem te deu à luz te concebeu.”
- 8:6 -“Grava-me como um selo sobre teu coração,
como um selo em tua mão,
porque o amor é tão forte quanto a morte,
e o ciúme mais cruel que o túmulo.
Suas chamas são como flechas de fogo,
raios incandescentes.
- 8:7 Não o apaga a tormenta,
nem o afoga o caudal dos rios.
Toda a riqueza com que se queira comprá-lo
não merecerá senão o desprezo.”
- 8:8 -“Temos uma irmã pequena,
que ainda nem tem seios,
Que faremos dela

- quando vierem pedi-la?”⁹⁰
- 8:9 -“S ela for uma muralha,
ponhamos-lhe um torreão de prata;
se uma porta,
cerquemo-la com pranchas de cedro.”
- 8:10 -“Eu sou uma muralha
e meus seios bastiões;
para o meu amado, o santuário
onde encontrou a paz.”
- 8:11 -“Salomão tinha uma vinha
em Baal-Hamon.
Entregou-a a uns reideiros
que lhe pagavam por ela
mil siclos de prata.
- 8:12 Minha vinha é só minha
Podeis guardar vossas mil, Salomão,
e pagar os duzentos aos que as guardam.”
- 8:13 -“Ó tu que habitas este jardim,
os amigos estão atentos à tua voz,
deixa-me ouvi-la.”
- 8:14 -“Foge, amado,
como o corço,
ou o cabrito montês,
sobre as colinas perfumadas.”

⁹⁰ Nesta estrofe devemos nos ater, pois na tradução Ave-Maria a mesma coloca o termo casamento entre parênteses, em que leva ao fiel entender que remete se ao sacramento do matrimônio, o que pode não ser.

3.2 Uma breve, e possível, leitura do poema

Ao realizar uma leitura do poema devemos ater aos movimentos que o mesmo oferece e não seguir rigorosamente a divisão física feita dos capítulos e versículos, uma vez que essa divisão não é segura, pois o poema possui várias traduções⁹¹, diferenças em questões de pontuação (ponto e vírgula), divergência na sequência das cenas dos capítulos, podendo as cenas terem sido colocadas de forma arbitrária. A leitura a meu ver deve ser feita por temáticas, fazendo um movimento com as cenas, pois assim estaremos considerando o conteúdo do poema na sua totalidade e não cometeremos o engano de realizar uma leitura metódica do mesmo. O leitor deve entender o movimento de cada cena e espaço.

Vale salientar que ao analisar cada tradução, podemos perceber elementos diferentes, como por exemplo, a denominação que a mulher do poema recebe, podendo ser: Sulamita, A amada, Esposa, Noiva e assim por diante. Vale ressaltar que os termos utilizados no poema não são os mesmos termos que usamos em nosso contexto, pois em cada época temos formação de conceitos. O historiador deve ter consciência de que um mesmo conceito pode ter vários significados, dependendo do período e da sociedade que fala.

A tradução do poema mencionada acima tem caráter literário. Para uma maior análise do poema, segue em anexo a este trabalho a Tradução do Cântico dos Cânticos da Bíblia Ave-Maria. Vale destacar que essa tradução é a mais usual no contexto religioso atual, por isso sua escolha para comparações neste trabalho. Saliento para a percepção de que as traduções cristãs têm uma intenção sobre as mesmas, como por exemplo, a expressão “amada minha” citada inúmeras vezes no poema.

⁹¹ Neste sentido, destaco de forma resumida as Traduções Modernas da Bíblia. Segundo Cavalcanti “Nos anos 1960 surgiu The Living Bible, cujo objetivo era fornecer um texto acessível ao leitor médio interessado no estudo da Bíblia. (...) Nos anos noventa, os editores, sem abandonarem a intenção de produzir um texto de fácil leitura e adequado ao nível de um estudante colegial, atentos aos grandes progressos alcançados durante as décadas precedentes na teoria e na prática da tradução, resolveram reescrevê-la, partindo da rica bibliografia acumulada com as modernas traduções da Bíblia Hebraica Stuttgartensia, dos manuscritos gregos, do Pentateuco Samaritano, da Peshita siríaca e da Vulgata, incorporando, igualmente, o que a hermenêutica contemporânea já havia produzido com o estudo dos pergaminhos do Mar Morto. O resultado foi a Holy Bible, New Living Translation, de 1996, de feição nitidamente popular. A New Living Translation busca uma ‘dynamic-equivalence translation’, ou tradução ideia-por-ideia, em contraste com a tradução literal. New English Bible (...), A New International Version (...), a American Bible Society (...), The Contemporary English Version (...). As traduções para o português foram feitas, no passado, em grande parte, através da Vulgata. (...) As traduções recentes de maior significação como esforço para uma leitura atual da Bíblia são da Bíblia Sagrada (BAM/Bíblia Ave-Maria); (...) a Bíblia de Jerusalém; (...) a Tradução Ecumênica da Bíblia, (...) e a Nova Versão Internacional.” p. 35-36.

*A palavra hebraica é caláh, que pode corresponder à palavra portuguesa 'noiva', sentido que tem, por exemplo, nas cerimônias do Sabá, como 'noiva' de Israel. O termo aparece seis vezes entre 4:8 e 5:1 e apenas nesta parte do Cântico. Por influência da Vulgata, que fala de sponsa, muitas traduções cristãs usam o termo 'esposa'. Tal Tradução serve a propósito morais.*⁹²

Outra expressão que merece destaque é a “minha irmã, minha amada”, no qual “Ahotí, literalmente ‘irmã’, podia ser usado para designar a mulher amada. Tal uso era corrente na poesia egípcia antiga e podia aplicar-se tanto à mulher (“irmã”) como ao homem (“irmão”).” Cavalcanti apresenta também que o emprego das expressões “irmã” e “irmão” refere-se aos amantes “os termos ‘irmão’ e ‘irmã’ não implicam em nada mais do que a parceria do amante e da amante na relação amorosa.”⁹³ No entanto, a Igreja Católica figura a esta expressão a Maria e José como iremos ver a seguir na Carta Encíclica Carta às Famílias.

O poema descreve o amor entre homem e mulher, amor carnal que utiliza do jogo da sensualidade, que relata o desejo entre duas pessoas que estão vivendo uma paixão. Pode-se perceber que o poema ao menos deixa subentendido que não remete ao sacramento do matrimônio, ou seja, ao casamento, pois o tema do poema é o amor e ao ato sexual. O poema também transparece muita simplicidade, no qual a natureza é descrita de maneira simples e a descrição dos corpos dos amados, ocorre de forma natural, em que se vê características marcantes de cada personagem. Dentre as quais poderíamos citar algumas características da personagem feminina, conforme os trechos que se segue: “Como são graciosos os teus pés nas tuas sandálias [...] teu umbigo é uma taça redonda [...] teus dois seios são [...]”.

No início do poema sua autoria é designada ao Rei Salomão⁹⁴ e logo nos primeiros versículos há uma súplica para que o amado, o rei, o amante, o esposo, o pastor realize um ato sensual que é beijar sua amada, sulamita, amante, esposa e/ou a pastora. Diante disso percebemos a complexidade que o poema compõe na sua totalidade. Uma característica marcante é o fato de este iniciar e terminar com a fala de uma mulher seja ela, esposa, amante, pastora, amada ou a sulamita.

⁹² CAVALCANTI. Op. Cit., p. 351.

⁹³ CAVALCANTI. Op. Cit., p. 106.

⁹⁴ O Rei Salomão é uma personagem da Bíblia, cuja trajetória de vida é mais relatada no livro dos Reis (Antigo Testamento). Era filho do Rei Davi e de Bate-Seba, e sucedeu seu pai e tornando-se o terceiro Rei de Israel. Segundo alguns cronistas bíblicos, seu reinado durou cerca de quarenta anos.

Vale salientar que a Bíblia na sua totalidade relata vários tipos de beijos, no entanto, somente no Cântico dos Cânticos o mesmo expressa uma conotação sexual, ou seja, direcionado para o ato sexual em si. Segundo Cavalcanti “O beijo da boca é o beijo profundo, aquele que envolve as línguas dos amantes, donde a comparação imediata com o sabor do vinho.”⁹⁵

Outro ponto forte do poema é o verso 2:3, no qual podemos perceber a conotação ao sexo oral por parte da mulher,

Provar do fruto tem, assim, uma conotação sexual. Para alguns comentaristas modernos, é clara a alusão a sexo oral por parte da Sulamita. A contraparte desse verso será, mas tarde, o verso 4:16, no qual a Sulamita convida o amado a comer dos frutos saborosos do seu jardim.

Estes versos formam uma cena, com isso podemos entender a primeira relação sexual que ocorre na trama e ainda nesta cena destaco a iniciativa da mulher para o ato sexual.

No poema podemos apontar várias metáforas que são utilizadas para descrever os corpos físicos da mulher e do homem, como podemos verificar nos seguintes versos: 4:1-5 “olhos/pombas, cabelos/rebanhos de cabras, dentes/rebanhos de ovelhas, lábios/fio de púrpura, face/pedaço de romã, pescoço/torre de Davi, seios/filhotes de gazelas”; 7:2-10; “quadris/colar, umbigo/taça redonda, corpo/monte de trigo, pescoço/torre de marfim, olhos/fontes de Hesebon, nariz/torre do Líbano, cabeça/Carmelo, cabeleira/púrpura, teu porte/palmeira, seios/cachos, seios/cachos de vinha, perfume de tua boca/odor das maçãs, 5:10-16 “olhos/pombas, faces/jardim perfumado, lábios/lírios, mãos/argolas de ouro, corpo/bloco de marfim, pernas/colunas de alabastro” e 6:5-7 cabelos/rebanhos de cabras, dentes/rebanhos de ovelhas e face/pedaço de romã.

Diante destes versos citados acima podemos perceber que a valorização dos corpos é visível, em que as características próprias de cada um são destacadas. Em outros livros da Bíblia, utilizados pela Igreja Católica com frequência, os corpos, pelo contrário, são esquecidos. O mesmo acontece com o CIC.

⁹⁵ CAVALCANTI, Geraldo Holanda. **O Cântico dos Cânticos: Um ensaio de interpretações através de suas traduções**. São Paulo: Edusp, 2005, p. 249.

Na perspectiva de Cavalcanti o poema apresenta vários versos que são direcionados para a descrição dos corpos. Podemos perceber a riqueza de detalhes que o poema carrega.

(...) várias descrições do físico da amada estão fragmentadas em outras partes do texto e, além das que figuram nos wasfs⁹⁶, o poema abunda em evocações de partes do corpo da Sulamita: à cabeça, em 7:6; os cabelos, em 4:1 e 6:5; aos olhos, em 1:15, 4:1 e 7:5; às faces, em 1:10, 2:14, 4:3 e 6:7; ao nariz, em 7:5; à boca, em 7:10; aos lábios, em 4:3 e 4:11; aos dentes, em 4:2 e 6:6; à língua, em 4:11; ao pescoço, em 1:10, 7:5 e 4:4; aos seios, em 4:5, 4:10, 7:3, 7:8 e 7:9; ao umbigo, em 7:3; ao sexo, em 7:3; aos quadris, em 7:2; aos pés, em 7:2.⁹⁷

No meu ponto de vista o wasf do capítulo 7:2-10 é o mais sensual, a descrição inicia pelos pés, seguindo uma ordem contrária aos outros wasfs. Vale destacar que neste capítulo, especialmente, o versículo 3 percebemos a liberdade na descrição minuciosa do corpo da amada, pois alguns comentadores acreditam que “o umbigo” da mulher remete ao sexo, a sua vulva e “coroados de lírios” refere-se aos pelos pubianos da mesma, como podemos verificar no fragmento abaixo:

(...) a palavra hebraica pode designar o baixo-ventre e a TEB (recordo que se trata da Tradução Ecumênica da Bíblia) admite essa possibilidade explicitamente ao afirmar que o sentido é incerto, mas “[c]onvém entendê-lo como um eufemismo para designar a região pubiana, o sexo, a parte do corpo que pode ser descrita como o crescente e que é representada dessa forma em estatuetas de mulheres nuas encontradas no Oriente Próximo.”⁹⁸

Enfim, o poema relata a nudez feminina e exalta suas características particulares com admiração. Nos versículos seguintes percebemos o desejo sexual por parte do homem em relação ao corpo da mulher.

No capítulo 8:2 a mulher novamente toma a iniciativa de conduzir o homem para a cena no qual farão amor, o que contraria os costumes tradicionais da Igreja Católica, uma vez que a mulher não deve demonstrar seus desejos sexuais, e sim esperar pela ação do homem. Neste sentido Azzi relata a postura do clero católico com relação ao

⁹⁶ Na perspectiva de Cavalcanti “O Wasf (a palavra, de origem árabe, significa “descrição”) (...), é um poema em que normalmente se descreve, através de metáforas, os atributos físicos da mulher amada. No Cântico, um dos wasfs (5:10-16) refere-se aos atributos do amado, um exemplo raro no gênero. O wasf é encontradão na poesia egípcia antiga e na poesia árabe.” p. 335.

⁹⁷ CAVALCANTI, Op. Cit., p. 355.

⁹⁸ CAVALCANTI, Op. Cit., p.426.

sexo feminino na contemporaneidade em que procurava manter as mulheres como submissas aos seus esposos.

*Os bispos insistiam na educação familiar que a mulher deveria ter, na vida que deveria levar, o modo adequado de se vestir e de comportar na sociedade. Considerando a mulher como um ser incapaz de se autogovernar, os prelados atribuíam a si a tarefa e a missão de orientá-la em sua vida particular e social. Entre os principais aspectos enfatizados nesse esforço de manter o domínio sobre o mundo feminino estão a inclinação para a vaidade e para a sedução, bem como a fragilidade estrutural da mulher.*⁹⁹

Nesta perspectiva o discurso da Igreja Católica se enfatiza nas interdições, proibições dirigidas, principalmente, ao gênero feminino como podemos verificar nas Cartas Encíclicas editadas pelo papa João Paulo II. Segundo Foucault na sua obra História da sexualidade: a vontade de saber, o objetivo seria a renúncia ao prazer, ao sexo e para tal o instrumento utilizado seria a ameaça verbal de um castigo, como podemos perceber em alguns fragmentos do Catecismo. “A luxúria é um desejo desordenado ou um gozo desregrado do prazer venéreo. O prazer sexual é moralmente desordenado quando é buscado por si mesmo, isolado das finalidades de procriação e de união.”¹⁰⁰

Na perspectiva foucaultiana a censura acerca do sexo toma algumas formas, ou seja, argumentação que o prazer sexual é proibido, evita discussões sobre a temática da sexualidade e o sexo feminino. O fragmento retirado do Catecismo da Igreja Católica exemplifica bem o discurso sobre a sexualidade entre o sexo masculino e feminino, no qual visa a procriação e a fidelidade dentro do sacramento do matrimônio, caso fuja a esta regra os cônjuges estarão em estado de pecado. Neste contexto, surgem inúmeras questões sobre a sexualidade, neste requisito a Igreja Católica prefere silenciar sobre o assunto, questões nas quais a sociedade questiona a instituição religiosa, como é o caso em especial, do silêncio por parte da Igreja acerca do Livro Cântico dos Cânticos.

No versículo 6 podemos fazer referência ao sentimento da paixão que move os amantes, “porque o amor é forte como a morte, a paixão é violenta como o cheol¹⁰¹.” Podemos remeter ao sentimento do ciúme que com frequência faz parte da paixão entre os amantes e como o mesmo ocasiona destruição aos envolvidos. Neste sentido a Igreja

⁹⁹ AZZI, P. Cit. p. 129.

¹⁰⁰ JOÃO PAULO II. **Catecismo da Igreja Católica**: Edições típicas vaticana. Editora Loyola, 2000. § 2351, p. 608.

¹⁰¹ A expressão Cheol significa túmulo, cova ou abismo. Para o povo judeu era uma espécie de lugar subterrâneo que seria a moradia dos mortos.

Católica em seus discursos na contemporaneidade alega que o ciúme não pertence a Deus e os esposos e esposas devem evitar esse sentimento que pode levar a destruição do sacramento do matrimônio, conforme § 1606 do Catecismo da Igreja Católica citado no capítulo anterior.

No último versículo do poema a mulher nos possibilita interpretar que a paixão vivida por ela e pelo amado é uma paixão proibida, pois a mesma pede ao amado para que fuja, ou seja, o amado precisa ir embora, ao contrário do que acontece nos amores espirituais, em que a união é a finalização do enredo. Neste sentido, mais uma vez podemos interpretar que o Cântico dos Cânticos que não é um poema direcionado ao amor eterno, e sim uma paixão talvez efêmera que aconteceu entre ambos, provocando e incitando para além deste, o desejo carnal. A união entre os amados não acontece como é de se esperar segundo o imaginário cristão contemporâneo, que remete a união sacramental, ou seja, tanto espiritual quanto carnal, voltado para a fecundidade.

Enfim, o Cântico na minha perspectiva é um poema que destaca o corpo dos amados, fazendo descrições detalhadas e que resulta no desejo carnal do outro, seguindo as vias da paixão carnal, contrariando o discurso da Igreja Católica que destaca o amor espiritual e eterno.

Nesta perspectiva, a mulher não é o gênero frágil como a Igreja Católica tenta transmitir, a mulher não está voltada somente para a vida doméstica, não é a fêmea dócil, recatada, decente, receptiva, passiva à espera das iniciativas do macho ativo, naturalmente vencedor, empreendedor, fático, pois a mesma, ao menos no poema, possui sua vaidade, sua sensualidade e a mulher não é submissa e nem tão pura como se quer mostrar nos documentos editados pela Igreja.

Neste sentido, sabendo dos riscos que esse objeto representa para o historiador e seu ofício, cito novamente Cavalcanti:

*O Cântico dos Cânticos permanecerá um poema aberto e enquanto amor, em sua dupla expressão de união espiritual e carnal, florescer no coração dos homens, o Cântico dos Cânticos continuará vivo, capaz de instigar os amantes a buscarem nos seus mistérios as imagens, sempre as mesmas e sempre novas, com que se tenta descrever o inefável.*¹⁰²

¹⁰² CAVALCANTI. Op. Cit., p. 473.

3.3 Contraposições ao poema: Cântico dos Cânticos e os documentos da Igreja Católica

A Igreja Católica edita vários documentos enfatizando o mesmo discurso moralista sobre a mulher e sexualidade, além das Cartas eleitas para esta pesquisa podemos apontar outras inúmeras Cartas, Decretos, Livros, Boletins e Discursos sobre a temática. Vale salientar que o Livro Cântico dos Cânticos é apenas mencionado em determinados trechos de algumas Cartas Encíclicas no qual os fragmentos eleitos possam confirmar o discurso católico e nunca numa outra perspectiva do poema, pois caso contrário estaria totalmente contra o discurso católico. Muitas outras vezes não é um livro que os cristãos fazem leitura como os demais, é um livro esquecido e/ou ignorado.

A partir da leitura das Cartas selecionadas apenas a *Carta às Famílias* cita o livro Cântico dos Cânticos, a saber:

Numa tal perspectiva antropológica, a família humana está vivendo a experiência de um novo maniqueísmo, no qual o corpo e o espírito são radicalmente contrapostos entre si: nem o corpo vive do espírito, nem o espírito vivifica o corpo. Assim o homem deixa de viver como pessoa e sujeito. Apesar das intenções e declarações em contrário, torna-se exclusivamente um objeto. Assim, por exemplo, esta civilização neomaniqueísta leva a olhar a sexualidade humana mais como um campo de manipulação e desfrute, do que a olhá-la como a realidade geradora daquele assombro primordial que, na manhã da criação, impele Adão a exclamar à vista de Eva: «É carne da minha carne e osso dos meus ossos» (cf. Gn 2,23). É o mesmo assombro que ecoa nas palavras do Cântico dos Cânticos: «Arrebataste o meu coração, minha irmã, minha esposa! Arrebataste o meu coração com um só dos teus olhares» (Ct 4,9). Como estão distantes certas concepções modernas da profunda compreensão da masculinidade e da feminilidade oferecida pela Revelação divina! Esta leva-nos a descobrir na sexualidade humana uma riqueza da pessoa, que encontra a sua verdadeira valorização na família e exprime a sua vocação profunda mesmo na virgindade e no celibato pelo Reino de Deus.¹⁰³

Assim sucede no Evangelho, no caso de Maria e José, que, no limiar da Nova Aliança, revivem a experiência do «belo amor», descrita no Cântico dos Cânticos. José pensa e diz a Maria: «Irmã minha, Esposa» (cf. Ct 4,9). Maria, Mãe de Deus, concebe por obra do Espírito Santo, do qual provém o «belo amor», que o Evangelho delicadamente coloca no contexto do «grande mistério».¹⁰⁴

¹⁰³ JOÃO PAULO II. *Carta às Famílias*. São Paulo, Paulinas, 1994, § 19, p. 95. (grifo nosso)

¹⁰⁴ JOÃO PAULO II. *Carta às Famílias*. Op. Cit., § 20, p. 99. (grifo nosso).

A partir destes trechos podemos confirmar o discurso da Igreja acerca do poema Cântico dos Cânticos, que reduz o poema ao tema da família e aos personagens Maria e José como modelos a serem seguidos pelos cristãos. Neste sentido, podemos indagar se realmente o poema remete a Maria e José, pais de Jesus Cristo, pois os mesmos são figuras históricas de tempos bem distantes em que o poema foi escrito. A associação torna a metáfora totalmente inverossímil. A referência à família que aparece no Cântico dos Cânticos é a família da mulher que podemos perceber nos laços de parentescos da mesma com sua mãe e seus irmãos.

No trecho citado acima podemos perceber que a **Carta às Famílias** faz menção ao poema bíblico sobre outra perspectiva, no qual designa “minha irmã, minha esposa” a fala de José direcionada a Maria. Com isso percebemos mais uma vez que o discurso é forçado para atender as normas da Igreja Católica moderna, não fazendo uma leitura fiel do poema, mas distorcendo as palavras que corresponde a um poema do amor carnal.

Neste contexto podemos afirmar que o modelo para o sacramento do matrimônio não foi inspirado no Livro Cântico dos Cânticos, mas o mesmo foi apropriado segundo as expectativas da Igreja Católica e interpretado para confirmar suas intenções. Para enfatizar esse pensamento cito Vainfas ao referir-se ao modelo de casamento defendido pela Igreja Católica.

*Onde buscaram o modelo de casamento a ser defendido? Certamente que não o fizeram no Antigo Testamento, pois este não só reconhecia o amor carnal (Cântico dos Cânticos), como admitia, para o homem, certas relações extraconjugais.*¹⁰⁵

Com este fragmento entendemos mais uma vez que o Cântico dos Cânticos é um poema dedicado ao amor carnal. Acredito que esse seja o motivo pelo qual o livro não tenha sido usado nas homilias e tampouco ressaltado nos documentos da Igreja, pois o mesmo contraria as normas católicas da Igreja moderna que dizem respeito à relação entre homem e mulher, no qual o sexo existe apenas dentro do contexto sacramental.

Neste sentido, o estudo sobre o livro Cântico dos Cânticos possibilita compreender as relações entre gêneros, suas configurações em uma determinada época e como as pessoas se portavam diante de tais condutas em que eram impostas. Possibilita repensar o tema da sexualidade na atualidade e quais os caminhos que a mesma percorre

¹⁰⁵ VAINFAS, Ronaldo. **Casamento, Amor e Desejo no Ocidente Cristão**. Editora Ática, São Paulo, p. 22.

no contexto religioso, em especial da Igreja Católica. Cavalcanti afirma que na Antiguidade Tardia o livro Cântico dos Cânticos era lido em determinadas festas e que o mesmo não está incluído no lecionários das igrejas cristãs.

De fato, só muito tempo depois as cinco Meguilót¹⁰⁶ – o Cântico dos Cânticos, Rute, Lamentações, Eclesiastes e Ester – entraram para a liturgia da Sinagoga e sua leitura foi fixada para dias preestabelecidos, cabendo a do Cântico ao oitavo dia da Páscoa. [...] Não obstante a leitura mariana que a ele veio a ser dada, o Cântico não teve acolhida nos lecionários de nenhuma outra igreja cristã.¹⁰⁷

A partir de tal fragmento, percebemos a exclusão do livro nos rituais litúrgicos da Igreja Católica e demais igrejas. Diante das pouquíssimas citações que se têm do Cântico dos Cânticos, as mesmas são direcionadas a atender as expectativas da instituição religiosa e nunca são tratadas como realmente deveria ser, ou seja, apresentar o conteúdo do poema sem esconder suas características que remete ao amor carnal entre um homem e uma mulher.

¹⁰⁶ “As cinco Meguilot (Rolos), que são lidas em Pessah, Shavuot, Tishá beAv, Sucot e Purim, são, respectivamente: Cântico dos Cânticos (Shir haShirim), idílio campestre atribuído a Salomão e que é uma alegoria sobre o amor entre Deus e Israel; Livro de Rute, que conta a estória de uma camponesa do tempo dos juízes, bisavó do rei Davi; Lamentações de Jeremias (Ei'há), sobre a destruição do Templo; Eclesiastes (Kohélet), considerações do rei Salomão sobre a vaidade da vida; Livro de Ester.” Disponível em <http://www.riototal.com.br/comunidade-judaica/juda1c8.htm>, acesso em 28/01/2011.

¹⁰⁷ CAVALCANTI, Op. Cit., p. 39-40.

CONCLUSÃO

A pesquisa que propus trabalhar, quanto à temática da religião, sexualidade e mulher, me possibilitou entender de maneira mais profunda a estrutura da instituição religiosa escolhida para este trabalho. Tal aprofundamento se deu a partir das análises feitas das fontes primárias elencadas para esta pesquisa, uma vez que apresenta uma amplitude de discursos acerca do enfoque pretendido.

Tal pesquisa possibilitou perceber o silêncio acerca do poema *Cântico dos Cânticos* por parte da Igreja Católica que prefere adotar um discurso sexista e patriarcal, relegando o *Cântico* ao esquecimento. Tal estudo permitiu concluir que a instituição religiosa mantém uma relação de poder acerca da mulher e da sexualidade, para enfatizar seu poder apoia-se em documentos que defende sua posição conservadora. Como tentei comprovar uma atitude recente da Igreja Católica, no caso do bispo Dom William M. Borris que defendia a ordenação de mulheres e foi excomungado da Igreja Católica.

Levantei a possibilidade de que a Igreja Católica mantém uma interpretação alegórica do poema. Também lancei mão das ferramentas de representações sociais e imaginário social para entender como foram construídos imagens homem/mulher/esposo/esposa/amantes diante de uma interpretação adotada pela Igreja. O mais desafiador foi perceber a dupla perceptiva que as representações sociais permitem entender: assim como procuram saciar expectativas particulares, também há receptividade por parte dos fiéis das imposições da Igreja, pois caso contrário, a Igreja não conseguiria se sustentar por séculos e séculos.

Portanto, a mulher religiosa, ainda hoje, constrói sua identidade sobre padrões religiosos da tradição cristã, o que comprova que o discurso da Igreja Católica ainda é muito forte na sociedade contemporânea, o que não quer dizer que as mulheres não se adaptam diante de algumas orientações da Igreja Católica, dando-lhes novos sentidos.

Esta pesquisa foi desde o início muito importante para mim, uma vez que confirmou minhas suspeitas, elaboradas a partir das fontes primárias que elegi para analisar com mais vagar.

Diante da diversidade de interpretações que o poema apresenta, acredito que este ponto pode ser riquíssimo para futuras pesquisas, uma vez que cada tradução do mesmo apresenta aspectos diferentes, ou seja, não há apenas uma tradução. Esse ponto é mais

interessante para pesquisadores de várias áreas, não apenas ao campo histórico. Um poema que podemos considerar pequeno suscita tantas indagações, pois tem uma complexidade extraordinária.

Outro aspecto relevante é a diversidade de temas que podem surgir a partir da análise das fontes primárias que compõem esta pesquisa. Uma vez que as mesmas apresentam inúmeros aspectos ainda não abordados neste trabalho, em decorrência do recorte temático e temporal proposto.

Enfim, os discursos eclesiais têm destinado a mulher uma posição inferior em relação ao homem, apesar de a Igreja contemporânea tentar divulgar na mídia, em artigos de jornal, nos canais de televisão, nas homilias, a igualdade entre homens e mulheres.

As lições de catequese e diretrizes eclesiais, entretanto, pautam-se na divisão dualista entre masculino e feminino, sendo que o feminino sofre restrições maiores e deve procurar seguir um modelo divulgado pela Igreja que é o modelo de Maria, enquanto que ao masculino é permitido exercer a autoridade e usufruir da liberdade de escolha. A todo o momento a Igreja reafirma seu discurso conservador no qual as mulheres devem preocupar em serem boas mães e boas esposas. As mulheres têm como modelo inquestionável o exemplo de Maria, mãe de Jesus Cristo, com referencial de perfeita mãe e serva do Senhor.

Deus manifesta ainda na forma mais elevada possível a dignidade da mulher, ao assumir ele mesmo a carne humana da Virgem Maria, que a Igreja honra como Mãe de Deus, chamando-a nova Eva e propondo-a como modelo da mulher redimida. O delicado respeito de Jesus com as mulheres a quem chamou para o seu seguimento e amizade, a aparição na manhã da Páscoa a uma mulher antes que aos discípulos, a missão confiada às mulheres de levar a Boa Nova da Ressurreição aos apóstolos, são todos sinais que confirmam a especial estima de Jesus para com a mulher.¹⁰⁸

Como podemos comprovar mais uma vez a Igreja apresenta um texto considerando a mulher na esfera religiosa, no entanto, na prática a mulher não tem tal destaque, conforme ficou comprovado nos exemplos trazidos que introduzirão este trabalho.

Enfim, acredito que esta pesquisa tenha cumprido a finalidade proposta, e suscite nos leitores, estudantes e pesquisadores futuros questionamentos acerca da temática desenvolvida. Acredito ter contribuído para o estudo sobre religião e mulher, no qual

¹⁰⁸ JOÃO PAULO II. **Familiaris Consortio**. São Paulo, Paulinas, 1981, §22, p. 39-40.

tenho consciência de ter levantando apenas alguns questionamentos pertinentes, no entanto, são inúmeros pontos que merece destaque neste campo de estudo.

O estudo das formas de apropriação das fiéis católicas dos ensinamentos religiosos da catequese ainda não foi feito aqui neste trabalho, mas pode se tornar um projeto futuro de pesquisa.

Bibliografia

- A Bíblia de Jerusalém. Nova Edição, revista. São Paulo: Edições Paulinas, 1985.
- A Bíblia Sagrada. Tradução das Línguas originais por João Ferreira de Almeida. Estados Unidos da América. Editora Vida. Edição Contemporânea, 1991.
- ALCÂNTARA, Dalmi Alves. **O catecismo da igreja Católica e a construção sócio cultural da concepção de mulher**. Goiânia, 2002. (Dissertação de Mestrado em Ciências da Religião). Disponível em: [HTTP//tede.biblioteca.ueg.br](http://tede.biblioteca.ueg.br) – Acesso em 26/ago/2009.
- AZZI, Riolando. O lugar da mulher na sociedade. In: **História da Igreja no Brasil: ensaio interpretação a partir do povo: tomo II/3-2: terceira época: 1930-1964**/Riolando Azzi, Klaus van der Grijp. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. – (Coleção História Geral da Igreja na América Latina)
- AZZI, Riolando. A favor da família e contra a educação sexual. In: **História da Igreja no Brasil: ensaio interpretação a partir do povo: tomo II/3-2: terceira época: 1930-1964**/Riolando Azzi, Klaus van der Grijp. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. – (Coleção História Geral da Igreja na América Latina)
- BACZKO, Bronislaw. “A imaginação social” In: ROMANO, Ruggiero (org.). **Enciclopédia Einaudi (Antrhopos-Homem)**. Lisboa: Imprensa Nacional; Casa da Moeda, 1985, v.5.
- Bíblia Sagrada Ave-Maria. 171ª Edição. São Paulo: Editora Ave-Maria, 2006.
- CAVALCANTI, Geraldo Holanda. **O Cântico dos Cânticos: um ensaio de interpretações através de suas traduções**. Editora Edusp, 2005.
- ENGEL, Magali. História e sexualidade. In: CARDOSO, Ciro Flamarion e VAINFAS, Ronaldo (orgs.). **Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro. Campus, 1997, p. 297-311.
- FARIA, Suely Pereira de. **Corpo e Religião**. Goiás, 2004. (Dissertação Mestrado em Ciências da Religião).

FONSATTI, Pe. José Carlos. Introdução à Bíblia. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade: a vontade de saber**. Tradução M. Thereza Albuquerque e J.A. Guilhaon Albuquerque. 11 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

HERMANN, Jacqueline. História das Religiões e Religiosidades. In: CARDOSO, Ciro Flamarion e VAINFAS, Ronaldo. **Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro. Campus, 1997, p. 329-352.

JARDILINO, José Rubens L. e LOPES, Leandro de Proença. “Cântico dos Cânticos: parte do Canon sob. Censura”. In: **Revista Nures**, n. 13, Núcleo de Estudo e Religião e Sociedade, Pontifícia Universidade Católica. São Paulo. – Setembro/Dezembro 2009, p. 1-7. Disponível em: <http://www4.pucsp.br/nures/Revista13/jardilino.pdf>. Acesso: 20/set./2009.

JOÃO PAULO II. **A dignidade e a vocação da mulher “Mulieris dignitatem”**. Edições Paulinas, 6ª Edição – 2005, São Paulo, 1990. Dado em Roma, junto de São Pedro, no dia 15 de agosto – solenidade da Assunção de Maria Santíssima – do ano de 1988, décimo de pontificado.

JOÃO PAULO II. **A mãe do redentor “Redemptoris Mater”**. Edições Paulinas, 4ª Edição, São Paulo, 1987. Dado em Roma, junto de São Pedro, no dia 25 de março – Solenidade da Anunciação do Senhor – do ano de 1987, nono do meu Pontificado.

JOÃO PAULO II. **A missão da família cristã n mundo de hoje “Familiales Consortio”**. Edições Paulinas, 23ª Edição – 2010, São Paulo, 1981. Dado em Roma, junto de São Pedro, no dia 22 de novembro de 1981, Solenidade de N. S. Jesus Cristo, Rei do Universo, quarto ano de meu pontificado.

JOÃO PAULO II. **Carta às famílias**. Edições Paulinas, 8ª Edição – 2010, São Paulo, 1994. Dado em Roma, junto de São Pedro, no dia 2 de fevereiro, Festa de Apresentação do Senhor, do ano de 1994, décimo sexto de Pontificado.

JOÃO PAULO II. **Catecismo da Igreja Católica**. Edições Típica Vaticana, Editora Loyola, São Paulo, 2000.

JODELET, Denise. Representações sociais: um domínio em expansão. In: JODELET, Denise (org.) **As representações Sociais**. Rio de Janeiro. Ed. UERJ, 2001. p. 17-41.

LOURO, Guacira Lopes (org.). Currículo, gênero e sexualidade – O “normal”, o “diferente” e o “excêntrico”. In: **Gênero, sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. 3ª Edição – Petrópolis, RJ: Vozes, 2007. p. 41-52

_____. (org.). Pedagogias da Sexualidade. In: **O corpo educado: Pedagogias da Sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica 2000. p. 07-34.

MARGOLINER, Jonnathan Monteiro. **A Encíclica Mater ET Magistra (1961) como leitura de uma época: o século XX e as questões sociais**. Uberlândia, 2009. (Monografia apresentada ao curso de Graduação em História).

MOSER, Antônio. Religião e seus posicionamentos. In: GIUMBELLI, Emerson (org.) **Religião e sexualidade: convicções e responsabilidades**. Coleção sexualidade, gênero e sociedade. Rio de Janeiro: Garamond Universitária, 2005, p. 21-72.

MOURA, D. José Alberto. **Diretrizes para a catequese**. Diocese de Uberlândia. Uberlândia, 2002.

MUNIZ, Diva do Couto Gontijo. **Um toque de gênero: História e Educação em Minas Gerais (1835-1892)**/Diva do Couto Gontijo Muniz – Brasília: Editora Universidade de Brasília; Finatec, 2003.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Em busca de uma Outra História: Imaginando o Imaginário. In: **Revista Brasileira de História**. São Paulo: ANPUH/Contexto, vol. 15, nº 29, 1995, p. 9-27.

_____. Mudanças epistemológicas: a entrada em cena de um novo olhar. In: **História & História Cultural**. 2. Edição. – Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

PULGA, Rosana. Beabá da Bíblia. São Paulo: Editora Paulinas, 1995.

ROMANO, Ruggiero (org.). **Enciclopédia Einaudi (Mytos/Logos; Sagrado/Profano)**. Lisboa: Imprensa Nacional; Casa da Moeda, 1987, v.12.

SCOTT, Joan. História das Mulheres. In: BURKE, Peter (org.) **A escrita da História: novas perspectivas**. São Paulo: Editora UNESP, 1992.p. 63-95.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, vol. 15, n.2, jul.-dez. Porto Alegre s.e. 1995, p. 71-99.

TEIXEIRA, Faustino. **Faces do catolicismo brasileiro contemporâneo**. Revista USP, São Paulo, n. 67, p. 14-23, setembro/novembro 2005.

VAINFAS, Ronaldo. **Casamento, amor e desejo no Ocidente Cristão**. 2ª Edição. São Paulo: Ática, 1992.

VEYNE, Paul. O salvador da humanidade: Constantino. In: **Quando nosso mundo se tornou cristão [312-394]**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010. p. 09-32.

VEYNE, Paul. Uma obra-prima: o cristianismo. In: **Quando nosso mundo se tornou cristão [312-394]**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010. p. 33-58.

VEYNE, Paul. Outra obra-prima: a Igreja. In: **Quando nosso mundo se tornou cristão [312-394]**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010. p. 59-80.

FONTES ELETRÔNICAS:

www.vatican.va

www.bibliacatolica.com.br/historia_biblia/5.php acesso em 04/08/2010

www.bibliacatolica.com.br/historia_igreja/ acesso em 03/08/2010

www.catequisar.com.br/texto/materia/biblia/geral/08.htm acesso em 04/08/2010

www.riototal.com.br/comunidade-judaica/juda1c8.htm, acesso em 28/01/2011.

FONTES (livros da catequese)

FONSATTI, Pe. José Carlos. Introdução à Bíblia. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.

PULGA, Rosana. Beabá da Bíblia. São Paulo: Editora Paulinas, 1995.

Anexo A (Cântico dos Cânticos – tradução da Bíblia Ave- Maria)

CÂNTICO DOS CÂNTICOS

1

1. O mais belo dos Cânticos de Salomão.
2. Ah! Beija-me com os beijos de tua boca! Porque os teus amores são mais deliciosos que o vinho,
3. E suave é a fragrância de teus perfumes; o teu nome é como um perfume derramado: por isto amam-te as jovens.
4. Arrasta-me após ti; corramos! O rei introduziu-me nos seus aposentos. Exultaremos de alegria e de júbilo em ti. Tuas carícias nos inebriarão mais que o vinho. Quanta razão há de te amar!
5. Sou morena, mas sou bela, filhas de Jerusalém, como as tendas de Cedar, como os pavilhões de Salomão.
6. Não repareis em minha tez morena, pois fui queimada pelo sol. Os filhos de minha mãe irritaram-se contra mim; puseram-me a guardar as vinhas, mas não guardei a minha própria vinha.
7. Dize-me, ó tu, que meu coração ama, onde apascentas o teu rebanho, onde o levas a repousar ao meio-dia, para que eu não ande vagueando junto aos rebanhos dos teus companheiros.
8. Se não o sabes, ó mais bela das mulheres, vai, segue as pisadas da ovelhas, e apascenta os cabritos junto às cabanas dos pastores.
9. À égua dos carros do faraó eu te comparo, ó minha amiga;
10. Tuas faces são graciosas entre os brincos, e o teu pescoço entre os colares de pérolas.
11. Faremos para ti brincos de ouro com glóbulos de prata.
12. - Enquanto o rei descansa em seu divã, meu nardo exala o seu perfume;
13. Meu bem-amado é para mim um saquitel de mirra, que repousa entre os meus seios;
14. Meu bem-amado é para mim um cacho de uvas nas vinhas de Engadi.

15. Como és formosa, amiga minha! Como és bela! Teus olhos são como pombas.
16. Como é belo, meu amor! Como és encantador! Nosso leito é um leito verdejante,
17. As vigas de nossa casa são de cedro, suas traves de cipreste;

2

1. Sou o narciso de Saron, o lírio dos vales.
2. Como o lírio entre os espinhos, assim é minha amiga entre as jovens.
3. Como a macieira entre as árvores da floresta, assim é o meu amado entre os jovens; gosto de sentar-me à sua sombra, e seu fruto é doce à minha boca.
4. Ele introduziu-me num celeiro, e o estandarte, que levanta sobre mim, é o amor.
5. Restaurou-me com tortas de uvas, fortaleceu-me com maçãs, porque estou enferma de amor.
6. Sua mão esquerda está sob minha cabeça, e sua direita abraça-me.
7. Conjuro-vos, ó filhas de Jerusalém, pelas gazelas e corças dos campos, que não desperteis nem perturbeis o amor, antes que ele o queira.
8. Oh, esta é a voz do meu amado! Ei-lo que aí vem, saltando sobre os montes, pulando sobre as colinas.
9. Meu amado é como a gazela e como um cervozinho. Ei-lo atrás de nossa parede. Olho pela janela, espreito pelas grades.
10. Meu bem-amado disse-me: Levanta-te, minha amiga, vem, formosa minha.
11. Eis que o inverno passou, cessaram e desapareceram as chuvas.
12. Apareceram as flores na nossa terra, voltou o tempo das canções. Em nossas terras já se ouve a voz da rola.
13. A figueira já começa a dar os seus figos, e a vinha em flor exala o seu perfume; levanta-te, minha amada, formosa minha, e vem.

14. Minha pomba, oculta nas fendas do rochedo, e nos abrigos das rochas escarpadas, mostra-me o teu rosto, faze-me ouvir a tua voz. Tua voz é tão doce, e delicado teu rosto!
15. Apanhai-nos as raposas, essas pequenas raposas que devastam nossas vinhas, pois nossas vinhas estão em flor.
16. - Meu bem-amado é para mim e eu para ele; ele apascenta entre os lírios.
17. Antes que sopra a brisa do dia, e se estendam as sombras, volta, ó meu amado, como a gazela, ou o cervozinho sobre os montes escarpados.

3

1. Durante as noites, no meu leito, busquei aquele que meu coração ama; procurei-o, sem o encontrar.
2. Vou levantar-me e percorrer a cidade, as ruas e as praças, em busca daquele que meu coração ama; procurei-o, sem o encontrar.
3. Os guardas encontraram-me quando faziam sua ronda na cidade. Vistes acaso aquele que meu coração ama?
4. Mal passara por eles, encontrei aquele que meu coração ama. Segurei-o, e não o largarei antes que o tenha introduzido na casa de minha mãe, no quarto daquela que me concebeu.
5. Conjuro-vos, ó filhas de Jerusalém, pelas gazelas e corças dos campos, não desperteis nem perturbeis o amor, antes que ele o queira.
6. Que é aquilo que sobe do deserto como colunas de fumaça, exalando o perfume de mirra e de incenso, e de todos os aromas dos mercadores?
7. É a liteira de Salomão, escoltada por sessenta guerreiros, sessenta valentes de Israel;
8. Todos hábeis manejadores de espada, e exercitados no combate; cada um deles leva a espada ao lado por causa dos terrores noturnos.
9. O rei Salomão mandou fazer para si uma liteira de madeira do Líbano.
10. Suas colunas são feitas de prata, seu encosto de ouro, seu assento de púrpura. O interior é bordado pelo amor das filhas de Jerusalém.

11. Sai, ó filhas de Sião, contemplai o rei Salomão, ostentando o diadema recebido de sua mãe no dia de suas núpcias, no dia da alegria de seu coração.

4

1. Tu és bela, minha querida, tu és formosa! Por detrás do teu véu os teus olhos são como pombas, teus cabelos são como um rebanho de cabras descendo impetuosas pela montanha de Galaad,

2. Teus dentes são como um rebanho de ovelhas tosquiadas que sobem do banho; cada uma leva dois (cordeirinhos) gêmeos, e nenhuma há estéril entre elas.

3. Teus lábios são como um fio de púrpura, e graciosa é tua boca. Tua face é como um pedaço de romã debaixo do teu véu;

4. Teu pescoço é semelhante à torre de Davi, construída para depósito de armas. .Aí estão pendentes mil escudos, todos os escudos dos valentes.

5. Os teus dois seios são como dois filhotes gêmeos de uma gazela pastando entre os lírios.

6. Antes que sobre a brisa do dia, e se estendam as sombras, irei ao monte da mirra, e à colina do incenso.

7. És toda bela, ó minha amiga, e não há mancha em ti.

8. Vem comigo do Líbano, ó esposa, vem comigo do Líbano! Olha dos cumes do Amaná, do cimo de Sanir e do Hermon, das cavernas dos leões, dos esconderijos das panteras.

9. Tu me fazes delirar, minha irmã, minha esposa, tu me fazes delirar com um só dos teus olhares, com um só colar do teu pescoço.

10. Como são deliciosas as tuas carícias, minha irmã, minha esposa! Mais deliciosos que o vinho são teus amores, e o odor dos teus perfumes excede o de todos os aromas!

11. Teus lábios, ó esposa, destilam o mel; há mel e leite sob a tua língua. O perfume de tuas vestes é como o perfume do Líbano.

12. És um jardim fechado, minha irmã, minha esposa, uma nascente fechada, uma fonte selada.

13. Teus rebentos são como um bosque de romãs com frutos deliciosos; com ligústica e nardo,

14. Nardo e açafraão, canela e cinamomo, com todas as árvores de incenso, mirra e aloés, com os balsâmos mais preciosos.

15. És a fonte de meu jardim, uma fonte de água viva, um riacho que corre do Líbano.

16. Levanta-te, vento do norte, vem tu, vento do sul. Sopra no meu jardim para que se espalhem os meus perfumes. Entre meu amado no seu jardim, prove-lhe os frutos deliciosos.

5

1. Entro no meu jardim, minha irmã, minha esposa, colho a minha mirra e o meu bálsamo, como o meu favo com meu mel, e bebo o meu vinho com meu leite. .Amigos, comei, bebei, inebriai-vos ó caríssimos.

2. Eu dormia, mas meu coração velava. Eis a voz do meu amado. Ele bate. Abre-me, minha irmã, minha amiga, minha pomba, minha perfeita; minha cabeça está coberta de orvalho, e os cachos de meus cabelos cheios das gotas da noite.

3. Tirei minha túnica; como irei revesti-la? Lavei os meus pés; por que sujá-los de novo?

4. Meu bem-amado passou a mão pela abertura (da porta) e o meu coração estremeceu.

5. Levantei-me para abrir ao meu amigo; a mirra escorria de minhas mãos, de meus dedos a mirra líquida sobre os trincos do ferrolho.

6. Abri ao meu bem-amado, mas ele já se tinha ido, já tinha desaparecido; ouvindo-o falar, eu ficava fora de mim. Procurei-o e não o encontrei; chamei-o, mas ele não respondeu.

7. Os guardas encontraram-me, quando faziam sua ronda na cidade. Bateram-me, feriram-me, arrancaram-me o manto os guardas das muralhas.

8. Conjuro-vos, filhas de Jerusalém, se encontrardes o meu amigo, que lhe haveis de dizer? Dizei-lhe que estou enferma de amor.
9. Que tem o teu bem-amado a mais que os outros, ó mais bela das mulheres? Que tem o teu bem-amado a mais que os outros, para que assim nos conjures?
10. Meu amado é forte e corado, distingue-se entre dez mil.
11. Sua cabeça é de ouro puro, seus cachos flexíveis são negros como o corvo.
12. Seus olhos são como pombas à beira dos regatos, banhando-se no leite, pousadas nas praias.
13. Suas faces são um jardim perfumado onde crescem plantas odoríferas
Seus lábios são lírios que destilam mirra líquida.
14. Suas mãos são argolas de ouro incrustadas de pedrarias. Seu corpo é um bloco de marfim recoberto de safiras.
15. Suas pernas são colunas de alabastro erguidas sobre pedestais de ouro puro. Seu aspecto é como o do Líbano, imponente como os cedros.
16. Sua boca é cheia de doçura, tudo nele é encanto. Assim é o meu amado, tal é o meu amigo, filhas de Jerusalém!

6

1. Para onde foi o teu amado, ó mais bela das mulheres? Para onde se retirou o teu amigo? Nós o buscaremos contigo.
2. O meu bem-amado desceu ao seu jardim, aos canteiros perfumados; para apascentar em meu jardim, e colher lírios.
3. Eu sou do meu amado e meu amado é meu. Ele apascenta entre os lírios.
4. És formosa, amiga minha, como Tirsá, graciosa como Jerusalém, temível como um exército em ordem de batalha.

5. Desvia de mim os teus olhos, porque eles me fascinam. Teus cabelos são como um rebanho de cabras descendo impetuosamente pelas encostas de Galaad.
6. Teus dentes são como um rebanho de ovelhas que sobem do banho, cada uma leva dois (cordeirinhos) gêmeos, e nenhuma delas é estéril.
7. Tua face é como um pedaço de romã debaixo do teu véu.
8. Há sessenta rainhas, oitenta concubinas, e inumeráveis jovens mulheres;
9. Uma, porém, é a minha pomba, uma só a minha perfeita; ela é a única de sua mãe, a predileta daquela que a deu à luz. Ao vê-la, as donzelas proclamam-na bem-aventurada, rainhas e concubinas a louvam.
10. Quem é esta que surge como a aurora, bela como a lua, brilhante como o sol, temível como um exército em ordem de batalha?
11. Eu descí ao jardim das noqueiras para ver a nova vegetação dos vales, e para ver se a vinha crescia e se as romãzeiras estavam em flor.
12. Eu não o sabia; minha alma colocou-me nos carros de Aminadab.

7

1. Volta, volta, ó Sulamita, volta, volta, para que nós te vejamos. - Por que olhais a Sulamita, quando ela entra na dança de Maanaim?
2. Como são graciosos os teus pés nas tuas sandálias, filha de príncipe! A curva de teus quadris assemelha-se a um colar, obra de mãos de artista;
3. Teu umbigo é uma taça redonda, cheia de vinho perfumado; teu corpo é um monte de trigo cercado de lírios;
4. Teus dois seios são como dois filhotes gêmeos de uma gazela;
5. Teu pescoço é uma torre de marfim; teus olhos são as fontes de Hesebon junto à porta de Bat-Rabim. Teu nariz é como a torre do Líbano, que olha para os lados de Damasco;

6. Tua cabeça ergue-se sobre ti como o Carmelo; tua cabeleira é como a púrpura, e um rei se acha preso aos seus cachos.
7. Como és bela e graciosa, ó meu amor, ó minhas delícias!
8. Teu porte assemelha-se ao da palmeira, de que teus dois seios são os cachos.
9. Vou subir à palmeira, disse eu comigo mesmo, e colherei os seus frutos.. Sejam-me os teus seios como cachos da vinha.
10. E o perfume de tua boca como o odor das maçãs; teus beijos são como um vinho delicioso que corre para o bem-amado, umedecendo-lhe os lábios na hora do sono.
11. Eu sou para o meu amado o objeto de seus desejos.
12. Vem, meu bem-amado, saiamos ao campo, passemos a noite nos pomares;
13. Pela manhã iremos às vinhas, para ver se a vinha lançou rebentos, se as suas flores se abrem, se as romãzeiras estão em flor. Ali te darei as minhas carícias.
14. As mandrágoras exalam o seu perfume; temos à nossa porta frutos excelentes, novos e velhos que guardei para ti, meu bem-amado.

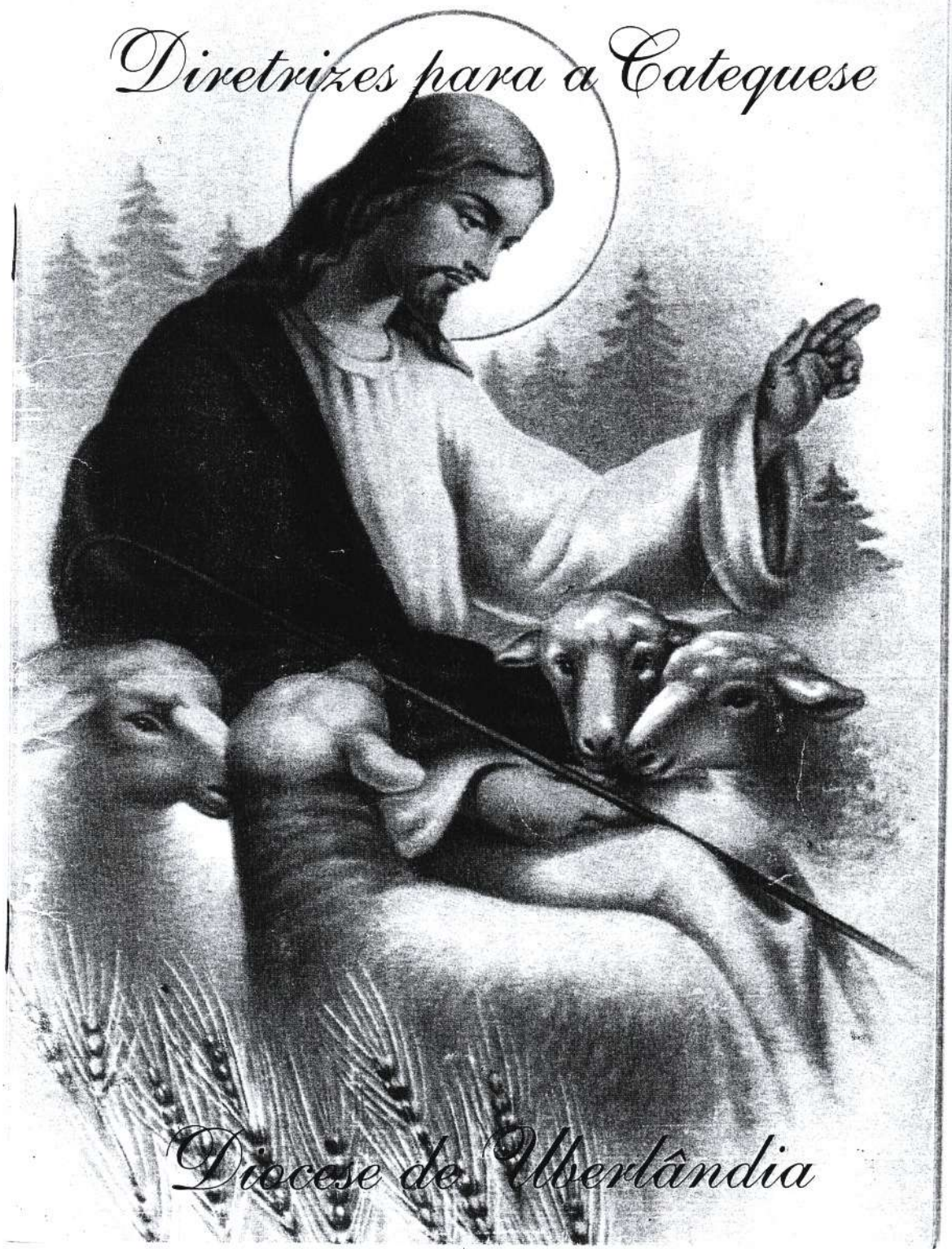
8

1. Ah, se fosses meu irmão, amamentado ao seio de minha mãe! Então, encontrando-te fora, poderia beijar-te sem que ninguém me censurasse.
2. Eu te levaria, far-te-ia entrar na casa de minha mãe; dar-te-ia a beber vinho perfumado, licor de minhas romãs.
3. Sua mão esquerda está sob a minha cabeça, e sua direita abraça-me.
4. Conjuro-vos, filhas de Jerusalém, não desperteis nem perturbeis o amor, antes que ele o queira.
5. Quem é esta que sobe do deserto apoiada em seu bem-amado? - Sob a macieira eu te despertei, onde em dores te deu à luz tua mãe, onde em dores te pôs no mundo tua mãe.

6. Põe-me como um selo sobre o teu coração, como um selo sobre os teus braços; porque o amor é forte como a morte, a paixão é violenta como o cheol. Suas centelhas são centelhas de fogo, uma chama divina.
7. As torrentes não poderiam extinguir o amor, nem os rios o poderiam submergir. Se alguém desse toda a riqueza de sua casa em troca do amor, só obteria desprezo.
8. Temos uma irmã pequenina que não tem ainda os seus seios formados. Que faremos nós de nossa irmã no dia que for pedida (em casamento)?
9. Se ela é um muro, construiremos sobre ela ameias de prata. Se é uma porta, fechá-la-emos com batentes de cedro.
10. Ora, eu sou um muro, e meus seios são como torres; por isso sou aos seus olhos uma fonte de alegria.
11. Salomão tinha uma videira em Baal-Hamon. Confiou-a aos guardas, cada um dos quais devia dar mil siclos de prata pelos frutos colhidos.
12. Eu disponho de minha videira: mil siclos para ti, Salomão! Duzentos para aqueles que velam pela colheita.
13. Os amigos estão atentos. Ó tu, que habitas nos jardins, faze-me ouvir a tua voz.
14. Foge, meu bem-amado, como a gazela ou como o cervozinho sobre os montes perfumados!

Anexo B (Diretrizes para a Catequese – Diocese de Uberlândia)

Diretrizes para a Catequese



Diocese de Uberlândia

*Diretrizes para a
Catequese*

Diocese de Uberlândia

Apresentação

Estas Diretrizes Diocesanas da Catequese são fruto de muito estudo, esforço da coordenação e outros catequistas.

Foram baseadas em orientações da Igreja e, especificamente, da CNBB.

Todos, na Diocese, as terão como orientação para catequese nas suas diversas modalidades, aplicando-as à própria realidade, dentro do espírito de união, missão e comunhão eclesial.

Todos (as) catequistas devem reger-se por tais Diretrizes para uma tarefa catequética unida, levando-se em conta nossas prioridades pastorais diocesanas, inclusive a da formação e a orgânica e de conjunto.

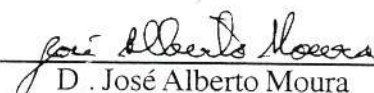
Os primeiros catequistas são os próprios sacerdotes, orientadores da catequese paroquial.

Os (as) coordenadores paroquiais e comunitários de catequese terão, nestas Diretrizes, o orientador referencial básico para o encaminhamento catequético de sua responsabilidade.

Somos reconhecidos pelo trabalho feito com dedicação e responsabilidade pelos organizadores destas Diretrizes.

Pedindo que Deus abençoe a todos os (as) catequistas, desejo que este subsídio, orientador da catequese diocesana, sirva para uma caminhada de catequese frutuosa aos que dela usufruírem.

Uberlândia, 31 de outubro de 2002.


D. José Alberto Moura
Bispo Diocesano

INTRODUÇÃO

Queridos Párocos, coordenadores de catequese e catequistas.

É com grande alegria que entregamos a vocês o resultado de estudos e discussões amadurecidos ao longo deste ano.

Estas diretrizes contêm orientações esperadas por todos nós e que visam traçar um trabalho em conjunto para uma ação efetiva de evangelização. Vale ressaltar que elas são baseadas nas orientações fornecidas pelo Setor de Catequese do Regional Leste II da CNBB, bem como em publicações específicas na área da catequese.

Buscando atingir uma melhor organização da Pastoral Catequética em toda a nossa Diocese, este texto procura trabalhar seus aspectos fundamentais em duas grandes partes:

1 – Estrutura e organização da Pastoral.

2 – Método e conteúdos da catequese, assim como temas para cada etapa, finalizando com sugestões de livros para o planejamento dos encontros e para a formação dos catequistas.

Diante de tal esforço, é de primordial importância que todas as pessoas envolvidas na catequese realizem o estudo sistemático destas diretrizes, colocando-as em prática. Essa ação deverá envolver uma avaliação permanente, visando enriquecer e aperfeiçoar nosso trabalho.

Não consideramos este documento como definitivo e acabado, pois estará sujeito a mudanças sugeridas pelo Diretório Nacional de Catequese.

Fica aqui o desejo sempre maior de que esta iniciativa sirva para esclarecer e unificar a ação catequética em nossa Diocese, não nos esquecendo de que o exemplo que nos inspira é a figura do Bom Pastor.

Coordenação Diocesana de Catequese
Novembro de 2002.

PRIMEIRA PARTE

I – O MINISTÉRIO DA CATEQUESE NA IGREJA

A grande missão da Igreja é evangelizar. Ela deve dar testemunho, pela palavra e pela ação, do grande amor de Deus que se revelou em Jesus Cristo para realizar a salvação de todos. Salvação é vida, vida plena para a humanidade, é felicidade, paz e harmonia, é sentir-se amado por Deus; é conversão e perdão, é amor entre os homens, filhos do mesmo Pai; é libertação de tudo que oprime o ser humano, antecipando assim a plenitude da vida no eterno abraço de Deus.

A Igreja existe para o mundo, está a serviço do mundo e por isso deve ser fermento na história humana para que ela se desenvolva segundo o projeto de Deus. Mas, para que isso aconteça, ela precisa cuidar do crescimento e amadurecimento da fé dos seus próprios membros.

A fé é uma resposta livre e pessoal a Deus, mas esta fé é apoiada e fortificada numa vivência comunitária. A fé cresce na medida em que caminhamos com a comunidade, que nos convida a uma constante conversão.

A catequese é a educação da fé. Educação, porque é processo permanente de amadurecimento da fé. Quem aderiu a Jesus Cristo, de fato, inicia um processo de conversão permanente, que dura toda a vida. Aquele que encontrou Cristo deseja conhecê-lo o mais possível. A Catequese deve levar o catequizando a amar e querer conhecer sempre mais Jesus Cristo.

A catequese educa para a vida comunitária. A vida cristã em comunidade não se improvisa e é preciso educar para ela, com cuidado. O crescimento interior da Igreja depende da catequese, por isso ela deve ser prioritária numa comunidade. Pelo Batismo, somos membros da Igreja e co-responsáveis pela catequese. A catequese é responsabilidade de toda a comunidade cristã, não somente dos catequistas e padres. A comunidade deve acompanhar o processo de educação da fé das crianças, jovens e adultos e deve acolher os catequizandos num ambiente fraterno.

Os pais cristãos são os primeiros catequistas de seus próprios filhos e a Igreja confere oficialmente a determinados membros da comunidade, especialmente chamados, a delicada missão de transmitir a fé, no seio da comunidade. São os (as) catequistas.

Na Igreja, o Bispo é o primeiro responsável pela catequese, o catequista por excelência. Aquele que alimenta uma verdadeira paixão pela catequese, que trabalha para que haja catequistas preparados para a missão. Logo após o Bispo, os Padres, também educadores da fé, são responsáveis, principalmente pela formação e pelo acompanhamento dos catequistas.

II – ORGANIZAÇÃO DA CATEQUESE

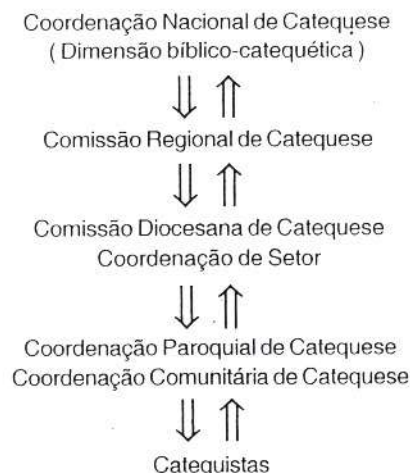
O bom êxito da catequese depende, entre outros fatores, de uma boa organização e da sua integração numa organização mais ampla.

Assim, a catequese em nível paroquial seja organizada de tal modo que abranja as diversas comunidades da Paróquia. Como catequese paroquial, ela está inserida numa organização ou coordenação em nível de setor que, por sua vez, está ligada à organização diocesana. A coordenação diocesana está em constante contato com a comissão regional de catequese da CNBB. A CNBB, em nível nacional, mantém contato constante com as comissões regionais através de encontros nacionais e de correspondência periódica.

Desse modo, a catequese paroquial está inserida em um grande conjunto e não está sozinha. A riqueza da reflexão catequética em nível nacional flui para os regionais, dos regionais para as Dioceses, da Dioceses para as Paróquias e Comunidades. Mas também as experiências

da base fazem seu caminho e, pelas coordenações diocesanas, chegam ao regional e ao nacional. Há um intercâmbio enriquecedor, uma ajuda e um apoio mútuos que fazem a catequese crescer, atualizar-se e inculturar-se.

Veja o seguinte esquema



III – A PESSOA DO CATEQUISTA

O catequista vive uma vocação específica dentro da Igreja. Ele realiza sua vocação batismal: anunciar a Boa Notícia, o Reino de Deus. Pela Crisma, o catequista é enviado para assumir a missão de dar testemunho da Palavra com coragem. O catequista é alguém que fez e faz a experiência do Deus de Jesus Cristo e sente-se chamado, amado e escolhido por Ele. A experiência de Deus não é um momento de iluminação que esclarece tudo de uma só vez, mas vai acontecendo dia a dia, passo a passo. Quando houve um momento especial, decisivo, na vida do catequista, ele é sempre o ponto de partida para um caminho mais longo, com perseverança.

O catequista é enviado por Deus e pela comunidade, pois é em seu nome que ele fala. Ele tem consciência de que é Igreja e de que atua em nome da Igreja. É alguém "integrado na comunidade, conhece bem a sua história e suas aspirações, sabe animar e coordenar a participação de todos." (CR 144)

O catequista é uma pessoa de fé, em busca de uma profunda espiritualidade, que se funda, antes de tudo, sobre a certeza de que Deus caminha conosco. Esta não é uma espiritualidade apenas para momentos de oração e retiro, mas para a descoberta de Deus lá onde as pessoas vivem, trabalham, amam, riem e choram. Esta experiência pessoal de Deus, esta vivência mística, é a base do testemunho de catequista: não de uma verdade abstrata, apenas proclamada em palavras, mas de uma verdade que se fez vida e expressa a comunhão com Deus e com os irmãos.

É tarefa do catequista apresentar os meios para ser cristão e mostrar a alegria de viver o Evangelho. O catequista é um pedagogo de Deus.

Qualidades do Catequista

Não existe catequista perfeito. Ele vai se fazendo ao longo do processo, em meio aos erros e acertos. A vida, a família, a comunidade são suas grandes mestras. No dia a dia o catequista vai adquirindo e desenvolvendo aptidões, qualidades humanas, práticas metodológicas, conhecimentos.

Existem alguns aspectos que o catequista precisa ter e ou desenvolver. Esses aspectos se constituem em critérios na escolha de pessoas que possam assumir de maneira permanente o ministério da catequese. O Secretariado Regional Leste II da CNBB, Setor Catequese, orienta que, após um curso básico de preparação, os candidatos a catequistas passem por um tempo de experiência com catequistas já atuantes, de seis a doze meses depois do qual poderão assumir o ministério. ("Pedra em lapidação, catequista em formação", pág. 12)

Qualidades básicas:

a) Dimensão pessoal:

- equilíbrio psicológico, boa comunicação, certa liderança;
- criatividade e iniciativa, capacidade de diálogo;
- capacidade de trabalho em equipe;
- pontualidade, responsabilidade e perseverança;
- disponibilidade de tempo para preparar com cuidado os encontros de catequese, orientar o encontro semanal com os catequizandos, participar das reuniões de catequistas, participar de cursos de formação, realizar reuniões com pais, participar das celebrações litúrgicas.

b) Dimensão comunitária e eclesial

- participação, (inclusive como dizimista), engajamento e espírito de serviço;
- solidariedade e fraternidade;
- disposição para progredir na educação da própria fé e espiritualidade (conversão, vida de oração e vida sacramental) e em sua formação como catequista (atualização constante).

c) Dimensão sócio-político-cultural

- conhecimento da realidade brasileira, suas mudanças e transformações;
- senso crítico e discernimento;
- respeito às culturas e busca da catequese inculturada.

d) Dimensão pastoral

- integração na vida pastoral da sua comunidade.

Pluralidade da Vocação Catequética

1 – Catequistas de base. Atuam nas Paróquias e comunidades, estão em contato direto com o povo. Existe uma imensa variedade de catequistas: jovens, casados, solteiros, adultos, avós... Bom número de nível médio e universitário. Todos têm sua missão dentro do processo catequético:

- a) – **Catequistas de adulto:** são chamados a ajudar os adultos a assumirem Jesus e sua causa, ultrapassando a fé ingênua, individualista e intimista. Incentivam a comunidade a cuidar da educação de jovens e adultos.
- b) – **Catequistas de jovens:** são chamados a promover uma caminhada de fé que ajude o jovem a crescer como pessoa, a realizar a interação fé e vida e a assumir sua

responsabilidade na comunidade.

- c) – **Catequistas de adolescentes e pré-adolescentes:** são chamados a ajudar o catequizando a superar as crises e conflitos e a descobrir-se, construindo um projeto de vida espelhando-se em Jesus e crescendo dentro da comunidade.
- d) – **Catequistas de crianças:** sua tarefa é iniciá-las na vida comunitária e eclesial, promovendo: uma caminhada de descoberta da vida e seus valores, de Deus, de Jesus Cristo; contato com o Evangelho; formação da consciência crítica.
- e) – **Catequistas de grupos específicos:** famílias, círculos bíblicos, escolas, batismo, associações.
- f) – **Catequistas iniciantes:** devem: estar, no mínimo, se preparando para o sacramento da Crisma; participar de encontros de formação; trabalhar junto com catequistas experientes durante um ano ou mais.

2 – Catequistas coordenadores comunitários, paroquiais e diocesanos. Trabalham na organização e na coordenação da catequese. Precisam de uma formação mais aprofundada.

3 – Catequistas dedicados ao estudo, aprofundamento e reflexão sobre a catequese: são os "catequetas".

IV – O GRUPO DE CATEQUISTAS

Catequista deve "viver sua experiência cristã e sua missão dentro de um grupo de catequistas. O grupo de catequistas expressa o caráter comunitário da tarefa catequética" (CR 151).

É no grupo que se faz experiência de convivência fraterna, onde se aprofunda a fé, se celebra e reza juntos. Participando do seu grupo, o catequista já está em processo formativo. O grupo ajuda a desfazer medos e inseguranças no início da caminhada e ao longo dela.

O lugar eclesial mais importante do catequista é no seu grupo de catequistas. É no grupo que pode crescer, relacionar-se, caminhar junto. Aí se aprende, pela vida, a analisar com mais profundidade, a transformar com mais eficácia, e a celebrar a vida com mais autenticidade. Todos os catequistas são responsáveis pela catequese. "Quem falha prejudica o grupo". Os serviços devem ser divididos entre todos. O ideal é que se organizem equipes dentro do grupo de catequistas. Por exemplo:

- equipe de liturgia: prepara as celebrações, as orações;
- equipe de lazer: organiza encontros festivos, aniversários;
- equipe de animação: faz o grupo cantar, ensaia cantos novos;
- equipe de cartazes: organiza mural, decora as salas;
- equipe de secretaria: faz as atas, organiza e cuida do material da catequese.

Essas e outras equipes devem ser organizadas, de acordo com a necessidade do grupo de catequistas.

Os Apóstolos cresceram na fé seguindo Jesus e evangelizando como Ele. Também o catequista, ao evangelizar, é evangelizado; enquanto dá, recebe; enquanto faz os outros caminharem na fé, dá largos passos no crescimento da própria fé.

V – A COORDENAÇÃO DA CATEQUESE

Para realizar o trabalho com eficiência, o grupo de catequistas precisa ter uma coordenação.

A palavra coordenação vem do latim "co-ordinatione". "Co" significa em conjunto; "ordinatione" significa dispor segundo uma certa ordem, organizar, arranjar. Portanto, coordenar é organizar o conjunto, por em ordem o desordenado, em cooperação, em "co-responsabilidade entre iguais".

Coordenar é integrar, animar, avaliar, revisar, celebrar, incentivar a caminhada da catequese. Não há receitas. A missão do coordenador é encontrar um jeito de ir, sem esquemas complexos, à vida dos catequistas na animação, na formação, no relacionamento humano-afetivo, na escuta, no diálogo, na organização, na busca de novos passos, na espiritualidade, na comunicação aos catequistas, aos pais, à comunidade. Coordenar é articular.

Coordenação é um **ministério**, um **serviço**, e não um cargo. Para ser coordenador (a), é preciso ter liderança, saber trabalhar em grupo e ter uma formação mais aprofundada.

Em vista disso, coordenador (a) de catequese deve ser sempre **um (a) catequista experiente e atuante, eleito (a) pelo grupo de catequistas e aprovado (a) pelo Pároco**.

Um coordenador nunca poderá trabalhar sozinho. É preciso partilhar o compromisso. Fazer companheiros, fazer discípulos. **Hoje não se fala em coordenador, mas em equipe de coordenação**. Uma equipe que não acumula funções e centraliza trabalhos, mas que divide tarefas.

Sendo a catequese considerada como processo permanente de educação da fé, e não apenas como preparação de crianças e jovens para receberem os sacramentos, a equipe de coordenação pode ser integrada por pessoas de diversas pastorais: grupo de jovens, pastoral do Batismo, pastoral familiar, pastoral dos noivos etc..

Atitudes da equipe de coordenação

- a) **Escuta:** capacidade de escutar, aprender com os outros, dialogar. Atitude de Jesus com os discípulos de Emaús (Lc 24, 13-45).
- b) **Compreensão:** é a capacidade de compreender, entender os limites, as situações existenciais, familiares e vitais dos catequistas, dos pais, dos catequizandos e dos próprios membros da equipe de coordenação.
- c) **Sensibilidade:** faz parte da catequese a afetividade, o carinho, a capacidade de apreciar, de reconhecer o valor do outro, de criar relações profundamente humanas.
- d) **Organização:** ajudar o grupo de catequistas, a Paróquia, a comunidade, de acordo com sua história e realidade, a crescer em organização.
- e) **Serviço:** a catequese ganha vida por meio de serviços, de trabalhos de equipes, de ações transformadoras, principalmente a promoção dos necessitados da comunidade.
- f) **Solidariedade:** uma das expressões evangélicas e humanas que unem as pessoas. Solidariedade ao que sofre, ao que erra, ao que passa por dificuldades familiares ou existenciais. A presença na dor, na morte de familiares, nos fracassos, mas também nas alegrias, nas festas, nas celebrações.
- g) **Paciência:** a coordenação precisa aprender a ter paciência com o grupo de catequistas, com os catequizandos, com os pais. Esperar que o grupo aprenda com os erros, que caminhe.

A equipe de coordenação não pode ser um grupo fechado sobre si mesmo. Ela caminha junto, faz-se presença, não busca nome, nem privilégios. É um grupo aberto, receptivo, que se

renova constantemente. Não é uma equipe que se considera superior aos outros. A superioridade distancia, impede a proximidade, dificulta o diálogo e a participação. Ninguém gosta de ficar ao lado de alguém que se julga superior.

Em uma equipe de coordenação não pode haver mentalidade de competição e de prestígio. Onde há competição, sempre falta algo. Onde há partilha, há espaço para todos.

A primeira preocupação da coordenação é com os catequistas novos, os jovens, os mais carentes, os que têm dificuldades para entender ou de transmitir. É bom lembrar que um dia nós também fomos iniciantes e foi o apoio, o carinho e a paciência do grupo de catequistas que nos fizeram crescer.

Prioridade da equipe de coordenação: formação de catequistas.

A formação é o que sustenta a caminhada da catequese. Uma boa equipe de coordenação é a que se preocupa com a formação dos catequistas. A própria coordenação precisa de formação.

A formação não pode ser pensada apenas como um momento de estudo de temas. Toda a caminhada feita com o grupo de catequistas, com os pais, com os catequizandos e com a comunidade está preparando o catequista.

A equipe de coordenação, com uma visão ampla da caminhada do grupo, articula o estudo de temas com as necessidades desse grupo.

O ideal é que cada Paróquia e, se possível a Diocese, tenha um plano de formação de catequistas. Nesse plano de formação, é necessário especificar os critérios para ser catequista e os temas para um curso básico e para a formação permanente.

Equipe de coordenação de catequese na comunidade: seus compromissos.

(Esses compromissos são da equipe, em co-responsabilidade, e não de uma só pessoa. O ideal é que essa equipe permaneça na coordenação por três anos, com a aprovação do grupo de catequistas e do Pároco).

- Ajudar os catequistas a integrarem a catequese com as outras pastorais e serviços.
- Elaborar, de maneira participativa, um pequeno projeto para a catequese, privilegiando alguns objetivos prioritários, algumas ações concretas e um calendário de atividades para o ano, harmonizando-o com os calendários diocesano e paroquial.
- Estar presente em todas as atividades da catequese na comunidade, acompanhando-as.
- Realizar com os catequistas encontros de estudos, formação e avaliação, sempre cuidando da formação permanente.
- Incentivar os catequistas a manterem constante ligação com as famílias dos catequizandos.
- Incentivar toda a comunidade para que se sinta responsável e assuma seu papel de catequizadora.
- Providenciar local e material necessário para o bom andamento dos encontros de catequese e das reuniões de catequistas, de pais e outras.
- Preparar, junto com os catequistas, dias especiais de encontro para oração, estudo, celebrações, retiros, com os catequizandos.
- Fazer um fichário com os nomes, endereços, telefones e datas de aniversário (e outros dados que se queira) dos catequistas.
- Organizar pastas para arquivar fichas de inscrição dos catequizandos (a não ser que elas fiquem guardadas na secretaria da Paróquia), cartas, notícias, material recebido da coordenação diocesana, material produzido na própria comunidade.
- Organizar um livro de atas ou relatórios das reuniões realizadas, contendo os assuntos

tratados, as principais decisões e os encaminhamentos. Um (a) catequista ou um grupo de catequistas pode se responsabilizar pelas atas e relatórios.

- Refletir com os catequistas, com o pároco, com os pais, com a comunidade, com os catequizandos, qualquer inovação ou exigência de mudança nos rumos da catequese.
- Participar das reuniões diocesanas, levando da comunidade o que for solicitado e anotando os temas refletidos ou as linhas assumidas, para imediato repasse aos catequistas.
- Participar das reuniões do CPC (Conselho Pastoral da Comunidade), procedendo do mesmo modo que no caso citado acima.
- Ter dias programados para reunir-se periodicamente como equipe de coordenação, para estudar, rezar, planejar (é importante o estudo da Bíblia, dos documentos da Igreja, das diretrizes da Diocese).
- Promover dias de confraternização, horas de ajuda mútua, troca de experiências com os catequistas, ajudando-os a se integrarem como grupo, a cultivar a formação humana, afetiva e espiritual.
- Avaliar freqüentemente o processo catequético, junto com os catequistas.
- Atenuar os conflitos que surgem, estando sempre aberto para o diferente, para o pluralismo e para a resistência.
- Fazer parcerias com as outras Pastorais e com os movimentos.
- Ser presença, força, apoio, estímulo aos catequistas.

O grupo de catequistas precisa se reunir regularmente, além dos cursos e dias de formação. Deve ser estabelecido um dia e um horário fixos por mês para as reuniões.

Essas reuniões precisam ser cuidadosamente planejadas pela coordenação, para que não se transformem em situações aborrecidas.

As reuniões podem seguir os seguintes passos:

- 1 – Celebração
- 2 – Revisão
- 3 – Aprofundamento
- 4 – Planejamento

Os compromissos da equipe de coordenação devem ir sendo assumidos como um serviço, como fonte de espiritualidade e não como normas rígidas. Sempre e em tudo, o modelo básico é a pessoa de Jesus Cristo, suas atitudes, seu modo de ser, sua prática. Nunca se pode esquecer a dimensão humana do catequista.

Equipe de coordenação paroquial: seus compromissos

(Também essa equipe ficará na coordenação por três anos, com a aprovação do Pároco).

- Reunir regularmente as coordenações das comunidades da Paróquia, para se inteirar do andamento da catequese na mesma, para entrosamento, ajuda mútua, troca de experiências.
- Participar, de forma efetiva, das reuniões e dos encontros de formação propostos pelas coordenações de setor e diocesana.
- Encaminhar as decisões vindas da coordenação diocesana, para aplicá-las conforme a realidade de cada comunidade.

- Prestar assessoria às coordenações comunitárias, conforme as necessidades.
- Preparar, junto com os catequistas e com o pároco, um programa de formação de catequistas com realização de encontros, cursos, estudos, retiros.
- Se possível, organizar um Centro Catequético com biblioteca, meios pedagógicos, equipamento audiovisual, arquivo de gravuras, recursos para celebrações litúrgicas e outros, à disposição dos catequistas.
- Promover semanas catequéticas, dias de lazer, encontros de espiritualidade, celebração do Dia do Catequista.
- Fazer chegar à coordenação diocesana decisões, conflitos, problemas, reivindicações, conquistas.
- Organizar um arquivo com nomes, endereços e outros dados das coordenações comunitárias e um livro de atas ou relatórios das reuniões.
- Manter contato permanente com o pároco.
- Participar das reuniões do CPP (Conselho Paroquial de Pastoral), atuando como elo entre este e as coordenações comunitárias.
- Viabilizar encontros com todos os coordenadores da Paróquia, a fim de trabalhar temas que ajudem a desenvolver uma melhor assessoria à catequese.

A equipe de coordenação paroquial deve ser formada por representantes das coordenações comunitárias, e tem como prioridade integrar os diferentes níveis de organização: comunitária, paroquial, setorial e diocesana.

Equipe de coordenação de setor: seus compromissos

O setor é composto de várias Paróquias. Para um melhor funcionamento da catequese, deve haver uma equipe de coordenação de setor, eleita pelas coordenações paroquiais e que deve estar trabalhando em sintonia com a coordenação diocesana e seguindo a orientação dos seus párocos.

Suas funções são:

- Reunir constantemente as coordenações paroquiais, para saber como anda a caminhada da catequese em cada Paróquia, para maior entrosamento, ajuda mútua e partilha de experiências.
- Promover estudos mais aprofundados sobre a catequese, os documentos etc. para os coordenadores.
- Encaminhar decisões da coordenação diocesana, dentro da realidade do setor.
- Visitar as Paróquias para melhor conhecimento da realidade.
- Dar assessoria às coordenações paroquiais.
- Reunir-se constantemente para estudo.
- Promover cursos, semanas de catequese, dias de lazer, encontros de espiritualidade para catequistas.
- Fazer chegar à coordenação diocesana decisões, problemas, conflitos, reivindicações, conquistas do setor.
- Organizar arquivo com nomes, endereços e outros dados das Paróquias e um livro de atas ou relatórios das reuniões.
- Elaborar um cronograma de atividades do setor.

Equipe de coordenação diocesana: seus compromissos

Essa equipe pode ser formada pelas coordenações dos setores da diocese. Está em constante contato com a equipe regional de catequese. Essa coordenação tem a função de:

- Coordenar a catequese nos setores da diocese.
- Ter uma visão de conjunto da realidade da catequese na diocese.
- Estar em constante comunicação com as coordenações comunitárias, paroquiais e setoriais.
- Cuidar da formação permanente dos coordenadores nos diversos níveis.
- Cuidar dos problemas e conflitos nas coordenações.
- Estar em sintonia com a caminhada pastoral da Diocese.
- Promover encontros com as coordenações das comunidades, das paróquias e dos setores.
- Organizar endereços e outros dados dos coordenadores.
- Registrar em atas as reuniões.
- Elaborar o planejamento diocesano, com a participação dos coordenadores.
- Dar assessoria nos encontros dos setores e das Paróquias, quando solicitada.
- Ter uma preocupação permanente com a formação de catequistas, em todos os níveis.
- Participar das reuniões de catequese do Regional da CNBB e relatar os estudos e os encaminhamentos para a sua Diocese.
- Encaminhar as comunicações do Regional para as coordenações.
- Cuidar da sua espiritualidade, do entrosamento da equipe etc...
- Avaliar constantemente e "cobrar" serviços.

A coordenação diocesana é um serviço (ministério) que administra a caminhada para que "todos" façam. Coordenar é fazer com que todos façam. Ela cria clima de unidade. Articula pessoas, estrutura as atividades a nível diocesano.

Comissão Regional de Catequese

Cada Regional da CNBB é composto por várias Dioceses. Nosso Regional é o Leste II, que abrange as Dioceses de Minas Gerais e Espírito Santo. Os Bispos se reúnem pelo menos duas vezes por ano no Regional e o trabalho é coordenado pela CEP (Comissão Episcopal de Pastoral). Para cada Pastoral do Regional há um Bispo responsável e uma Comissão de Catequese.

• Algumas funções dessa equipe:

- Ser a ponte de ligação entre o Nacional e as coordenações diocesana de catequese.
- Manter constante comunicação com as coordenações diocesanas.
- Dar assessoria às coordenações diocesanas.
- Reunir as coordenações diocesanas para estudo, atualização, partilha de experiências.
- Promover cursos para formação de coordenadores de catequese (IRPAC).
- Elaborar subsídios de estudo que ajudem as coordenações diocesanas.

Dimensão bíblico catequética – CNBB

É uma das linhas de trabalho da CNBB. É a Dimensão Bíblico-catequética quem orienta, analisa, avalia a caminhada da catequese a nível nacional. Ela reúne anualmente todos os coordenadores das comissões de catequese dos Regionais da CNBB.

É assessorada pelo GRECAT (Grupo de Reflexão Catequética). O GRECAT reúne 12

pessoas de várias partes do Brasil e alguns catequetas. Esse grupo estuda, analisa, avalia, orienta a caminhada da catequese nacional.

VI – O PLANEJAMENTO DA AÇÃO CATEQUÉTICA

A catequese não pode ser uma iniciativa baseada apenas na boa vontade, na improvisação. É de fundamental importância nunca improvisar qualquer trabalho, principalmente na educação da fé. A improvisação leva, normalmente, à decepção e à perda de tempo, ao passo que um trabalho organizado, planejado, produz frutos e faz o processo avançar.

Planejar é “projetar para o futuro”, é acionar um processo de intervenção na realidade catequética, em vista de objetivos. Planejamento não tem nada a ver com “agendismo” ou “cronogramismo”, mas é um instrumento eficaz para fazer coisas novas, para mudar a realidade e as pessoas. Ele permite que as pessoas tenham um rumo a seguir. É garantia de avanço e continuidade no trabalho catequético. Quem planeja sente-se seguro na ação, divide as tarefas e não improvisa.

Um bom planejamento é feito com a participação de todas as pessoas envolvidas e deve ser elaborado a partir da realidade da catequese de cada comunidade, paróquia ou diocese.

O planejamento é um processo que supõe:

- Reflexão: possibilita fazer um diagnóstico da catequese.
- Decisão: decide-se o que precisa ser feito, em ordem de prioridade.
- Programação: registra-se por escrito as atividades.
- Ação acompanhada: todo o processo precisa ser acompanhado e avaliado constantemente.

Sugestão de um esquema de planejamento de catequese

- 1 – Identificar a realidade da catequese no âmbito em que se vai trabalhar (comunitária, paroquial, diocesana), suas possibilidades, suas necessidades, seus desafios. Estabelecer prioridades.
- 2 – Elaborar o (s) objetivo (s) geral (is), lembrando os objetivos da catequese no Brasil. Os objetivos respondem à pergunta: “Onde queremos chegar para sanar as nossas necessidades prioritárias, dentro das nossas possibilidades?”
- 3 – Indicar as atividades que precisam ser realizadas para que os objetivos sejam alcançados, o que responde à pergunta: “Como vamos chegar?”
 - a – Identificar as atividades a realizar.
 - b – Indicar o objetivo específico de cada atividade.
 - c – Definir as pessoas que vão assumir cada atividade.
 - d – Definir o método, os passos para desenvolver cada atividade.
 - e – Elaborar um cronograma das atividades.
 - f – Indicar o local onde se realizará cada atividade.
- 4 – Definir a avaliação. Deve responder à pergunta: “Como saber se chegamos?” Ela deve ser feita durante todo o desenvolvimento do trabalho e não somente no final. Na avaliação precisamos verificar:
 - a – Que atividades foram realizadas e quais não foram.
 - b – Como as atividades foram realizadas.
 - c – Quais objetivos foram alcançados.
 - d – Quais foram as dificuldades e como foram superadas.
 - e – Quais foram os avanços e quais os retrocessos no caminho percorrido.O catequista também deve elaborar um planejamento para a sua turma de catequese, seguindo esse mesmo esquema.

VII – COMO ORGANIZAR A CATEQUESE NA COMUNIDADE

Qualquer que seja o tipo de catequese, (para crianças, jovens ou adultos), sempre é preciso que haja uma boa organização, que supõe uma coordenação atuante.

- 1 – Faça-se a inscrição das pessoas que vão participar da catequese. Preparem-se as fichas (com espaço para os dados importantes, inclusive para registrar se a pessoa é batizada) e marquem-se local e prazo para a inscrição.
- 2 – A coordenação seleciona as fichas e divide a turma inscrita em grupos de, no máximo, 20 pessoas. Com crianças, é desejável que o grupo seja menor (em torno de 15). Se o número for maior, será difícil chegar a uma convivência comunitária, de mútuo conhecimento, de partilha. Faça-se a divisão levando em conta os diversos graus de maturidade, idade, escolaridade etc.
- 3 – No caso de catequese de jovens e adultos, planeje-se o desenvolvimento dos temas junto com eles. Aconselhamos ver o subsídio da CNBB “Fortalecidos no Espírito” - Edições Paulinas, que oferece valiosas orientações a respeito.
- 4 – Em caso de catequese de crianças, deve ser previsto como fazer o entrosamento com as famílias, por meio de reuniões e visitas. Junto com os pais e responsáveis, elabore-se um programa de reuniões, com os assuntos que lhes interessam, os dias e os horários possíveis para eles.
- 5 – Estabeleça-se uma reunião com o Pároco, para ver onde e quando será desejável a sua presença e atuação. Seu contato com os catequizandos, quaisquer que sejam, e com os pais dos menores, será de grande importância. Também é significativo seu contato com os catequistas, nas reuniões periódicas.
- 6 – Junto com os catequistas, prepare-se o programa de funcionamento do grupo: reuniões, encontros de estudo, de oração, de planejamento, de celebração, tanto com catequistas como com catequizandos. Em várias Paróquias, esta programação é feita antes do início do ano e faz parte do plano global da Paróquia.
- 7 – É importante manter contato com a comunidade. Catequese não é algo que se faz à margem da vida da comunidade. Ela deve estar a par do seu funcionamento, das dificuldades encontradas, dos seus resultados, considerando-a como prioridade pastoral. É necessário que a Paróquia destine uma verba para as despesas da catequese, mesmo que alguns catequistas tenham condições financeiras para ajudar.
- 8 – Diversas celebrações podem ser feitas na comunidade, com a participação da mesma: apresentação de novos catequistas, catequizandos ou crismandos, celebrações de penitência, de Primeira Comunhão Eucarística, de Crisma etc..
- 9 – É bom que os catequizandos participem de atividades da Paróquia, por exemplo: o dízimo, a Campanha da Fraternidade, a festa do (a) Padroeiro (a), a novena de Natal. Assim, sentir-se-ão membros participantes da comunidade.
- 10 – É importante organizar um centro catequético, onde os catequistas possam fazer suas reuniões e possam procurar material didático, audiovisuais, gravuras, brinquedos, livros de formação.
- 11 – É necessário desenvolver constantemente um trabalho de conscientização de todos os agentes de evangelização (catequistas, pais e a comunidade como um todo) sobre a catequese como um processo de formação permanente, e não apenas como preparação para os sacramentos. Neste sentido, é recomendável que a Primeira Eucaristia e a Crisma não sejam celebradas no final do ano, para não coincidirem com o encerramento do ano letivo e as festas de formatura nas escolas.

BIBLIOGRAFIA

A maior parte dessas primeiras orientações é constituída de transcrições, algumas vezes adaptadas, dos seguintes documentos, todos elaborados pelo Instituto Regional de Pastoral Catequética, do Secretariado Regional de Catequese da CNBB:

- 1 – Catequética Fundamental – Panorama (apostila).
- 2 – Organização da Catequese (livro)
- 3 – Organização da Catequese (apostila).

VIII – ETAPAS DA CATEQUESE

Todas as Paróquias da Diocese de Uberlândia deverão adotar as etapas a seguir e sua respectiva nomenclatura, o que facilitará a comunicação entre as Paróquias e a organização dos programas.

- **Sementinha** – iniciar com 7 anos completos.
- **Primeira etapa** – iniciar com 8 anos completos.
- **Segunda etapa** – iniciar com 9 anos completos.
- **Terceira etapa – (Preparação para a Eucaristia)** – iniciar com 10 anos completos.
- **Adolescentes módulo I** – 11 anos.
- **Adolescentes módulo II** – 12 e 13 anos.
- **Adolescentes módulo III** – 14 anos.
- **Crisma** - iniciar com 15 anos, completos ou não, desde que os tenha completado antes da data do Sacramento, e após uma preparação de, no mínimo, **30 encontros**.
- **Adultos – (preparação para os primeiros Sacramentos)** – a idade mínima fica a critério de cada comunidade, e a preparação deve ser com **30 encontros**, pelo menos.
- Os catequizandos que ingressarem na catequese infantil com idade maior do que as estabelecidas, a partir da 1ª etapa, devem passar por dois anos, no mínimo, de preparação para a Eucaristia. Dentro das possibilidades da comunidade, e dependendo da idade desses catequizandos, deve ser formada uma turma com programação especial, para que não se sintam estranhos em turma de crianças menores.
- Os catequizandos que ingressarem na catequese, em qualquer nível, sem terem recebido o sacramento do Batismo, deverão participar de todo o processo de preparação para a Primeira Eucaristia ou para a Crisma, se for o caso, antes de serem batizados. A coordenação e os (as) catequistas deverão ficar atentos durante este processo de preparação, para que os catequizandos sejam batizados antes de receberem os demais sacramentos.
- Para a Sementinha e para a Primeira etapa, assim como para a turma especial de catequizandos maiores, e a de adultos deve-se aceitar novos catequizandos em qualquer época do ano. Não podemos rejeitar, nem dizer que voltem no próximo ano, as pessoas que procuram a Igreja em época que, para nós pode ser tardia, mas que para elas foi a época certa do chamado de Deus.
- Para as turmas de Segunda e Terceira etapas, assim como para as de adolescentes e de Crisma, novos catequizandos devem apresentar a declaração da Paróquia de origem de que já fizeram a etapa anterior, assinada por um representante da coordenação e pelo Pároco.

SEGUNDA PARTE

I – OBJETIVO DA CATEQUESE

A catequese quer levar catequista e catequizando a fazerem experiência de comunhão eclesial, de amor e de partilha. Dessa maneira, ela estará preparando o catequizando para uma vivência autenticamente cristã, para o seguimento de Jesus Cristo e um compromisso com Ele.

A catequese ensina a felicidade, dá razões para viver, ajuda a encontrar o sentido da vida. Ela é, sobretudo, uma vivência de amor, de comunhão, de amizade.

II – OS ENCONTROS DE CATEQUESE: O MÉTODO CATEQUÉTICO

"Método" é uma palavra grega que quer dizer: caminho, estrada que leva a um ponto de chegada. É uma maneira de fazer alguma coisa, tendo em vista um resultado desejado.

Método supõe uma ação planejada e procedimentos coerentes com a finalidade que se tem em vista. Se o objetivo da catequese é o que vimos acima, não podemos utilizar o "método doutrinal" de antigamente, quando o catequista apenas transmitia a doutrina que estava no catecismo para preparar para a primeira Comunhão ou para a Crisma, sem se preocupar com a vivência.

O livro é um instrumento de trabalho, a serviço da vida de Comunhão, a serviço da caminhada catequética. Ele não é o mais importante da catequese, mas apenas um instrumento auxiliar. Não temos "aula" de catequese, mas encontro de pessoas que se reúnem para, juntas, fazerem experiência do amor e da partilha, com base na Palavra de Deus e na vivência dos seus ensinamentos. O catequista não é "professor de catequese" mas alguém que participa do grupo, com mais experiência, mais conhecimento e responsabilidade, sem ser autoritário.

Dá a importância de que o grupo de catequizandos esteja em círculo, do qual o catequista é um elemento, e não um atrás do outro, com o catequista à frente, como na escola. A disposição em círculo permite que todos se vejam, se conheçam melhor e se comuniquem com mais facilidade.

A característica mais importante do método na Catequese Renovada é a interação fé e vida. Isto quer dizer que as formulações da fé devem se traduzir em vivências, e que a vida esclarece o sentido das formulações da fé. A mensagem deve ser articulada com o grupo de catequizandos, isto é, deve ser vivida e não apenas aprendida.

O método mais usado nos encontros de catequese é o "**ver- julgar- agir- celebrar**", que tem o seguinte esquema de desenvolvimento:

1º momento: ver (motivação) – diálogo com os catequizandos sobre a sua realidade, a sua vida, as suas experiências, os seus conhecimentos, os seus sentimentos. Esse diálogo é relacionado com o tema do encontro e realizado a partir de histórias, cartazes, dinâmicas de reflexão, sondagem de opiniões, filmes, textos etc.. Esse momento é muito importante, porque vai ajudar o catequizando a perceber a ligação da fé com a sua vida.

2º momento: julgar (colocação do tema) – leitura e reflexão da Palavra de Deus, ligando-a ao tema do encontro. O catequista desenvolve o tema, a partir do levantamento da realidade dos catequizandos, com linguagem e com duração adequadas à idade dos mesmos. Reflete sobre causas, origens das situações e dos fatos vividos, confrontando-os com a Palavra de Deus. Também nesse momento, usar recursos de uma catequese dinâmica (diálogo, cartazes

dramatizações, cantos etc.) O importante é que o catequizando perceba que a Palavra de Deus ilumina a sua própria vida.

3º momento: agir – a finalidade dessa parte é fazer com que os catequizandos (e também o catequista) levem à prática o que refletiram no encontro. É o agir transformador, ligado à Palavra de Deus que nos questiona para uma mudança de vida, na busca de uma sociedade mais justa e fraterna.

4º momento: celebrar – o catequista procurará, em todos os encontros, fazer uma pequena celebração, para despertar nos catequizandos a necessidade de celebrar os seus sentimentos e os sentimentos dos cristãos para com Deus e para com a comunidade. "A celebração fortalece a Aliança com Deus e com os irmãos."

É muito importante iniciar os catequizandos na vida de oração, na intimidade com Deus, não apenas a oração de fórmulas decoradas. O encontro de catequese precisa proporcionar momentos de conversa pessoal com Deus, de silêncio. O catequizando irá, aos poucos, conversar naturalmente com Deus.

Não é necessário que todos os passos do método sejam desenvolvidos em um único encontro. Pode acontecer que o grupo fique apenas no "ver" em um encontro, retomando - o no seguinte. Ou o "julgar" ocupar um número maior de encontros. Isso depende muito do próprio tema, das características do grupo e dos recursos que o catequista utiliza. O que não se pode é considerar os temas de catequese como "lições" que devem ser apresentadas pelo catequista e aprendidas pelo catequizando, para apressar a data da Primeira Eucaristia e "despachar" logo os catequizandos para colocar outros no lugar.

As "dinâmicas" na catequese não têm um fim em si mesmas: devem estar relacionadas ao tema e terem um objetivo bem claro no encontro. Elas possibilitam vivências que, ao serem refletidas e compartilhadas, geram um aprendizado pessoal e grupal, incentivando a participação de todos. "A dinâmica ajuda o desenvolvimento do encontro, mas o encontro não se reduz a uma dinâmica."

É responsabilidade do (a) catequista:

- planejar o encontro, tendo claro o objetivo do mesmo e cuidando dos diferentes passos do método;
- preparar com antecedência o material e a dinâmica que vai usar;
- se for usar algum aparelho (como vídeo, gravador etc.), testar antes o seu funcionamento e tomar conhecimento do conteúdo do material, para planejar a sequência do encontro;
- planejar atividades para os catequizandos (não como dever de casa). Elas têm a finalidade de ajudar a interiorizar a mensagem, envolvendo a memória, a inteligência, a criatividade, a vontade, a sensibilidade.
- chegar mais cedo (no mínimo 15 minutos) para preparar o local e acolher os catequizandos com carinho. Eles precisam sentir que o catequista se importa com eles.
- trabalhar para que todos se conheçam e sejam mutuamente solidários;
- criar uma vivência afetiva, de diálogo;
- fazer os catequizandos participarem ativamente, tanto do próprio grupo como da comunidade paroquial;
- formar um senso crítico diante da realidade sócio- econômico- cultural;
- rezar e celebrar juntos, alimentando uma verdadeira espiritualidade cristã.

III – CONTEÚDOS DA CATEQUESE

A catequese tem um eixo central, ao redor do qual se vão desenvolvendo e ampliando reflexões, conhecimentos, aprofundamentos. Esse eixo central é a Boa Notícia que a catequese tem a transmitir. Notícia de salvação, que nos reaviva a esperança e nos faz viver o amor, pela fé num Deus que só quer o nosso bem. Em grandes linhas, podemos resumir assim essa notícia:

- **"Somos criados por Deus, que nos ama e quer o melhor para nós .**
- **Se o mundo fosse como Deus tinha planejado, não haveria sofrimento e todos seríamos felizes e fraternos.**
- **O mundo de hoje tem sofrimentos e problemas porque os pecados humanos atrapalharam o projeto de Deus.**
- **Apesar de tudo, Deus não se conforma e continua querendo a nossa felicidade.**
- **Para isso, preparou o caminho e veio a nós na pessoa de Jesus.**
- **Jesus, Filho de Deus feito gente, participou de tudo que faz parte da vida humana e foi solidário conosco no sofrimento, morrendo na cruz. Com isso, demonstrou o amor de Deus que nos salva.**
- **Jesus ressuscitou, garantindo a vitória de tudo que é bom.**
- **Ele nos deixou o Espírito Santo, que está conosco na Igreja e na vida e nos convida a construir com Ele o Reino de Deus para a salvação de todos no amor." (Terezinha Cruz)**

Com esse conjunto como pano de fundo, perceberemos os profetas como aqueles que anunciam o projeto de Deus, e os milagres de Jesus como sinais de vida melhor que Deus deseja para nós. Ao final de um período de experiência catequética, os catequizandos deveriam ser capazes de interpretar o que aprenderam, e viveram a partir desse grande plano de salvação.

É preciso ter claro esse eixo central, ou o catequista trata de muitos assuntos soltos e esquece de ligar tudo isso ao grande conjunto do plano de salvação. Os encontros podem até ficar bonitos, animados, mas depois, se o catequizando não souber fazer uma síntese, ficará sem compreender o sentido da mensagem cristã. Isso acontece em certas catequese de jovens, nas quais o palestrista desta semana não sabe o que foi ouvido na semana passada, nem o que vai ser dito na semana que vem.

O projeto de salvação é o critério para descobrir o que não combina com o jeito de Deus. Por exemplo: dentro deste esquema não há lugar para um Deus vingativo, que quer a desgraça do pecador, nem para justificar sofrimento como sendo vontade de Deus. "Jesus pinta um rosto de Deus que a sabedoria humana não pode entender. Deus não soma nem virtudes nem pecados. Seu amor não tem porquês. Ama porque ama. Não faz contabilidade." (Rubem Alves)

É comum que o catequista, não tendo claro esse conjunto, trabalhe sobre algumas idéias ou práticas que são de sua devoção particular (exemplos: devoção a um santo, a reza do terço), que são boas mas não essenciais, e deixe de apresentar o mais importante. Outro problema é a organização de programas com assuntos variados, sem ligação entre si e sem referência a esse conjunto que dá o sentido global da mensagem. Muitas vezes também acontece que o trabalho se desenvolve seguindo o calendário litúrgico ou os meses temáticos e fica faltando o fio condutor para "costurar" as reflexões feitas. Não que o calendário litúrgico em si seja desligado, muito pelo

contrário. Mas se a pessoa não tiver para si uma síntese, ela mesma vai ter dificuldade em perceber como os fatos bíblicos se ligam uns aos outros num todo coerente.

O catequista que tem clareza sobre essas idéias básicas ligará qualquer tema ao eixo central. Mas é importante verificar se estamos trabalhando mesmo sobre os assuntos mais importantes ou se estamos transformando aspectos opcionais em exigências fundamentais. Fazemos catequese em nome da Igreja e não em nome de nossos gostos ou espiritualidades particulares.

A mensagem de salvação visa a felicidade, a realização da pessoa e faz promover esta felicidade na família, no trabalho, no ambiente de cada dia. O processo da educação da fé é, portanto, libertador, porque visa libertar a pessoa toda e todas as pessoas. Quer levar o catequizando a encontrar o sentido da vida e a alegria de ser cristão. (C R 318)

É importante lembrar que a catequese é progressiva. A mensagem de salvação deve ser anunciada de acordo com a idade dos catequizandos. (C R 129 a 142; 101). Uma condição necessária ao catequista é conhecer as características da idade do catequizando.

A Palavra de Deus é a grande fonte da catequese. Ela ilumina a vida e ajuda a perceber que Deus fala nos acontecimentos e na História. Quanto ao uso do texto bíblico na catequese, também é preciso respeitar o critério da idade dos catequizandos e o processo que estão fazendo.

IV – OS OBJETIVOS E OS TEMAS DA CATEQUESE, POR ETAPA

1 - SEMENTINHA (7 anos)

OBJETIVOS GERAIS:

1. Descobrir Deus pela descoberta do "eu": eu existo, tenho um corpo e tenho sentimentos; eu penso e posso melhorar a vida.
2. Descobrir Deus pela descoberta do outro: o outro existe e também possui um corpo, sentimentos e inteligência: podemos partilhar.
3. Descobrir Deus pela descoberta da natureza: o mundo em que vivo.

CONTEÚDOS:

- 1 – Descoberta de Deus pela descoberta do "eu":
 - 1.1 – Eu existo (descobrir como é ser gente, diferente de todos os outros seres vivos).
 - 1.2 – Meu corpo (higiene e respeito).
 - 1.3 – Meus olhos.
 - 1.4 – Meus ouvidos.
 - 1.5 – Minhas mãos.
 - 1.6 – Meus pés.
 - 1.7 – Minha boca: eu me alimento.
 - 1.8 – Olha o que eu sei fazer.
 - 1.9 – Eu penso.
 - 1.10 – Eu tenho sentimentos.
 - 1.11 – Eu crio e transformo.

- 1.12 – Eu escolho, posso e faço.

2 – Descoberta de Deus pela descoberta do outro:

- 2.1 – Toda gente tem valor, são pessoas.
- 2.2 – Como as pessoas vivem.
- 2.3 – Os amiguinhos (valor da amizade).
- 2.4 – Os amigos partilham.
- 2.5 – Os amigos se respeitam.
- 2.6 – Os amigos melhoram juntos o espaço onde estão.
- 2.7 – Os amigos são solidários: participam e colaboram.
- 2.8 – Os amigos têm carinho e atenção.
- 2.9 – Os amigos se perdoam.

3 – Descoberta de Deus pela descoberta da natureza:

- 3.1 – O mundo em que vivo é maravilhoso.
- 3.2 – A água.
- 3.3 – A terra.
- 3.4 – O sol.
- 3.5 – O dia e a noite.
- 3.6 – Os animais.
- 3.7 – As plantas.

4 – Comemorações e celebrações: do ano litúrgico, dos meses temáticos e dos temas trabalhados.

5 – Orações.

Observação: Nesta etapa, as crianças não lêem a Bíblia. Os conteúdos são trabalhados com atividades variadas: histórias, desenhos, observações diretas, músicas, jogos, brincadeiras, gravuras, filmes, dramatizações etc..

2 – PRIMEIRA ETAPA (8 anos)

OBJETIVOS GERAIS:

- 1- Compreender que Deus é todo-poderoso: Ele é o criador de todas as coisas e de todas as pessoas.
- 2 - Descobrir que Deus nos ama, quer a nossa felicidade e nos comunica esse amor de várias maneiras.
- 3 - Apreciar a beleza do amor, da partilha e do perdão entre as pessoas como reflexo do amor de Deus.
- 4 - Vivenciar os ensinamentos de Jesus, compreendendo que Ele é um presente de Deus para nós.
- 5 - Descobrir que a oração e o nosso modo de agir são maneiras de nos comunicarmos com Deus.
- 6 - Aprender a manusear a Bíblia e compreender que ela é a história de Deus caminhando com o seu povo.

CONTEÚDOS:

(Observação: os itens 1 e 2 da 1ª etapa complementam os itens 1 e 2 da sementinha, aprofundando-os. É importante considerar que: nem todas as crianças fazem a sementinha, ingressando na catequese diretamente na primeira etapa; a linguagem e os recursos na 1ª etapa não serão os

mesmos da sementinha, de modo que as crianças que fizeram a sementinha trabalharão com esses temas em uma visão mais aprofundada. Recomendamos a utilização dos livros sugeridos para o planejamento em cada etapa).

1 – Sou filho de Deus: Ele me criou à sua imagem e semelhança: tenho inteligência, consciência, vontade e liberdade, diferentemente dos outros seres vivos.

1.1 – Deus me ama e cuida de mim.

1.2 – Deus se comunica comigo:

.pela natureza, que Ele criou;

.pelas outras pessoas;

.pelos acontecimentos;

.pela Bíblia;

1.3 – Eu me comunico com Deus:

.pela oração (diálogo com Deus): a oração de louvor, de agradecimento, de súplica, de pedido de perdão;

.pelos meus atos: a minha vida deve ser de compromisso para fazer o que Deus me pede.

2 – Somos todos filhos de Deus: somos irmãos.

2.1 – Ninguém vive sozinho: precisamos uns dos outros.

2.2 – Somos iguais e diferentes, por isso nos completamos.

2.3 – O outro me faz feliz e eu o faço feliz.

2.4 – Às vezes o outro me deixa triste e eu o entristeço: importância do perdão.

2.5 – É bom a gente se encontrar e ter amigos.

2.6 – Temos a nossa família.

2.7 – Temos a comunidade da vizinhança e do bairro onde moramos.

3 – Jesus nos faz seus seguidores, isto é, cristãos.

3.1 – Jesus é um presente de Deus para nós.

3.2 – Jesus nos apresenta Deus como nosso Pai.

3.3 – Jesus nos ensina a valorizar a vida:

.cuidando da natureza;

.cuidando do outro;

.cuidando de nós mesmos.

3.4 – Jesus nos ensina a partilhar o que somos e o que temos.

3.5 – Jesus nos ensina a amar a todos.

3.6 – Jesus nos ensina a perdoar.

3.7 – Jesus nos ensina a falar com o Pai.

4 – Jesus nos ensina a viver na comunidade que é a Igreja.

4.1 – A Igreja é a família de Deus.

4.2 – A Igreja é viver comunidade.

4.3 – Descobrimos o outro na comunidade.

4.4 – Faço parte desta Igreja.

4.5 – A minha Igreja tem uma Mãe: Maria.

5 – Apresentação da Bíblia: livros da história do povo de Deus.

5.1 – Quem escreveu. Como (primeiro foi contada, depois foi escrita).

5.2 – Onde foi escrita.

5.3 – Quando foi escrita.

5.4 – Divisão da Bíblia (AT e NT), número de livros, a divisão em capítulos e versículos.

6 – Comemorações e celebrações: o ano litúrgico, os meses temáticos e os temas trabalhados.

7 – Orações.

Observação: nesta etapa a criança tem contato direto com a Bíblia e aprende a manuseá-la apenas no final. Durante a etapa, ela vê a Bíblia que o catequista apresenta, aprende que a Bíblia é o livro da Palavra de Deus, escuta narrativas bíblicas, trabalha com elas em várias atividades e se prepara para ter um contato direto com ela.

3 – SEGUNDA ETAPA. (9 ANOS)

OBJETIVOS GERAIS:

1 – Acostumar-se a manusear a Bíblia e compreender que ela é a História de Deus caminhando com seu povo. Trabalhar a dimensão do Deus Libertador.

2 – Conhecer os grandes momentos da história do povo de Deus, de Abraão à Palestina da época de Jesus, como momentos da manifestação do amor de Deus pelos homens.

3 – Compreender que os males do mundo existem porque as pessoas se afastam de Deus.

4 – Conhecer e vivenciar os Mandamentos como normas de vida de um povo que quer viver mais próximo da vontade de Deus.

5 – Compreender que toda esta Revelação do AT tem sua plenificação na vinda do Messias.

CONTEÚDOS:

1 – Revisão e ampliação do trabalho anterior sobre a Bíblia.

2 – Deus nos criou para a felicidade, mas nós nos afastamos de Deus.

2.1. - Pecado é dizer “não” a Deus.

2.2. - Deus nos perdoa quando nos arrependemos dos pecados, porque Ele nos ama.

3 – A origem do povo que acredita em Deus.

3.1. - A história de Abraão.

3.2. - A história continua hoje: muita gente também sai.

4 – A libertação do povo de Deus: Moisés.

4.1. - De Abraão a Moisés, muita coisa aconteceu. A descendência de Isaac (Esaú, Jacó e seus filhos).

4.2. - A escravidão no Egito – início da história de Moisés.

4.3. - A luta de Moisés para tirar o povo de Deus do sofrimento do Egito.

4.4. - A ação de Deus em favor do povo – a saída do Egito e a passagem do Mar Vermelho.

4.5. - A caminhada pelo deserto e a chegada à terra de Canaã.

5 – Os Mandamentos que Deus entregou a Moisés: aliança de Deus com seu povo.

5.1. - São pistas para vivermos de um modo diferente: como irmãos, livres, adorando a um só Deus, respeitando- nos uns aos outros.

5.2. - Cada Mandamento na vida concreta, e não como coisa abstrata do passado.

6 – A vida do povo de Canaã: suas dificuldades e conquistas.

6.1. - O povo é liderado pelos juizes por um tempo.

6.2. - O tempo dos Reis.

6.3. - Os profetas – até João Batista, como profeta contemporâneo de Jesus.

6.4. - João Batista e sua missão.

6.5. - Os profetas de hoje.

7 – Como era a vida no tempo de Jesus.

7.1. - O mapa da terra da Palestina, localizando as cidades e os aspectos geográficos marcantes.

7.2. - A sociedade: grupos sociais dominantes, os excluídos, a importância da religião (as

- sinagogas, o Templo), a espera da vinda do Messias.
- 9 – Comemorações e celebrações: tempo litúrgico, meses temáticos e temas trabalhados.
- 10 – Orações.

Observação: Alguns temas, por serem mais complexos, deverão se desmembrar em mais de um encontro.

(Ex.: os Mandamentos). Além disso, já vimos que os temas de catequese não são "lições escolares". Cada um deve ser trabalhado dentro do método "ver- julgar- agir", o que faz muitas vezes que um tema ocupe dois ou mais encontros.

4 – TERCEIRA ETAPA (10 anos)

OBJETIVOS GERAIS:

- 1 – Aprender o que um mistério da fé.
- 2 – Conhecer Jesus, Deus feito homem: sua vida e seus ensinamentos.
- 3 – Conhecer o mistério da Santíssima Trindade.
- 4 – Compreender que a Igreja, sinal de Deus no mundo, somos todos nós.
- 5 – Compreender os Sacramentos como sinais do nosso encontro com Deus na comunidade.
- 6 – Despertar o sentido de um engajamento eclesial.

CONTEÚDOS

- 1 – O nascimento e a infância de Jesus.
 - 1.1. - Maria recebe a notícia de que seria a Mãe de Jesus - O mistério da encarnação. O "sim de Maria".
 - 1.2. - Maria vai visitar sua prima Isabel.
 - 1.3. - Jesus, o Filho de Deus, nasce pobre e humilde – Significado do Natal.
 - 1.4. - Como foi a infância de Jesus.
- 2 – A vida pública de Jesus.
 - 2.1. - O batismo de Jesus no rio Jordão. Eu também fui batizado. Significado do Batismo.
 - 2.2. - O projeto de vida de Jesus é a felicidade para todos.
 - 2.3. - Jesus forma uma comunidade de colaboradores e anuncia o Reino, pregando o Evangelho.
 - 2.4. - Os milagres de Jesus como sinais do Seu projeto para o mundo.
 - 2.5. - Jesus nos falou do Reino por meio de parábolas.
 - 2.6. - Como Jesus agia diante das pessoas.
 - 2.7. - Jesus nos ensina a rezar.
 - 2.8. - Jesus celebra sua última ceia.
 - 2.9. - Jesus é condenado e morto na cruz.
 - 2.10. - Jesus está vivo: Ele ressuscitou.
- 3 – Jesus envia o Espírito Santo.
 - 3.1. - O Espírito Santo nos torna capazes de amar.
 - 3.2. - O Espírito Santo nos orienta e anima a Igreja.
 - 3.3. - Um só Deus: Pai, Filho e Espírito Santo.
- 4 – A Igreja é a família de Deus.
 - 4.1. - Igreja, comunidade dos seguidores de Jesus.
 - 4.2. - Igreja, comunidade que partilha.
 - 4.3. - Igreja, povo que se organiza no espírito de Jesus.
- 5- Sacramentos: sinais visíveis da graça de Deus.

- 5.1. - Os Sacramentos atingem toda a vida do cristão.
 - 5.2. - Sacramentos, sinais sagrados.
 - 5.3. - Males que estragam a vida.
 - 5.4. - Pecado: recusa do amor a Deus e aos irmãos.
 - 5.5. - Confissão: Sacramento da Penitência.
 - 5.6. - Perdão: o retorno à vida.
 - 5.7. - A Eucaristia nos une aos nossos irmãos.
 - 5.7. - A Eucaristia, mesa da partilha.
 - 5.7. - Eucaristia: comunhão com Deus.
- 6 – A comunidade se reúne para celebrar a vida e é chamada a comprometer-se com o Cristo.
- 6.1. - Na Celebração Eucarística – (Missa, parte por parte).
 - 6.2. - Na vivência fraterna com os mais necessitados.
 - 6.3. - Na comunhão com os diferentes ministérios.
- 7 – Comemorações e celebrações: tempo litúrgico, meses temáticos e temas trabalhados.
- 8 – Orações.

CATEQUESE PARA PRÉ-ADOLESCENTES, ADOLESCENTES E JOVENS

Como a catequese é um processo dinâmico e abrangente da educação da fé e não apenas uma instrução, ou preparação sacramental, é importante que as crianças, ao receberem o sacramento da Eucaristia, permaneçam na caminhada da comunidade. É um processo contínuo, em etapas sucessivas que levem à conversão, à fé em Cristo, à vida em comunidade, à vida sacramental, ao compromisso apostólico na linha de transformação da sociedade.

TEMAS SUGERIDOS PARA OS MÓDULOS I, II, III E IV

I – ADOLESCENTES MÓDULO I (10 E 11 ANOS)

1-SERGEANTE

- 1.1-Discriminação Social
- 1.2-Doação para o bem comum
- 1.3-Partilha (Dêem vocês mesmo de comer)
- 1.4-Humildade.
- 1.5-Perdão

2-BÍBLIA

- 2.1-Juizes
- 2.2-Reis
- 2.3- Os Profetas
- 2.4-Maratona Bíblica

3-O QUE É LITURGIA

4-FAMÍLIA

- 4.1-O que é família
- 4.2-Faço parte de uma família
- 4.3- Dia das mães
- 4.4- Dia dos Pais

5-VOCAÇÕES

- 5.1-O que é vocação.
- 5.2- Visitas (Mosteiros, Seminário etc. Deixando que façam perguntas livres).

6-O NOSSO PADROEIRO OU PADROEIRA

7-FOLCLORE

II – ADOLESCENTES MÓDULO II (12 e 13 anos)

1 - EU (A Pessoa do catequizando)

- 1.1-Puberdade
- 1.2-Sonhos
- 1.3-Liberdade e limites
- 1.4-Honestidade.

2 - SENTIMENTOS

- 2.1-Afetividade
- 2.2-Amizade
- 2.3-Sexualidade o que é (Gravidez precoce;masturbação)

3 - UNIVERSO

- 3.1-A Criação de Deus

4 - BÍBLIA

- 4.1-Gêneses

5 - ORAÇÃO

- 5.1- O que é rezar
- 5.2-Oração e compromisso

6 - JESUS

- 6.1-Jesus e o Reino de Deus
- 6.2-Jesus na sua vida

6 - COMUNIDADE

- 6.1-Comunidade: Conflitos
- 6.2- Fé sem obras
- 6.3-Dízimo,consciência da gratuidade

7-ANO LITÚRGICO E SUAS DIFERENTES VIVÊNCIAS.

8-FOLCLORE REGIONAL

II – ADOLESCENTES MÓDULO III (14 ANOS)

1-PESSOA

- 1.1-Ser em crescimento
- 1.2-Ser em liberdade
- 1.3-Ser em amadurecimento

2-VIDA

- 2.1-Carinho e afeto
- 2.2-Responsabilidade com a vida
- 2.3-Liberdade Religiosa
- 2.4-Maravilha e desgraça
- 2.5-Desafios da vida em sociedade
- 2.6-A vida ameaçada (aids ,drogas,alcoolismo)
- 2.7-Vida com Deus

3 - FAMÍLIA

- 3.1-Namoro
- 3.2-A família hoje: desafios e problemas/luzes e sombras
- 3.3-A família no Plano de Deus.(Ser cristão no mundo de hoje:testemunhar diante de um mundo moderno,da ciência e da tecnologia).

4 - UNIVERSO

- 4.2- Responsabilidade pela criação.
- 4.3-Política: o bem para a vida do universo
- 4.4-Um mundo melhor.

5 - BÍBLIA

- 5.1- Os Evangelhos.

6 - VOCAÇÃO

- 6.1- Qual a sua vocação.

7 - IGREJA

- 7.1-Igreja primitiva.
- 7.2-Igreja na idade Média.
- 7.3-Igreja na idade Moderna.
- 7.4-Igreja contemporânea.

8 - CRISTO

- 8.1-Cristo na Eucaristia

9 - LITURGIA E SEU CONTEXTO HISTÓRICO.

10 - MARIA

11 - FOLCLORE REGIONAL.

Para o módulo IV, segue como sugestão uma lista de temas, todos importantes. Devido ao tempo disponível, provavelmente nem todos poderão ser abordados. Escolhemos aqueles que consideramos os mais importantes dentro da nossa realidade.

Devemos ainda levar em consideração a duração da preparação. Uma boa preparação à Crisma não deveria durar menos que um ano. Pois ao receberem o sacramento da Crisma os jovens deveriam estar atuando nas pastorais, grupos de estudos Bíblicos e formação catequética, pelos quais fizeram opções em seus estágios.

IV – JOVENS MÓDULO IV (CRISMA)

1 - A PESSOA HUMANA.

- 1.1. Quem sou eu.
- 1.2. Somos pessoas imagem de Deus.
- 1.3. A busca de Deus pelo homem.
- 1.4. O homem no plano de Deus.
- 1.5. Afetividade/sexualidade (como a vivo, como é isso no projeto de Deus).

2 - FAMÍLIA

- 2.1. A vida em família.
- 2.2. Amizade.
- 2.3. Namoro.
- 2.4. Lazer.

3 - MATRIMÔNIO

- 3.1. Divórcio (problemas e anseios humanos; e projeto de Deus para felicidade maior).

4 - VÍCIOS

- 4.1 Drogas, bebidas e fumo.
- 4.2 Aids e doenças sexualmente transmissíveis.

5 - A BÍBLIA

- 5.1 A Bíblia: presença de Deus na História.
- 5.2 A-Bíblia: a palavra que compromete o homem.
- 5.3 Estágio dos catequizandos nas pastorais da comunidade ou Paróquia.

6 - A FÉ CRISTÃ

- 6.1 Fé: nossa resposta a Deus.
- 6.2 Jesus Cristo Salvador.
- 6.3 Evangelhos: a mensagem de Cristo.

7 - A MISSÃO DE CADA UM NO MUNDO DE TRABALHO

8 - A FÉ DIANTE DAS EXIGÊNCIAS DO DIREITOS HUMANOS.

- 8.1 A espiritualidade cristã.

9 - A ECOLOGIA E O RESPEITO À OBRA DE DEUS.

10 - SACRAMENTOS:

- 10.1 Sacramento: alimento para o compromisso de vida.
- 10.2 Batismo: uma identidade vivida no dia a dia.
- 10.3 O nosso compromisso com a Igreja.
- 10.4 O pecado: ruptura com Deus e a comunidade (Sacramento da reconciliação).
- 10.5 Ordem.
- 10.6 Unção dos Enfermos.

11 - SACRAMENTO DA CRISMA

- 11.1 O Espírito Santo na Igreja.
- 11.2 O sacramento da crisma.
- 11.3 Crisma, aprofundamento no compromisso.
- 11.4 Os dons do Espírito Santo.
- 11.5 O crismado e sua missão
- 11.6 Chamado a construir um mundo novo.
- 11.7 Engajamento dos catequizandos nas pastorais da comunidade.

12 - RELIGIÃO E RELIGIÕES

- 12.1 Ecumenismo.

13 - ESPÍRITISMO E CULTO AFRO-BRASILEIRO.

14 - EUCARISTIA: Um sinal de comunhão com Jesus e com os irmãos.

15 - VOCAÇÃO HUMANA e valores cristãos.

16 - A DOUTRINA SOCIAL DA IGREJA E A REALIDADE SOCIAL BRASILEIRA.

- Relembrando que cada tema deverá ser trabalhado dentro do princípio de interação fé e vida.
- A catequese deve sempre partir da experiência, das interrogações e da vivência dos catequizandos. Nossos adolescentes e jovens vivem uma realidade concreta, cheia de problemas, interrogações e angústias, mas também de esperança, de alegria, de amor.
- Qualquer assunto abordado deve partir, então, da experiência de vida dos jovens e adolescentes. Senão, a mensagem não os atinge, nem é assimilada.

V – SUGESTÕES DE LIVROS PARA SUBSIDIAR O PLANEJAMENTO:

SEMENTINHA

1. A criação e os pequeninos. (Arquidiocese de Manaus). Ed. Ave Maria.
2. Bem de...va...ga...ri...nho... (Lydia das Dores Defilippo). Ed. Vozes.
3. Somos crianças alegres. Ed. Vozes.

PRIMEIRA ETAPA

1. A criação e os pequeninos. (Arquidiocese de Manaus). Ed. Ave Maria.
2. Sementes de vida - 1ª fase (Diocese de Ponta Grossa). Ed. Ave Maria.
3. Um passo à frente. (Coleção "Deus conosco" - Lydia das Dores Difilippo). Ed. Ave Maria.

SEGUNDA ETAPA

1. Crescer em comunhão com Jesus Cristo - vol. II (Ana Maria Malechesck e outros). Ed. Vozes.
2. Fé - Vida - Comunidade - 1ª etapa (acompanhado do livro do catequista) - Diocese de Osasco. Ed. Paulus.
3. Meu nome é Jesus (Coleção Deus conosco - Lydia das Dores Difilippo). Ed. Vozes.
4. Primeiros passos. (Diocese de Caxias do Sul). Ed. Paulinas.
5. Sementes de Esperança (Diocese de Ponta Grossa). Ed. Ave Maria.

TERCEIRA ETAPA

1. Convidados para a Ceia. (Diocese de Caxias do Sul). Ed. Paulinas.
2. Crescer em comunhão com a Igreja - vol. III - (Ana Cristina Malechesck e outros) Ed. Vozes.
3. Fé - Vida - Comunidade - 2ª etapa (acompanhado do livro do catequista). Diocese de Osasco. Ed. Paulus.
4. Sementes de Comunhão - 3ª fase. (diocese de Ponta Grossa). Ed. Ave Maria.
5. Venha cear comigo (Coleção "Deus conosco" - Lydia das Dores Difilippo). Ed. Vozes.

ADOLESCENTES E JOVENS

- 1-Crescimento do jovem na comunidade cristã - Editora Salesiana.
- 2-Crisma - o sacramento da decisão - Editora Vozes.
- 3-Pastoral de Adolescentes, volume I - Ir. Gertrudes Balestieri (CSJ), Editora Vozes.
- 4-Idem Volume II.
- 5-Eu lhes darei o meu Espírito. Ed. Vozes - Lydia das Dores de Felipo.
- 6-Catecumenato Crismal: Gente em busca de algo mais. Ed. Paulinas - Lúcio Zorzi.
- 7-Encontro de Catequese nas comunidades (Crisma). Ed. Paulinas- Maria Lúcia de Carvalho Pagnocelli.
- 8-Encontro de Catequese nas Comunidades (Perseverança). Ed. Paulinas - Diocese de Lins.
- 9-Fortalecidos no Espírito. Ed. Paulinas.
- 10-Sementes de Participação, preparação para a crisma, 4ª fase - Ed. Ave-Maria.
- 11-Orientações para catequese da Crisma, Estudo da CNBB nº 61 -Ed. Paulinas.
- 12-Confirmados e Comprometidos - Centro catequético Diocesano, Diocese de Osasco- Ed. Paulus.

SUGESTÕES DE LIVROS PARA FORMAÇÃO DE CATEQUISTAS

1. Catequese Renovada - orientações e conteúdos. Documento 26 da CNBB.
2. Histórias da vida inteira. (Maria Tereza Maldonado) Ed. Saraiva.
3. Este mundo de Deus. (Terezinha Mota) Ed. Paulus.
4. A vida sem receitas. (Dr. Cristian Gauderer). Ed. Objetiva.
5. Quem é o catequizando? (Pe. Paulo César Gil). Ed. Vozes.
6. O Pentateuco. (Pe. José Carlos Forsatti). Ed. Vozes.

7. Formação inicial do catequista. (Diocese de Guaxupé).
8. Pedra em lapidação, catequista em formação. (CNBB - Secretariado Regional Leste II).
9. Espiritualidade do catequista. (CNBB - Secretariado Regional Leste II - Setor Catequese).
10. Diálogo e Ecumenismo (CNBB - Secretariado regional Leste II - Setor Catequese).
11. Orientações para celebrações litúrgicas e catequéticas. (CNBB - Secretariado Regional Leste II - Setor Catequese).
12. Afetividade e catequese. (CNBB - Secretariado Regional Leste II - Setor Catequese).
13. Catequese para um mundo em mudança - Versão popular simplificada. (CNBB - Dimensão Bíblico-Catequética).
14. Gênesis 1 a 11 na catequese. (Inês Broshuis e Ir. Dazir da R. Campos) Ed. Paulus.
15. Formação contínua dos catequistas - importância, prioridade, compromisso. (Diocese de Osasco). Ed. Paulus.
16. Nova etapa- A educação da fé na faixa etária dos 11 aos 18 anos - adolescentes (Diocese de Osasco). Ed. Paulus.
17. O novo tipo de catequista. (Fr. Bernardo Cansi). Ed. Paulinas.
18. Bíblia no Antigo Testamento - uma história amargamente doce. (Mário Antônio Betiato) Ed. Vozes.
19. O encontro de catequese. (Marilac L.R. Oleniki e Léo M. R. Machado). Ed. Vozes.
20. Ser catequista. (Pe. Assis Moser e Pe. André Biernaski) Ed. Vozes.
21. Introdução à Bíblia. (Pe. José Carlos Fonsatti). Ed. Vozes.
22. Os sacramentos- fonte de vida da Igreja. (Pe. Gilson César de Camargo). Ed. Vozes.
23. Para você, catequista (Inês Broshuis). Ed. Vozes.
24. Educação da fé: Gênesis 1 - 11 - formação de catequistas e catequese de adultos. (Diocese de Osasco) Ed. Paulus.
25. Diretório Geral para a Catequese. (Congregação para o clero). Ed. Paulinas.
26. Metodologia - fé e vida caminham juntas em comunidade. (Diocese de Osasco). Ed. Paulus.
27. Sinal do Reino - Temas fundamentais para uma catequese renovada. (Inês Broshuis). Ed. Vozes.
28. Livros históricos. (Pe. José Carlos Fonsatti). Ed. Vozes.
29. O profetismo. (Pe. José Carlos Fonsatti). Ed. Vozes.
30. A Igreja: das origens ao Vaticano. (Pe. Eugênio Dirceu Keller). Ed. Vozes.

LIVROS COM SUGESTÕES DE DINÂMICAS

1. Você não é uma ilha. (Miguel González). Ed. Paulinas.
2. 100 coisas maravilhosas para manter as crianças ocupadas e diverti-las. (Pam Schiller e Joan Rossano). Ed. Paulus.
3. Brinquemos com o corpo e a imaginação. (Lidia Vasquez). Ed. Paulus.
4. Catecriando. (Diocese de Osasco). Ed. Paulus.
5. Brincando na catequese. (Rogério Beline). Ed. Paulinas.
6. Como fazer dinâmicas. (José Eduardo Bittencourt e Sérgio J. de Souza). Ed. Ave Maria.
7. Vivendo e convivendo. (Natália Maccari). Ed. Paulinas.
8. Caixa de surpresas - criatividade para celebrações com crianças. (Rogério Bellini e Fernando Barreto). Ed. Paulus.
9. Recriando experiências. (Instituto da Pastoral da Juventude - Leste II). Ed. Paulus.
10. Dinâmicas de grupo. (Centro de pastoral Popular).
11. Dinâmicas de recreação. (Silvino José Fritzen). Ed. Vozes.
12. Arte de criar. (Paolo Parise). Ed. Paulinas.

ÍNDICE

PRIMEIRA PARTE ***Estrutura e organização da pastoral***

	<i>Página</i>
I. O ministério da catequese na igreja.....	5
II. Organização da catequese.....	5
III. A pessoa do catequista.....	6
IV. O Grupo de catequistas.....	8
V. A coordenação da catequese.....	9
VI. O planejamento da ação catequética.....	14
VII. Como organizar a catequese na comunidade.....	15
VIII. Etapas da Catequese.....	16

SEGUNDA PARTE ***Métodos e conteúdos da catequese***

	<i>Página</i>
I. Objetivo da catequese.....	17
II. Os encontros de catequese: o método catequético.....	17
III. Conteúdos da catequese.....	19
IV. Os objetivos e os temas da catequese, por etapa.....	20
V. Sugestões de livros.....	29